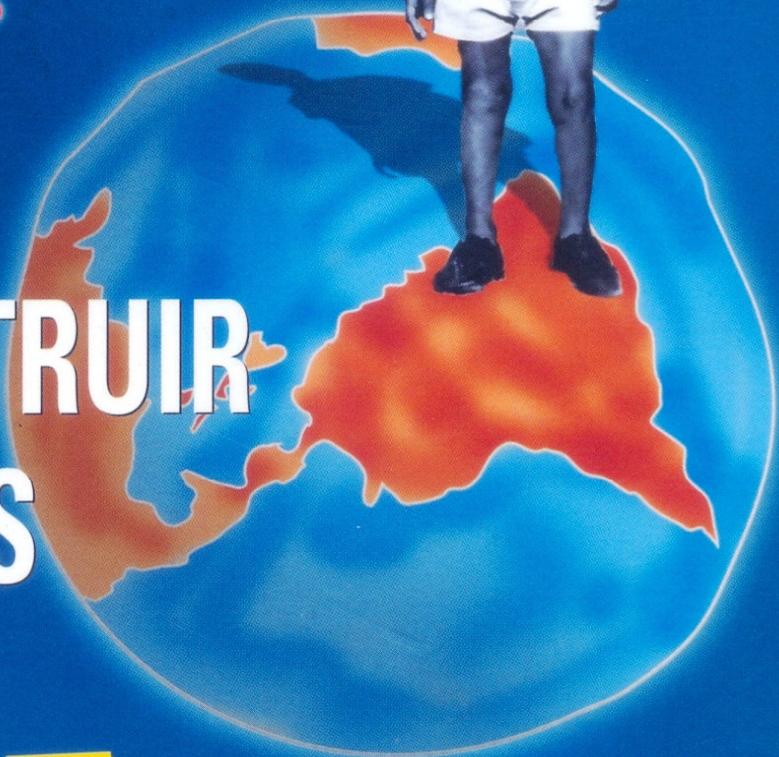


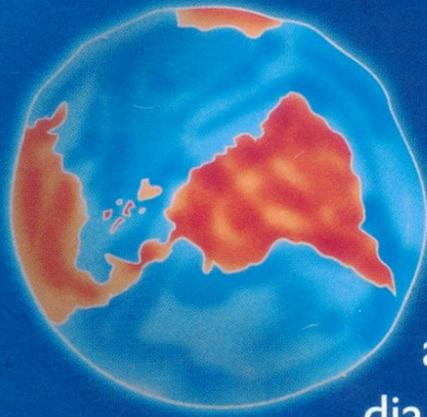
Roberto Carlos Ramos

**A ARTE
DE CONSTRUIR
CIDADÃOS**



**AS 15 LIÇÕES
DA PEDAGOGIA
DO AMOR**

Celebris



“Meu nome é Roberto Carlos Ramos, sou negro, gosto de sorrir para as pessoas e para a vida... Mas já tive febre um dia, não tive em muitas ocasiões comida, fiquei muitos anos longe das escolas e só fui alfabetizado aos catorze anos. Menino de rua na minha cidade, passei por vários orfanatos e internatos, dos quais fugi cento e trinta e duas vezes e acabei sendo tachado de irrecuperável com apenas nove anos. A mudança em minha vida, à qual denomino “um acontecimento extraordinário”, se deu graças a uma educadora francesa, uma mulher fantástica que, como mãe, professora e fada que era, me ensinou as 15 lições fundamentais que mudaram completamente meu destino. Não se trata de magia, filosofia ou misticismo. Trata-se da minha própria história. E, para provar a verdade do que aqui escrevo, contarei o que se passou não como um contador de histórias que sou, mas como narrador e personagem dessa técnica fantástica de transformar seres humanos em pessoas extraordinárias. Técnica essa que batizei de *Pedagogia do Amor*.”

Celebris

www.celebris.com.br

ISBN



9 788589 219372

Roberto Carlos Ramos

A ARTE DE CONSTRUIR CIDADÃOS

AS 15 LIÇÕES DA PEDAGOGIA DO AMOR

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
Lição n° 1 -NOÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO	8
Lição n° 2 -NOÇÃO DE AUTO-ESTIMA	16
Lição n° 3 -NOÇÃO DE RELACIONAMENTO	26
Lição n° 4 -NOÇÃO DE RECIPROCIDADE	37
Lição n° 5 -NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE	42
Lição n° 6 -NOÇÃO DE SOLIDARIEDADE	47
Lição n° 7 -NOÇÃO DE HUMILDADE	49
Lição n° 8 -NOÇÃO DE FELICIDADE	53
Lição n° 9 -NOÇÃO DE CONVIVÊNCIA	57
Lição n° 10 -NOÇÃO DE TOLERÂNCIA	65
Lição n° 11 -NOÇÃO DE SENSIBILIDADE	69
Lição n° 12 -NOÇÃO DE FAMÍLIA	74
Lição n° 13 -NOÇÃO DE CONTINUIDADE	77
Lição n° 14 -NOÇÃO DE “EXTRAORDINARIEDADE”	81
Lição n° 15 -NOÇÃO DE MAGNANIMIDADE	86

INTRODUÇÃO

Há muito tempo as pessoas vinham insistindo comigo para que eu escrevesse a minha história de vida, pois, segundo diziam, ela poderia estimular os leitores a uma postura mais feliz e mais crítica perante a própria vida. E eu sempre quis escrever um livro que começasse com um parágrafo épico do tipo: “Eu sou Roberto Carlos Ramos, do clã dos Ramos, da décima geração desde a chegada dos meus ancestrais a estas terras...”, mas a verdade é que minha família nunca pertenceu a um clã. Meus pais, negros, são pessoas comuns, humildes e moradores de uma grande favela da minha cidade, Belo Horizonte. Pela própria simplicidade, meus pais perderam o contato com a história dos nossos avós e ancestrais, de forma que não sei direito dizer quem foram. Não sei contar se vieram para cá em caravelas portuguesas, em porões de navios, ou mesmo fugidos do Egito. Tudo o que sei é que meus pais foram e são pessoas boníssimas, pobres e fantasticamente éticas, e, por não terem história para me contar; escrevo então a nossa história com base na minha vida, pelo menos para que parte dela não se perca.

Então começo assim a minha história de vida: meu nome é Roberto Carlos Ramos, sou negro, gosto de sorrir para as pessoas e para a vida, moro numa casa grande de três andares, no alto de uma colina, tenho uma linda piscina, dois carros muito bons — um até é importado —, uma linda casa de campo, um apartamento na praia, um bom escritório. Tenho também treze filhos, apesar de ser solteiro. Sou mestre em educação por uma das melhores instituições universitárias do país e tenho bons amigos. Mas já tive febre um dia, não tive em muitas ocasiões comida, fiquei muitos anos longe das escolas e só fui alfabetizado aos catorze anos. Menino de rua na minha cidade, passei por vários orfanatos e internatos, dos quais fugi cento e trinta e duas vezes e acabei sendo tachado de irreversível quando tinha apenas nove anos. Já cheirei cola de sapateiro e fumei maconha. Até os dez anos mijava na cama. Tive piolhos no cabelo e catarro escorrendo pelo nariz. Mas aos treze anos algo extraordinário me ocorreu e meu destino mudou drasticamente. Eu estava física e espiritualmente machucado ao ter-me envolvido numa briga com uma gangue de meninos de rua. Fui espancado e estuprado por uns cinco garotos maiores do que eu, o que me rendeu uma tentativa, felizmente frustrada, de suicídio e setenta e dois pontos pelo corpo afora.

A mudança em minha vida, à qual denomino “um acontecimento extraordinário”, se deu graças a uma educadora francesa, uma mulher fantástica que, como mãe, professora e fada que era, me ensinou a diferença da vida dos seres humanos e me deixou de herança uma varinha de condão, que é uma fórmula maravilhosa que permite mudar a vida das pessoas e o que se deseja Muda até mesmo o próprio destino.

Adolescente complicado como eu era aos treze anos, foram necessários sete anos de um curso intensivo para que eu assimilasse as quinze lições fundamentais e o manuseio dessa fórmula. Quinze simples lições que ao serem combinadas mudaram completamente a minha vida. Não se trata de magia, filosofia ou misticismo. Trata-se da minha própria história. E, para provar a verdade do que aqui escrevo, contarei o que se passou não como um contador de histórias que sou, mas como narrador e personagem dessa técnica fantástica de transformar seres humanos em pessoas extraordinárias. Denomino essa técnica *Pedagogia do Amor*.

Relaciono aqui os quinze elementos utilizados no processo de minha transformação. Para algumas pessoas, nada mais são do que noções básicas. Para outras, dicas fantásticas que, ao serem utilizadas, transformam os seres humanos. Ao mesmo tempo em que conto a minha história, tentarei mostrar como essas noções me foram fundamentais no curso real da minha vida. Assim dividi o livro nas seguintes partes:

Noção de tempo e espaço

O que eu toco é real. A grande arte é fazer do toque um ato emocional.

Noção de auto-estima

O mundo é feito de dois tipos de pessoa: aqueles que choram e aqueles que vendem lenços.

Noção de relacionamento

A palavra fere mais do que faca afiada.

Noção de reciprocidade

A toda ação corresponde uma reação igual e contrária, ou enquanto eles socam o meu olho, meu olho soca a mão deles.

Noção de espiritualidade

Deus, Alá, Jeová, Buda, Maomé, Oxalá... a palavra que todos falam é "Sim".

Noção de solidariedade

O momento certo para pescar e a isca adequada para usar

Noção de humildade

Força + fôlego + flexibilidade = pessoas fantásticas

Fraqueza + fadiga + ferrugem = pessoas falidas.

Noção de felicidade

Não queira ensinar se não estiver disposto a aprender.

Noção de convivência

Bonjour, madame! Bonjour, monsieur! Quem oferece flores fica com as mãos perfumadas.

Noção de tolerância

Quando a gente chuta uma pedra, a gente xinga ou sorri -As duas reações é que fazem a grande diferença entre os seres humanos.

Noção de sensibilidade

As uvas são sempre iguais, mas as mãos que as colhem e as pessoas que as chupam fazem o sabor diferente.

Noção de família

Ninguém nasce do ovo ou do repolho, nem da cegonha. Sempre existiu uma história.

Noção de continuidade

Sozinhos não existimos. Meu pai contou para mim, eu vou contar para os meus filhos e para os meus netos. Só assim a gente não esquece.

Noção de "extraordinary"

A diferença do comum ou ordinário para o extraordinário está no algo mais denominado "extra".

Noção de magnanimidade

Cada um dá o que tem de melhor

Bem certo de que tais noções por si só não transformam o indivíduo, digo que a combinação delas é surpreendente. Como mestre em educação, tive dúvidas se colocaria aqui uma décima sexta noção, que considero a mais importante e fundamental, sem querer ser piegas ou acusado de charlatão, porque até o momento em que escrevia este livro faltou-me fonte acadêmica, ou dela nunca tinha ouvido falar nas escolas de nível superior Talvez por ser um substantivo abstrato, difícil de ser teorizado ou dissertado. Por isso me faço valer do senso comum, ou do notório saber popular que nunca viu Deus, mas tem certeza indubitável de que Ele existe. E é graças a esse elemento, que permeou os outros anteriores, é que escrevi

este livro.

Desculpem-me os amigos doutores e demais acadêmicos, mas me atrevo a falar desse elemento, para não ser hipócrita e afirmar que basta a combinação de alguns fatores para obter determinado resultado. Quando se trata de seres humanos, há que observar um outro fator de vital importância, fator esse responsável pelos milagres na medicina e na engenharia, pelas proezas de alguns juristas nos casos impossíveis, pela beleza que alguns artistas nos proporcionam, ou pela grandeza de algumas pessoas que fazem coisas simples acabam sendo diferentes. E porque ao embeberem tais ações nesse elemento dão o verdadeiro *show* humano, que acredito agora ser o grande motivo da nossa existência aqui.

E um elemento que só é passado para as coisas e pessoas quando se está pleno dele. Ele só é válido ou utilizável quando transborda, tem cheiro peculiar que provoca bem-estar, tranquilidade, e de gosto ímpar na percepção humana. E é tão antigo e anterior à nossa existência que, como contador de histórias, não poderia deixar de citá-lo. Foi graças a Ele que o tal verbo se fez carne e tudo começou.

Desculpem-me, colegas de trabalho, cientistas e demais colaboradores e fãs, mas me atrevo sim a falar desse substantivo abstrato intraduzível que permeou e permeia a minha vida e existência: o tal de “Amor”.

Então vamos à minha história...

A foto seguinte mostra Roberto Carlos, aos quatro anos, na favela onde nasceu.

LIÇÃO Nº 1

NOÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO

O que eu toco é real. A grande arte é fazer do toque um ato emocional.

A GÊNESE...

IDÉIA: COLOCAR O FILHO NO OMBRO OU ESTIMULÁ-LO A SUBIR NO BARRANCO
PARA QUE VEJA AS COISAS DE CIMA



Eu nasci numa favela de Belo Horizonte, a Pedreira Prado Lopes. Parte de uma família muito grande, eu era o caçula de nove irmãos. Morávamos num minúsculo barraco de dois quartos, uma sala e uma cozinha. As paredes eram de madeira e o telhado, de zinco. Nos momentos de descontração e na minha resignação ingênua de menino acostumado a pequenos espaços, dizia que minha casa era tão quentinha por dentro que, se alguém ali entrasse com um pão de queijo cru pela sala, ao chegar à cozinha ele já estaria assado. O teto de zinco esquentava de tal maneira o nosso lar que nos dias mais quentes de verão passávamos o tempo todo na rua, próximo à casa.

O tempo dessa fase da minha infância era ocupado por brincadeiras diversas, entre as quais a que me dava mais prazer era soltar pipa. Eu sempre confeccionava, junto com meus amigos, pipas com armação de bambu coberta com plástico branco e colocava uma rabiola de cinco bambolins. Ainda que, em certos períodos, quase não houvesse vento, eu adorava correr de um lado para outro na rua tentando empinar as pipas. Para mim era um belo pretexto para me afastar nem que fosse um pouquinho, da porta da minha casa. Assim teria oportunidade de ver o movimento das pessoas nas ruas da favela: algumas correndo apressadas, outras sentadas nas portas das casas jogando conversa fora. Via pessoas carregando frangos vivos nas mãos para vendê-los, empurrando carrinhos de pedreiro, mulheres com lenços brancos na cabeça estendendo roupas no varal, homens encostados nos balcões dos bares e das pequenas mercearias, outros jogando sinuca e mais outros bebendo compulsivamente a ponto de cair no chão por causa da embriaguez. Os bares eram poucos e pouca coisa tinha: algumas garrafas de bebidas coloridas, lingüiças, pães e biscoitos. Mas eram aqueles baleiros coloridos o que mais encantava a mim e a todas as outras crianças da favela. As vezes eu gostava de entrar nas mercearias, que eram poucas e minúsculas. Seus proprietários ansiavam por ver o caixa — que na verdade era uma caixa de sapato — cheio de dinheiro e as prateleiras de madeira repletas de mercadorias. Latas de sardinha, de salsicha, de azeitonas, sacos de pipoca, cocadas morenas e bombons Sonho de Valsa. Nessas minhas andanças com minha pipa que eu mal conseguia empinar eu tinha a sensação de que fazia um grande percurso. Mas não passava dos limites das ruas mais próximas, e na maior parte das vezes brincava sempre em frente da porta de minha casa.

Nada me trazia mais felicidade do que o encontro com a Comadre Verdureira, uma senhora negra, alta, que carregava sempre na cabeça um balaio cheio de couve, alface, almeirão, salsa e cebolinha. De vez em quando carregava algumas dúzias de laranja-baía, que meus pais nunca compravam porque não tinham dinheiro. Eu sentia o cheiro das laranjas de longe. Era comum a Comadre Verdureira parar em frente da nossa casa com o balaio de verduras. Ela batia palmas e sempre nos pedia água para beber. Ela era uma mulher muito trabalhadora, como minha mãe sempre dizia.

Eu, que sempre ouvia um vizinho, que ficou louco, berrando pelas ruas, com a Bíblia debaixo do braço, que em breve o mundo iria se acabar em chamas, sonhava com esse momento para dar o meu golpe final: embora a Comadre Verdureira fosse uma senhora muito trabalhadora, isso não me impediria de afanar sorrateiramente algumas laranjas enquanto o mundo estivesse ardendo em chamas. Seu Antônio, dono de um bar, também seria outra das minhas vítimas. Quando o fogo começasse a arder; eu, mais que espertamente, iria pular o balcão dele e não me escapariam as cocadas morenas, os doces de amendoim e os belos dropes coloridos. Mas o mundo não se acabou como tinha previsto o nosso escandaloso vizinho. Completei meus seis anos, e não chupei as laranjas da Comadre Verdureira, nem comi os doces do bar de Seu Antônio.

Nesse tempo dos seis anos levava uma vida muito normal e agradável. Assim eu pensava, porque

não havia despertado em mim o espírito crítico com relação às misérias do cotidiano. Eu não tinha outro objeto de comparação. Sendo a minha única referência espacial a favela onde tinha nascido e morara até então, notava que ali havia algumas pessoas “mais ricas”. Eram aquelas que tinham um barraco de três cômodos e um banheiro só para elas. Na minha casa todos nós usávamos um banheiro coletivo que ficava num barraco externo e havia sido construído para ser utilizado por quatro ou cinco famílias dos barracos mais próximos. Nesse período da minha infância eu tinha os domingos como os dias mais especiais da vida. Aguardava ansioso pela chegada de cada domingo, ainda que mal começasse a semana. E que nesse dia eu sentia um cheiro diferente, um gosto diferente - a começar pela comida. Era aos domingos que comíamos frango e maionese ou às vezes macarronada. Nesse dia também assistíamos ao programa do Silvio Santos na casa de um vizinho, o Seu José.

QUEM TINHA UM TELEVISOR ERA RICO, QUEM TINHA DOIS ERA MILIONÁRIO, QUEM TINHA TRÊS ERA LADRÃO...

Seu José era considerado o morador mais rico da favela, pois havia comprado a primeira televisão que chegou por lá. Era um aparelho em preto-e-branco, e eu me lembro muito bem de quando a novidade chegou à favela. As pessoas saíram correndo para ver a tal da televisão. Algumas pessoas não acreditavam que *aquela coisa* funcionasse. Um aglomerado de gente se juntou diante da porta do barraco de Seu José no afa de conhecer o aparelho que era “coisa para rico”, como costumava ouvir dos meus pais, dos meus irmãos e dos outros vizinhos. Esse simples episódio da chegada da televisão à Pedreira Prado Lopes foi para mim muito importante porque me levou a refletir sobre algumas questões que se tornaram muito importantes na minha vida. Nessas minhas andanças pelos pequenos limites da favela, para empinar pipas e para observar os seus moradores, fui construindo uma pálida noção espacial que se desenvolveu com o episódio da chegada do aparelho de televisão à casa do nosso vizinho.

No dia da estréia do televisor os moradores da favela correram para a casa do Seu José. Alguns puderam entrar, se acomodar e conseguir um bom lugar em frente do aparelho. Mas a casa dele não comportava tanta gente, de modo que outros ficaram do lado de fora para assistir à programação da televisão pela janela da sala que dava para a rua. Eu não conseguia ver direito porque era muito pequeno e não dava para disputar com as crianças maiores e os adultos. As pessoas estavam aglomeradas na porta, e eu tratei logo de procurar um ponto estratégico. Subi no alto de um barranco, a alguns metros da casa do vizinho, e foi com seis anos que eu descobri que em qualquer momento de confusão e de conflito nós devemos buscar um ponto elevado. Esse ponto pode ser físico ou espiritual, Quando houver alguma confusão saia dela... até numa briga isso pode dar certo.

Do alto do barranco vi não só a televisão do vizinho, mas as pessoas se acotovelando, e enxergava também a cidade de Belo Horizonte, e a coisa mais interessante é que descobri que não era só o meu vizinho que possuía televisor mas outras pessoas também, e percebi que eu também poderia ter o meu próprio aparelho. Assim, aos seis anos fiz uma projeção para o meu futuro: quando tiver quinze anos e for bem rico vou comprar dez televisões. Vou colocar quatro dentro de casa, duas no portão, uma no galinheiro porque as galinhas também tinham direito — vamos socializar. Eu sempre pedia para o meu pai que comprasse uma televisão, e ele me dizia:

-Meu filho, quem tem televisão é rico.

E eu perguntava:

-E quem tem duas televisões?

-É milionário!

-E quem tem três? — insistia eu nas perguntas.

-É ladrão! Então, não vá à casa de pessoas que têm três televisões — alertava-me meu pai.

Foi esse simples episódio da televisão que despertou em mim uma noção de tempo e de espaço. Percebi que meu mundo girava somente em torno da favela, mas o mundo não era só a favela. Do alto do barranco pude ver toda uma cidade com as suas luzes acesas e seus aparelhos de televisão ligados. Percebi que o melhor ângulo para observar o mundo é de cima porque assim podemos obter uma visão panorâmica das coisas. Para mim foi importante subir naquele barranco e observar a cidade. Mas essa não foi a única lição que aprendi com base na observação daquele aglomerado de pessoas em frente do televisor do Seu José.

O episódio da chegada da televisão à casa do Seu José me estimulou a refletir também sobre o fato de que existem dois tipos de pessoas: as otimistas e as pessimistas. As otimistas eram aquelas que buscaram logo incentivar o Seu José a ligar o aparelho. Eles insistiam:

Liga, Seu Zé, vamos ver a novidade que o senhor comprou.

As pessimistas, por sua vez, eram aquelas que temiam a novidade. As vezes gritavam:

-Cuidado que isso pode explodir!

Outras exageravam ainda mais:

-Isso é coisa do capeta! Não liga isso, não!

Quando Seu José colocou a tomada na parede e ligou o aparelho, todos ficaram aguardando com uma enorme expectativa, pois a imagem demorava alguns segundos para aparecer. Então apareceu a estrelinha branca na tela cinza, e os pessimistas gritavam:

-Vai explodir!

Enquanto isso os otimistas aplaudiam com euforia. Após um tempo que parecia muito longo por causa da grande expectativa de todos nós, apareceu a imagem, e as pessoas exclamavam, surpresas: “Ohhhh!”

Eu observava aquelas pessoas torcendo e vibrando com a novidade, enquanto outras insistiam em ver apenas o lado negativo de tudo. As pessimistas não se permitiam compartilhar da felicidade alheia. Pelo contrário, buscavam arrastar as pessoas para o seu poço de infelicidade. Ainda criança comecei a perceber que eu fazia coro junto com as pessoas mais otimistas. Vibrava para ver o aparelho de televisão ser ligado. Quando notei que o espaço era pequeno para conter tanta gente, resolvi dar um jeito de garantir o meu espaço. Então segui em direção ao barranco. O simples episódio me fez refletir sobre uma noção de tempo e de espaço e, por outro lado, me fez refletir também sobre a importância de se posicionar na vida com otimismo, de maneira que conquiste coisas boas e acredite sempre que o melhor está por vir.

Com relação ao meu plano de comprar dez televisões quando fizesse quinze anos e me tornasse bem rico, tive de adiá-lo porque a minha família não me esperou completar quinze anos para que eu tirasse todos da miséria. Quando completei seis anos, lembro que o frango do domingo desapareceu de casa, depois foi a vez de a maionese sumir. Não entendia bem por quê, mas entramos num período de grande escassez, e a partir daí é que começou a aparecer na nossa casa a canjiquinha, que é um milho moído, e

comíamos canjiquinha no almoço, canjiquinha no jantar e canjiquinha até no café da manhã. Até que um dia a canjiquinha ficou mais rala e até ela começou a faltar. Meu pai tinha ficado desempregado, e o pouco de dignidade que minha família possuía estava agora ameaçada pela extrema miséria causada por um pai desempregado.

Foi minha mãe que chegou com uma novidade:

-Meu filho, arruma suas coisas que você vai para a escola. Você vai aprender a ler e escrever, vai ter muitos coleguinhas, vai ter merenda todo dia.

E eu, muito feliz, perguntei para minha mãe:

-Que escola é essa?

E ela me respondeu:

-É a escola da Febem.

Eu peguei algumas coisinhas que tinha e coloquei-as na minha sacola, que era de uma grande loja de Belo Horizonte chamada Casa Guanabara, uma loja para quem tinha dinheiro. E eu, com orgulho, carregava a minha sacolinha da Casa Guanabara como se fosse uma mochila. Coloquei algumas roupas na sacola e ao partir para a escola descia a favela anunciando para todos: "Oi, Dona Maria, estou indo para a Febem"; "Oi, Seu José, estou indo para a Febem"; e todos me olhavam com uma cara de piedade, e eu pensava: "Eles devem estar com inveja porque os filhos deles não podem ir para a Febem".

Quando chegamos à cidade minha mãe me comprou um saco de pipocas. Naquela época a coisa mais difícil era a minha família comer pipocas no dia de semana. Nós comíamos pipoca somente após a missa de domingo e ainda assim minha mãe comprava um saquinho só para dividirmos entre nós. Então, cada um ganhava alguns baguinhos de pipoca. Os meus irmãos, que não tinham muita perspectiva de futuro, colocavam todos os baguinhos na boca de uma só vez. Eu não comia logo a pipoca. Colocava uma de cada vez na boca e ficava chupando em vez de mastigar para sentir o gosto daquilo de que tanto gostava. Meia hora depois que meus irmãos já não sentiam mais o gosto de suas pipocas, eu estava terminando de comer as minhas. Naquele dia então eu tinha um saquinho inteiro só para mim e comecei a sentir que a minha vida estava mudando, pois pensava: "Estou comendo pipoca e nem é domingo. Além do mais, tenho um saquinho só meu".

Entramos no ônibus, e minha mãe começou a me descrever o que era a Febem. Mas naquele momento aconteceu algo que só fui perceber muito depois. E o que chamamos de "problema de comunicação". Uma coisa é aquilo que falamos: outra, aquilo que as pessoas entendem. Nem sempre aquilo que falamos é interpretado corretamente, nem sempre quando as pessoas nos falam alguma coisa nós entendemos corretamente. Daí é que vem o erro. Minha mãe me falava sobre aquela escola na linguagem de mãe, de pessoa adulta, e eu entendia tudo na imaginação de um menino de seis anos, cheio de fantasias. Eu entendia que a Febem era como um castelo encantado, com pontes levadiças, muros de algodão-doce e belas mulheres na porta cantando e dançando para nos receber.

Só que não foi bem assim. Quando chegamos àquela que funcionava no Barreiro, um bairro bem distante da favela onde morávamos, vi que ela tinha um muro cinza de três metros de altura e mais três metros de grade por cima. Dois porteiros em trajes policiais montavam guarda em frente do portão de entrada de grades de ferro retorcido em forma de ramas de café. Tempos depois soube que ali havia funcionado um hospital psiquiátrico. Os especialistas, por sua vez, achavam que aquele era um local ideal para educar crianças.

De qualquer forma, ao chegar àquele lugar, não rompi de tudo com a minha antevisão fantástica de um possível castelo de conto de fadas, embora já houvesse começado a desconfiar que aquilo não era bem o que eu pensava ou esperava ser. Quando o portão se abriu ouvi um barulho como se fosse mesmo de um castelo, com aquele som de portão enferrujado, e logo pensei: “E como os portões das historinhas”. Quando entramos, senti que o portão se fechou com um som daqueles dos filmes de terror. Aí se iniciou uma fase obscura da minha vida que costumo identificar como o início do meu contato com as pessoas incompetentes. Descobri a partir desse dia que o mundo é composto por pessoas competentes e por pessoas incompetentes, ou seja, pessoas que nos motivam e pessoas que nos podam. Naquele momento passei a perceber que há uma grande diferença na postura das pessoas perante a vida. As pessoas competentes são aquelas que vestem a camisa e, apesar das dificuldades, dos salários baixos, acreditam e estão sempre buscando algo melhor. As pessoas incompetentes são aquelas cuja crença no trabalho se restringe apenas ao valor do salário e pensam que se não ganham bem não vale a pena um esforço maior além do cumprimento formal da sua carga de trabalho. Assim começou o meu contato com as pessoas incompetentes. Eu sempre falo muito nesses profissionais que conheci naquela época e gosto de frisar que os critico com base na minha própria vivência e experiência de observação. Dessa maneira critico aquele tipo de profissional que conheci no contexto de minha ida para a escola. Aquela escola em particular com seus péssimos educadores, assistentes sociais, medíocres médicos e psicólogos incompetentes. Entretanto, não critico as profissões, que julgo dignas e necessárias, desde que cumpridas conforme o nível de competência exigido.

Logo que cheguei fui atendido por uma assistente social. Naquele tempo comecei a reconhecer a importância das assistentes sociais pelo colar de pérolas que usavam. Quanto mais volta dava o colar de pérolas no pescoço, mais importante era a assistente social na hierarquia da instituição. A assistente social que me atendeu desde o primeiro dia usava um colar de pérolas de três voltas e um perfume que, com certeza, não era um Chanel número 5. Devia ser um Chanel 300, tão forte seu odor se anunciava meia hora antes da chegada dela. Ela não andava pela escola — flutuava. Não se encostava em nada para não se sujar. Desse modo ela se aproximou de minha mãe e de mim e disse com sua forçada simpatia, apertando minhas bochechas:

-Que bonitinho!

E sem mais tocar em mim perguntou:

-Como você se chama?

-Roberto Carlos — respondi timidamente e bem baixinho.

-Que lindo nome, Henrique. Tá bom, José! Tome este carrinho, esta camiseta e vai brincar pra lá.

Em uma curta frase ela me chamou por dois nomes que nada tinham que ver com aquele que eu havia acabado de dizer para ela. Afastei-me um pouco, e ela entrou para uma sala para conversar com minha mãe. Percebi que minha mãe estava com um ar muito triste ao conversar com aquela tal assistente social. Assim resolvi não me afastar muito da porta daquela sala. Num curto espaço de tempo, quando olhei novamente para dentro, minha mãe já se dirigia para uma outra porta que dava para a parte externa da Febem. Pensei que ela estivesse se esquecendo de mim e corri em sua direção. Quando a vi atravessar o portão, gritei: “Mãe”. Ela parou e olhou para mim com um olhar melancólico, porém resignado. Nesse momento veio um guarda e me segurou. Ao agarrar o meu braço, perguntou:

Aonde você vai?

Vou voltar para casa com a minha mãe — respondi enquanto apontava para minha mãe, e

completei:

- Eu moro com ela.

Secamente, ele me disse:

-Você vai ficar! Você vai morar aqui a partir de agora!

Aquilo me pareceu uma brincadeira muito sem graça, e a única coisa que me veio à cabeça foi começar a gritar:

-Mãe! O moço está me segurando.

-Minha mãe olhou para trás. Logo em seguida veio a assistente social que usava o Chanel 300 e lhe disse:

-Pode ir embora, não se preocupe, todos eles fazem essa birra mesmo. Log, logo se acostumam e ficam bem.

Foi nesse momento que vi minha mãe entrando no ônibus. Quando vi a fumaça preta saindo do escapamento do ônibus me deu um grande desespero. A minha mãe estava indo embora e me deixando para trás. Berrei desesperadamente, com tudo o que tinha direito. Estava eu lá chorando, com o portão da minha nova escola trancado. O ônibus foi desaparecendo, e eu fiquei segurando na grade, berrando, enquanto minha cabeça entrava num turbilhão elétrico de desespero.

A assistente social veio se dirigindo para o meu lado, e eu pensei: 'Ah! lá em casa quando eu quero alguma coisa é só fazer birra que a minha mãe me dá!' Assim, pensei em utilizar o mesmo recurso na tal Febem. Quem sabe daria certo. Fiquei lá berrando, e a assistente social veio se aproximando cada vez mais. Ela sorria e, ao chegar bem próximo de mim, colocou o dedo em riste no meu nariz, deixou o sorriso de lado e me disse com firmeza:

-Menino, cala a boca agora! Pega o seu carrinho e vá brincar longe do portão.

Ela me disse aquilo de forma tão áspera que eu não questioneei mais nada. Engoli o choro e, mais que depressa, peguei o carrinho que tinha ganhado de presente e comecei a brincar com ele no chão do pátio. Brinquei tanto com aquele carrinho que gastei as quatro rodinhas passando-o no cimento. Não conseguia sequer olhar para aquela mulher. Sufoquei ali o meu choro porque naquele instante me vi absolutamente sozinho, completamente abandonado e desesperadamente sem saber o que se passava. Aquela mulher que à primeira vista me pareceu um anjo apertando as minhas bochechas e me oferecendo presentes, estava se manifestando como uma verdadeira madrasta do meu conto de fadas. De vez em quando ela aparecia para ver se eu estava brincando, e mais que depressa, para mostrar obediência, eu lhe dizia:

-Olha, eu estou brincando!

Dormi a primeira noite naquela escola como faz toda criança que é levada para uma ambiente diferente. Estava distante da minha casa, dos meus pais e dos meus irmãos. Não conhecia ninguém e não tinha nenhuma idéia clara do que poderia me acontecer ali. Estava inconformado e fiquei choramingando. O dormitório era grande e comportava entre trinta e quarenta meninos. Nesse local sempre entrava um instrutor e quando ouvia alguém choramingando dizia com sua voz áspera e rígida:

-Quem está miando aqui neste dormitório?

Quando ouvia seus passos se aproximando eu mordia os lábios para ele não ouvir o meu choro e fingia que estava dormindo. Ao amanhecer, no primeiro dia após minha chegada ao falso paraíso, descobri que estava na creche, que era o setor que abrigava os meninos de até seis anos.

Na creche todos os internos eram obrigados a obedecer a uma rotina diária, à qual fui me adaptando como podia. Levantávamos às 5h30 da manhã. Se por acaso algum dos meninos fizesse xixi no colchão, ele deveria colocá-lo ao sol para secar. Essa foi uma das primeiras situações humilhantes pelas quais passei, porque dessa maneira todos os internos sabiam quando um colega havia feito xixi na cama. As gozações por causa disso não faltavam. A partir do dia em que fui internado, por incrível que pareça, voltei a fazer xixi na cama, algo que eu não fazia havia anos. Quando acordei, achei estranho a cama estar molhada e disse ingenuamente:

-Alguém deve ter feito xixi na minha cama porque eu não faço isso.

Os meus colegas dos leitos mais próximos, aterrorizados pelo ato de eu ter mijado na cama, me disseram como em tom de confiança:

-Pegue o colchão e coloque no sol.

Assim eu fiz, e quando voltei para o dormitório já tinha ganhado alguns apelidos. Alguns meninos me chamavam de "mijado": outros, de "mijadinho"; outros, de "mijadão". Eu me senti tão ofendido que fui reclamar com uma funcionária que, assim como quase todas as outras, chamávamos de tia:

-Tia, os meninos estão me chamando de mijadão.

Prontamente, ela me respondeu:

-Claro, você mijou mesmo. E o senhor que mijie amanhã que eu vou ó..."

Fez um gesto com os dedos como se fossem uma tesoura e disse que iria me castrar. Eu, que não sabia o que significava aquilo, perguntei para um colega o que ela quis dizer com aquilo.

-Ela vai te capar, seu retardado. Vai cortar teu pinto.

Assim minha dúvida foi esclarecida. Aquela mulher; sem perceber; se tornou o meu primeiro carrasco. Só de vê-la, eu morria de medo. A partir daquele dia, tudo o que ela falava para mim eu entendia como uma insinuação de castração. Às vezes, quando ela chegava perto de mim e dizia um simples "Bom dia, Roberto!", eu logo interpretava a saudação como se ela dissesse: "Bom dia... vou te castrar!"

Quando a avistava, era assaltado por um grande temor que me fazia correr dela e me levava a logo me misturar entre os meus colegas.

Na festa junina da creche fui escolhido para ser o noivo da quadrilha. Estavam todas as crianças vestidas a caráter; com as roupas caipiras e chapéu de palha. De repente vejo aquela mulher vindo em minha direção. Ela pegou uma tesoura de picotar papel e começou a recortar umas bandeirolas. Quando a vi com a tesoura nas mãos, encostei-me na parede e fiquei petrificado. Ela me olhou ali encostado na parede e me disse:

-Olá, Roberto! Você já está esperando? Está quase na hora. Daqui a pouco a gente começa.

Ela se referia à festa junina. Eu, mortificado de temor entendi que ela dizia que já estava quase na hora de começar a castração. Corri em direção ao banheiro, subi no vaso e fiquei tão quieto e apavorado que quase nem respirava. Enquanto fiquei escondido no banheiro ouvia as pessoas me chamando:

-Roberto, Roberto, onde você está?

Continuei completamente mudo, nada respondia. Dessa maneira, acabei não dançando a primeira quadrilha depois da minha ida para a escola porque fui vencido pelo medo de que aquela mulher pudesse me castrar. Algumas pessoas têm essa capacidade. Elas pisam os nossos calos, nos provocam mágoas e continuam andando tranquilas sem ter a noção de que uma resposta inadequada pode causar até mesmo um trauma profundo nas pessoas.

LIÇÃO N° 2

NOÇÃO DE AUTO-ESTIMA

O mundo é feito de dois tipos de pessoas: aquelas que choram e aquelas que vendem lenços.

A MINHA PRIMEIRA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PESAVA MAIS DE CENTO E VINTE QUILOS E COMO SE NÃO BASTASSE BERRAVA...

Após o café da manhã tínhamos aulas de educação física. Esse foi o meu primeiro contato com um educador totalmente incompetente. Estávamos em uma sala aguardando a professora de educação física. Após alguns minutos abre-se a porta e entra uma mulher. Era uma senhora gorda que pesava certamente mais de cento e vinte quilos. Quando ela batia os pés, todo o chão tremia. Como se não bastasse, ela falava tão alto que parecia gritar, como se fôssemos surdos. A sala era então toda preenchida por sua presença física e por sua voz. Sem nenhuma polidez, ela dava as ordens aos gritos:

Retardados, mongolóides... façam fila, desçam da janela... preparem-se para começar a aula.

Ela gritava de maneira tão assustadora que eu ficava com medo. Os meus colegas, com um grande desânimo, diziam, vencidos pela presença pantagruélica daquela mulher:

Lá vem ela outra vez, vamos fazer logo a fila.

Eu, que não me agüentava de curiosidade, perguntei:

-O que nós vamos fazer?

-Educação física — responderam dois dos meus colegas em unísono, como se me tivessem explicado tudo.

Eu, que não sabia o que significava educação física, insisti, em minha curiosidade:

-O que é isso?

-E pra gente ficar forte que nem o Tarzan e que nem ela — respondeu-me um dos meus colegas, que tinha um ar irônico e debochado.

Ela sentou na mesa da sala. Foi uma cena grotesca ver aquela mulher enorme ali sentada, quase provocando a destruição da mesa que tinha, naquele momento, a função de cadeira. Eu, sempre otimista, pensei que iria acontecer alguma coisa surpreendente, alguma coisa realmente nova. Já mais tranqüila, ela retirou pacientemente uma daquelas revistas de fotonovela da bolsa e começou a folheá-la ao mesmo tempo que nos ordenava:

-Tudo o que eu fizer vocês têm de fazer

De repente, ainda sentada, ela começou a gesticular com as mãos de um lado para outro, e nós começamos a imitá-la. Depois ela dizia:

-Agora, pulando.

Em bando, obedecíamos às suas ordens e começávamos a pular. Ela nem sequer olhava para o nosso rosto. E o surpreendente é que ela ficava ali por meia hora e depois ia embora. Assim tive uma idéia totalmente distorcida do que era educação física. Durante as aulas a professora ficava sentada na mesa, contando:

-E um, é dois, é três, é quatro...

E parecia que continuava com preguiça de contar porque nunca passava do quatro. A partir daí ela apenas mexia os lábios como se continuasse a contagem:

-... é cinco, é seis, é sete...

Logo deduzi que educação física só podia ser um jogo de adivinhação. Tínhamos de adivinhar o que ela falava. E eu, muito alegre, comecei a imitar aquela professora no pátio:

-E um, é dois, é três, é quatro...

Logo em seguida, tal como fazia a nossa mestra, eu baixava o tom da voz e, quase murmurando, continuava:

-... é cinco, é seis, é sete...

Os colegas que assistiam ao meu espetáculo de imitação achavam tudo aquilo muito engraçado e aprovavam:

-Olha, ele imita direitinho a professora de educação física.

Essa imitação me trouxe algumas conseqüências que hoje vejo por um lado cômico, mas certamente atestam que, na verdade, estávamos entregues a uma sucessão de pessoas totalmente sem preparo e desprovidas de qualquer capacidade e qualificação profissional. A chegada à creche de uma psicóloga, com o seu séquito de ingênuos estagiários, é um grande exemplo que tenho para relatar. Elas vieram em um ônibus, que parou no pátio da escola. Começaram a descer e nós olhávamos com muita curiosidade aquelas estagiárias, a maioria delas muito jovens. Tempos depois já estávamos nos enturmado com elas, e eu, que mal havia começado a romper a barreira da timidez do contato inicial, comecei a apresentar o meu show de imitação da professora de educação física. A nova psicóloga, observando o que eu fazia, disse:

-Menino, venha aqui, por favor

Eu me aproximei dela e ela disse:

-Conte até dez para mim.

Eu olhei para ela e pensei logo que ela queria que eu continuasse a imitação da professora de educação física. Não me fiz de rogado. Pelo contrário, com muito orgulho, estufei o peito e comecei em voz alta a contar:

-E um, é dois, é três, é quatro...

Já em silêncio, eu apenas movimentava os lábios e com um som inaudível completava: "E cinco, é seis, é sete..."

Ela me olhou com uma expressão curiosa e me pediu que repetisse. Assim fiz. Em seguida, a psicóloga chamou algumas das estagiárias e lhes anunciou:

-Gente, descobri o primeiro caso. Este menino tem um problema.

As estagiárias ficaram à minha volta, e a psicóloga me pediu que repetisse mais uma vez. Logo imaginei que ela tinha gostado muito da imitação e resolvera convidar um público maior para assistir à minha exibição. Como eu estava me sentindo o maioral com toda aquela história, pensei em dar o máximo de mim para realizar a minha performance com maior perfeição. Continuei alto e em bom som:

-E um, é dois, é três, é quatro...

E depois, em silêncio, mexia os lábios e balbuciava somente para mim mesmo: "É cinco, é seis, é sete,..."

O diagnóstico foi logo dado pela psicóloga:

-Esse menino deve ter dislalia, dislexia ou discalculia. Algum problema ele deve ter.

Então me levaram para o ônibus com a finalidade de fazerem a minha primeira avaliação psicológica. O ônibus era equipado como um consultório ambulante. Lembro que me sentei em frente de uma mesa. Havia prateleiras com vários brinquedos e pensei que a psicóloga me tinha levado para lá para me dar um presente pela minha performance. As estagiárias ficaram à minha volta, me observando e fazendo anotações. Se eu respirasse, elas logo anotavam que eu estava respirando, pois não perdiam um só dos meus movimentos. A psicóloga colocou à minha frente um quebra-cabeça de algumas poucas peças. Como eu era uma criança muito esperta, descobria logo o segredo das coisas. Assim, consegui montar as peças com rapidez. Ouvei a psicóloga cochichando com as estagiárias alguma coisa, e elas faziam alguns comentários. Por minha vez, imaginava sempre que estaria prestes a ganhar algum presente.

Logo em seguida me deram outro quebra-cabeça de mais peças, e eu encaixei tudo rapidamente. Elas fizeram outros comentários que eu não ouvia direito, e assim foi ocorrendo sucessivamente. Eu já estava cansado daquela brincadeira, que, para mim, havia perdido a graça. Até que chegou um momento que eu não estava tão ligado em encaixar as peças por causa do meu enfado. Nesse instante de cansaço comecei a errar. Logo veio o estranhamento. A psicóloga fez o seu diagnóstico e citou o nome de uma doença que eu não fazia idéia do que significava. As estagiárias exclamaram em coro: “Ohhhü!” Uma delas olhou para mim com uma cara de quem estava sentindo muita pena e me deu um biscoito. Na hora eu entendi a mensagem da seguinte maneira: “Toda vez que você errar; essa mulher vai dizer o nome de uma doença e você vai ganhar um biscoitinho”. A partir daí sentia um prazer enorme em errar pois com a minha esperteza poderia ganhar muitos biscoitos. Eu pegava as peças e sempre as colocava errado, e dizia para as estagiárias: “Errei”. Não tardava e eu ganhava um biscoito. Depois, numa nova tentativa, dizia, orgulhoso: “Errei de novo”. E ganhava mais um biscoito. Assim, comi um pacote inteiro de biscoitos recheados, tomei algumas xícaras de café com as estagiárias e saí do ônibus cheio de doenças que nem imaginava que pudesse ter. Ouvi a psicóloga dizer que eu tinha dislalia, dislexia e discalculia e faltava também uma tal de coordenação motora.

Muitos anos mais tarde fui entender o significado de cada uma dessas doenças. Dislalia é uma doença que se manifesta na fala. Quando a pessoa fala gaguejando ou fala rápido, por exemplo, é porque ela tem dislalia. Dislexia é a dificuldade que uma pessoa tem com a escrita, quando escreve de cabeça para baixo ou na forma de espelho, por exemplo. Discalculia é a dificuldade que uma pessoa tem em assimilar a matemática. Mas ninguém me deu essa explicação naquela época. Eu imaginei que fosse alguma doença que se manifestasse no corpo e saí de lá mancando. Quando me perguntaram o que havia acontecido, eu dizia: “Eu tenho dislalia, dislexia e discalculia”. E as pessoas sentiam pena de mim.

A partir daí achei uma maravilha ser doente porque as pessoas me tratavam com condescendência. Eu ficava mancando de um lado para outro, sempre dizendo, para as pessoas que me perguntavam por que eu estava mancando, que tinha dislalia, dislexia e discalculia. Reclamava que sentia uma dor muito forte com a finalidade de levantar um sentimento de pena das pessoas por mim. Então, comecei a perceber que ser doente tinha as suas vantagens. Quando eu ia para a fila do almoço ou do jantar da creche e ficava muito atrás dos meus colegas, eu pedia ao cozinheiro que me atendesse logo “porque a minha dislalia estava doendo muito”. Eu colocava a mão no peito e reclamava de dor como se fosse o maior sofredor do mundo. O cozinheiro, que se compadecia de mim, me colocava logo na frente da fila e dizia:

Coitado, tão novo e já tem essa doença. Minha mãe também tem essa doença. Isso é sério. Venha que eu vou lhe servir primeiro.

Então eu achava que era bom ser doente.

Porém minha farsa pouco durou porque chegou uma época em que todos já sabiam que eu tinha dislalia, dislexia e discalculia. Quando eu me encontrava com alguma tia da creche, eu a chamava, e ela logo dizia:

-Já sei, Roberto, você tem dislalia, dislexia e discalculia.

No momento em que percebi que todo mundo já tinha conhecimento das minhas “doenças”, pensei em descobrir uma doença nova, pois as outras já estavam manjadas. Toda sexta-feira um médico ia à Febem para examinar os internos. Eu costumava ficar parado na porta da sala onde ele atendia e ficava observando o atendimento. Entrava um menino com o nariz cheio de catarro, e eu ouvia o médico dizer:

-Isso é sinusite.

Então eu pensava: “Eu tenho catarro; então, tenho sinusite também”.

Dessa maneira, eu entrava no consultório e logo ia dizendo para o médico que tinha sinusite. Ele me examinava e confirmava que eu não tinha sinusite, me mandava tomar um copo d água e tratava de me dispensar o mais depressa possível. Passava um tempo, eu voltava à sala de atendimento e ouvia o médico dizer para algum dos meninos pacientes que reclamavam de dor de ouvido:

-Você tem otite.

Eu logo pensava que também poderia ter aquela doença. No meu exame seguinte eu dizia para o médico que tinha otite. Como sempre, ele negava tudo, me dava um copo d’água para beber, passava a mão na minha cabeça e me dispensava, e olha que algumas vezes até me sentia curado. O que esse médico sabia, mas não conseguia perceber; é que o meu problema maior era falta de afeto mesmo. Até que um dia ele foi substituído por outro, que era o tipo de profissional que passa pelo local de trabalho como se carregasse um fardo muito pesado e, no afa de se ver livre, tratava logo de cumprir o horário e se retirar o mais rápido possível. Dessa maneira, era praxe ele receitar Novalgina ou Melhorai infantil para todo mundo e se mandar da creche.

Um dia, eu estava na fila para esperar o tal médico. Quando ele me viu, reclamou:

-Esse menino outra vez! Ele vem aqui em todo atendimento e fica inventando doenças.— Então, ele se virou para mim e disse:— Suma daqui, menino! Doença é coisa séria. Só volte aqui quando você tiver uma doença séria, porque você não tem nada!

Saí da fila arrasado porque eu me sentia o máximo: portador de tudo quanto era doença e o médico me negou todas. Meus colegas riam da minha cara. E eu fiquei muito aborrecido porque não tinha uma desculpa de ser portador de alguma doença para com isso angariar o sentimento de pena das pessoas.

Quando saí ao pátio, ouvi uma faxineira comentar com uma outra sobre uma colega que havia morrido por causa de um câncer no útero. Eu logo perguntei:

—Tia, o que é isso.

Na sua simplicidade, ela me passou a sua informação sucinta:

-Câncer no útero é uma doença que mata. Não tem cura, não!

Nessa hora, descobri uma doença que não tinha cura. Corri imediatamente de volta para o médico para lhe dar a informação de que eu estava com câncer no útero. As enfermeiras riram muito da minha cara, e eu não entendia o motivo da graça, já que eu falava de uma doença fatal, que matava. Eu afirmava cada vez mais categoricamente ser o portador daquela terrível doença, até que resolvi dar-lhes o que julgava ser a prova concreta daquilo que eu dizia, Levantei os dois cotovelos e disse: “E neste e neste aqui”. Não sei por que fui dizer aquilo: a enfermeira veio abaixo, o médico colocou a mão na barriga e ria descontroladamente. Obviamente eu estava sendo alvo da maior chacota do mundo e saí dali arrasado. Eu, que até então queria ser médico, saí dali convicto de que jamais me tornaria um deles, pois eles eram as pessoas mais insensíveis que eu havia conhecido na vida. Saí dali e tomei um pouco de água e meu câncer no útero sarou. Nunca mais fui acometido dessa doença, nem de outras. Teria de buscar outras formas de conquistar as pessoas e de me livrar do sentimento de rejeição.

SEGUNDO A EDUCADORA DA INSTITUIÇÃO, PRETO QUANDO NÃO CA... NA ENTRADA, NA SAÍDA ERA CERTO...

Quando fiz sete anos tive a primeira grande decepção naquela escola. Apesar de estar distante da minha família por mais de um ano, ainda assim achava que o mundo era uma grande maravilha. Mas o distanciamento da família estava me fazendo sentir um grande vazio. As visitas eram mensais, mas nem sempre eu as recebia, por uma série de motivos, entre eles a falta de recursos de meus pais para pagar a condução e vir me visitar. Eu estava deixando de ver os meus pais e meus irmãos, que me visitavam esporadicamente, e o distanciamento de todos eles aumentava gradativamente. Naquela época eu gostava muito de ver televisão, principalmente um programa infantil de variedades apresentado por uma animadora chamada Tia Dulce. Ela era uma espécie de antecessora da Xuxa e da Angélica. Em seus programas, ela sempre oferecia prêmios para as crianças que estavam no auditório. De todos os presentes que as crianças recebiam o que mais me fascinava era a bicicleta. Mas percebi que só participavam do programa crianças branquinhas e louras. Como eu possuía uma sensibilidade muito aguçada, percebi logo esse fato e perguntei para uma tia da escola que estava ao nosso lado vendo televisão:

—Tia, por que só tem menino branquinho e lourinho no programa da Tia Dulce?

Sem nenhum tato, ela disse:

-E porque preto quando não suja na entrada suja na saída.

Ela disse aquilo, deu uma risada e se retirou. Entendi as palavras dela de forma literal. Assim ficava imaginando que se algum dia eu fosse ao programa da Tia Dulce, pelo fato de ser negro eu poderia ter uma diarreia e faria cocô, ou na entrada ou na saída do programa. Então acreditei que fosse aquele o motivo de não haver nenhum menino preto no programa. E comecei a imaginar coisas como: “Quem sabe se eu não fosse negro seria diferente”. Comecei a pensar na possibilidade de me tornar branco, pois assim eu teria a oportunidade de ir ao programa da Tia Dulce.

Eu sempre assistia a um comercial apresentado pela Tia Dulce de um produto chamado Yakult, um lactobacilo vivo. Ela mostrava o Yakult, abraçava um menino louro e dizia:

-“Se você tomar Yakult, você vai crescer forte e bonito como este menino aqui.”

E novamente entendi a mensagem literalmente. Se eu tomasse Yakult me tornaria louro e poderia entrar no programa da Tia Dulce. Assim, a partir daquela propaganda, comecei a importunar as tias com o meu mais novo sonho: tomar Yakult. A resposta que sempre recebia era dada com desdém:

-Que dar Yakult nada! Eu não tenho dinheiro pra isso!

Ninguém podia comprar Yakult para mim. Eu me desesperava cada vez mais porque acreditava que me tornar um menino louro seria a minha salvação. Mas ninguém fazia nenhuma questão de me dar aquela que seria a fórmula mágica para a minha transformação.

Um belo dia alguns funcionários da creche se reuniram conosco, os internos, e nos deram uma excelente notícia, que nos deixou muito eufóricos. No dia 12 de outubro, Dia das Crianças, iríamos receber a visita da Tia Dulce na creche. Gritamos e fizemos uma tremenda algazarra, tamanha foi a felicidade e contentamento por ouvirmos aquela notícia. Mas uma das tias não se esqueceu de nos alertar:

-Ela só virá aqui se vocês lavarem bem o chão e passarem cera direitinho nele todo.

Naquele dia todos nós passamos as mãos nas vassouras e panos de chão e começamos a limpar tudo. Quando terminamos a tarefa, já bastante cansados, mas ainda eufóricos com a grande notícia, chega outra funcionária e diz que a Tia Dulce mandou lavar as paredes também. Assim, lavamos as paredes todas sem reclamarmos de nada, pois sabíamos que o cansaço seria recompensado com a presença daquela apresentadora de televisão por que tanto ansiávamos conhecer. Mas junto com o sonho começou também

um grande processo de chantagem por parte de muitos dos funcionários. Eles começaram a usar tudo o que lhes desagradava para nos ameaçar:

-A Tia Dulce não gosta disso! A Tia Dulce não gosta daquilo...

Os meninos que fizessem bagunça não poderiam ver a Tia Dulce. Normalmente tudo o que eu fazia estava errado, e eu me desesperava para andar na linha. Recebia ordens para lavar o banheiro e as cumpria sem nenhuma reclamação. Ouvia sempre as ameaças:

-Roberto, a Tia Dulce odeia nariz com catarro! — dizia-me uma funcionária.

-A Tia Dulce não gosta de meninos que mijam na cama! — dizia outra funcionária.

Eu reparava que muitas das coisas que a Tia Dulce não gostava eu fazia com frequência. Desde então comecei a entrar em pânico e ficava com medo até de andar porque não queria de modo algum desagradar àquela que para mim seria a minha heroína salvadora, a fada madrinha que me tornaria louro. Então passei a ficar mais contido para não correr o risco de desagradar à Tia Dulce de qualquer forma que fosse.

Eu sempre a imaginava chegar num carrão importado e estacionar no portão da creche. De acordo com a minha viagem ilusória, chegariam juntos com ela dois caminhões carregados de brinquedos, e ela nos daria ordens de fazer uma fila. Os negros iriam ganhar seis Yakults. Iríamos passar alguns deles no cabelo para ficarmos louros e iríamos beber os outros para completar o processo de branqueamento o mais rápido possível. Cada um de nós iria ganhar também uma bicicleta, e assim o mundo seria mais feliz.

No Dia das Crianças, pela manhã, deram para os meninos da creche um Conga azul com a frente branca e para as meninas um Conga do mesmo modelo, porém vermelha. O presente nos foi oferecido com uma recomendação enfática:

-Aquele que sujar o calçado...

A frase nem precisava ser completada porque já entendíamos que se sujássemos os calçados a Tia Dulce não iria gostar.

Alguns meninos calçaram os Congas e caminhavam como se estivessem em câmara lenta para não sujá-los na poeira. Outros calçaram os Congas e ficaram prostrados na parede, imóveis, para não correr o risco de perder o espetáculo protagonizado pela apresentadora de televisão que tanto havia despertado o nosso imaginário. Como eu era uma criança hiperativa e não agüentava ficar quieto, calcei os Congas nas mãos. Para mim tanto fazia se os Congas estivessem nas mãos ou nos pés, pois o importante era mantê-los limpos e me tornar o orgulho da Tia Dulce.

Eu já estava ansioso. Fomos para o almoço, e a Tia Dulce, que chegaria mais ou menos naquele horário, estava atrasada.

Naquele dia nos foi servida sopa, e aquele prazer que tínhamos de tomar sopa fazendo barulho — o que irritava veementemente os nossos instrutores — foi completamente esquecido. Nós tomamos a sopa num silêncio profundo. Naquele dia aprendemos a nos comportar da maneira como manda o figurino. Lavamos as mãos, escovamos os dentes sem que ninguém precisasse mandar. As duas horas da tarde já estávamos todos ansiosamente reunidos e vimos aproximar-se a Kombi que trazia a Tia Dulce. Ela! A nossa rainha, nossa “ídola”, a milionária, a suprema, a todo- poderosa Tia Dulce.

Bem, ela não veio num belo carro importado, mas enfim estava chegando. Os meninos correram em direção à Kombi, aliás, correram, não, se jogaram em direção a ela, e alguns deles praticavam atos terroristas, como pisar no Conga do colega para desespero dele. Então, quem tinha o Conga pisado não

sabia se chorava, se o limpava ou se corria para o lado da Tia Dulce, arriscando assim ser por ela repreendido. Nessa hora pouco me importava se meu Conga estivesse sujo ou limpo, já que estava tão eufórico e emocionado com a chegada de um ídolo. Fui um dos primeiros a parar em frente da Kombi. Corri num estado de êxtase e felicidade para ver aquela mulher de quem era fã incondicional. O meu corpo fumegava, a minha cabeça girava, as crianças gritavam freneticamente e choravam, e eu estava ali, bem na frente da porta por onde ela desceria, e, quando a porta da Kombi se abriu e, finalmente, a Tia Dulce desceu, respirei fundo para não desmaiar. A algazarra e o alarido deram lugar a um silêncio mortal, e houve uma decepção geral, exclamada com um sonoro e interminável "Ohhhh!" Ali estava a Tia Dulce cover, uma réplica malfeita da nossa heroína. Um clone grotesco. Para a nossa surpresa, ali estava a professora de educação física com seus mais de cento e vinte quilos imitando a amada Tia Dulce da televisão. Passamos então a reclamar pesadamente:

-Mas não é a Tia Dulce!

E aquele clone, longe de ter a delicadeza da nossa heroína, nos dizia com sua inconfundível voz gritante:

-Sou a Tia Dulce sim e cale a boca! Vamos brincar

Então, para aumentar o nosso desespero e nos causar um grande dissabor, ela começou:

-“É um, é dois, é três, é quatro...” Estávamos de volta às enfadonhas aulas de educação física.

Como se não bastasse tudo aquilo, a falsa Tia Dulce nos trouxe um iogurte comum enquanto eu estava esperando o Yakult. Ela nos entregava o iogurte sabor de coco, a única opção que tínhamos. Eu levantei a mão e pedi muito delicadamente que ela trocasse por um iogurte sabor de morango, e ela disse:

Você está pegando o boi porque isso é uma doação. Fique sabendo que a data de validade é só até amanhã. Então, dê um jeito de tomar logo esse iogurte,

Aliás, naquela escola, os produtos vencidos e estragados eram muito bem-vindos. Então, tomando o iogurte, pensei: “Já que a Tia Dulce de verdade não vem, vou tentar fugir daqui para me encontrar com ela”. Eu achava que seria muito fácil fazer isso porque na creche havia um colega interno que me dizia que a irmã dele, que namorava um rapaz que morava com uma tia que morava não sei onde, estava perto de sua casa dirigindo quando viu um outro carro passar e a Tia Dulce estava nesse carro. Eu me encantei muito com essa notícia porque assim fiquei sabendo que a Tia Dulce andava na rua. Isso me deu uma esperança de ter a oportunidade de me encontrar com ela um dia. E era isso que eu faria.

ATÉ QUE ENFIM UM APELIDO DECENTE: IOIOZINHO...

Dois meses após eu completar sete anos, chegou à creche, dessa vez usando um perfume Chanel 400 e um colar de cinco voltas, uma nova assistente social. Ao me ver no pátio, chamou-me assim:

-O menino, vem cá, você, ioiozinho.

Confesso que gostei de ela ter me chamado por aquele apelido que entendia como algum tratamento afetuoso, já que meus antigos apelidos eram “Mijadão”, “Piolhudo”, “Foqueiro”. Agora estava sendo chamado de ioiozinho. Somente mais tarde é que fui descobrir o porquê do apelido. Era pelo fato de o meu nariz sempre estar escorrendo, e eu fungava, de maneira que o catarro descia e subia feito um ioiô. Então essa nova assistente social me disse:

-Ioiozinho, o seu setor não é este mais, não. Agora você vai para o setor infantil.

Esse setor era o que abrigava os meninos de sete e catorze anos. Então eu iria para um setor que era composto tanto por meninos de sete anos, recém-saídos da creche, quanto por outros de treze e catorze anos, que tinham uma trajetória de rua, muitos deles com hábitos de fumar ou de cheirar cola de sapateiro e com experiências de assaltos e roubos. Eu e mais três colegas que haviam completado sete anos fomos encaminhados imediatamente para lá. Não tivemos tempo nem mesmo de despedir dos outros colegas da creche.

Arrumamos nossa mochila e fomos conduzidos para lá. Eu não tinha nem mesmo a noção de que havia feito aniversário. Para mim foi como se estivesse saindo pela segunda vez de minha casa porque, àquela altura, já havia me habituado à creche. Tinha feito amizade com muitos dos meninos. Então saí dali junto com meus outros três colegas carregando a mochila que a Dona Febem havia me dado. Eu, que tanto tinha ouvido falar em Febem, imaginava que ela fosse uma mulher. Sempre tinha ouvido alguém dizer:

-Olha, menino, é a Febem quem paga os seus estudos. Ela é quem te dá comida e roupa lavada. Ela é uma mãe, uma santa que sustenta todos vocês.

A Febem era para mim uma mulher que me sustentava e me tinha dado aquela mochila que eu carregava para sei lá aonde estava indo. Então imaginava a Febem como uma mulher casada com o "Seu Governo", que dava dinheiro para ela, já que era comum ouvirmos também dizer que a Febem recebia dinheiro do governo para nos sustentar. E na minha visão de menino de sete anos a Dona Febem não era muito honesta, não. Ela era um pouco devassa porque um dia ouvi um dos funcionários dizer que tinha muita gente mamando nas tetas da Febem. Então eu ficava imaginando aquela mulher belíssima com muitos homens mamando nas tetas dela e depois indo embora. Também passei a achar que a Dona Febem era analfabeta porque ela não entendia as cartas que os estagiários escreviam para a gente. Lembro que em um Natal mandaram que escrevêssemos uma cartinha para o Papai Noel fazendo um pedido. A maioria de nós pediu ao Papai Noel que trouxesse uma bicicleta, e as cartinhas foram escritas pelas estagiárias. Porém a Dona Febem entendeu que queríamos mochila, pois no Natal cada um de nós recebeu uma mochila de presente. A bicicleta havia ficado para o Natal seguinte.

E, por falar em mochila, lá fui eu carregando a minha para a outra unidade junto com os meus colegas. Ficamos horrorizados, pois nada entendíamos do que estava ocorrendo. Chegamos já e encontramos um ambiente estranho, escuro, sujo, com as paredes malpintadas e os meninos bem maiores do que nós, pois éramos muito pequenos ainda. Essa assistente social nos deixou no pátio e pediu que esperássemos um pouco, pois ela iria falar com um instrutor. Era ainda bem cedo e ouvi tocar uma campainha que parecia um apito destruidor. Levamos um grande susto porque de repente surgiram muitos meninos correndo pelo pátio. Não era nenhum alarme de incêndio, mas o toque para o café da manhã. Os meninos saíram correndo, atropelando uns aos outros. De repente formaram uma grande fila em frente de uma parede. Os menores ficavam para trás. Vi então que na parede tinha uma pequena janela, de onde saía um braço que entregava aos meninos da fila um pãozinho e um copo de café com leite. Comentei com meus colegas da creche:

-Olha que máquina legal! Ela nos dá pãozinho e café com leite.

Então corremos para a fila com o objetivo de pegar o nosso pão e o café com leite também. Finalmente, depois de enfrentarmos aquela longa fila, chegou a nossa vez. Eu, muito feliz, diante daquela parede alta, estiquei o braço, e dois braços surgiram daquela janelinha com a merenda que eu esperava. Mais que depressa peguei meu prêmio e gritei:

-Deus te ajude.

Quando estava saindo da fila topei com dois meninos maiores que imediatamente tomaram da minha mão o pãozinho, juntamente com o café com leite, e fizeram a mesma coisa com os meus colegas. Foi tudo tão rápido que só os vimos aparecerem em questão de segundos, quando nos deram um coque na cabeça e gritaram:

-Meiadinha.

Assim, levaram nossa merenda. Nós ficamos ali frustrados, sem saber como reagir.

Choramingando, fui procurar uma funcionária do setor para fazer reclamação.

—Tia, tomaram nosso pão.

A resposta foi dura e seca:

-Bem feito! Vocês são muito lerdos, ficam por aí desfilando com o pão na mão. É isso que dá! Vocês têm de ficar mais espertos. Amanhã, peguem o pão e levem imediatamente pra boca. Comam bem rápido, e tratem de beber logo o café com leite também.

Ainda tentei argumentar com ela que na creche tínhamos aprendido a comer lentamente, que tínhamos de mastigar com calma. Então ela retrucou dizendo que tudo aquilo que tínhamos aprendido na creche devia ser esquecido porque estávamos em um setor diferente. OK, então vamos lá...

No segundo dia naquele setor; acordei logo que a campainha tocou e corri imediatamente para a fila do café. Consegui pegar o meio da fila, enquanto meus colegas ficaram lá no final. Então descobri que para chegar ao meio da fila a gente devia dar cotoveladas e pescoções. Ficar no meio da fila era correr o risco de se machucar bastante, de ganhar cotoveladas, empurrões e rasteiras. Finalmente cheguei à janelinha e peguei o pão e o café com leite. Quando fui colocar o pão na boca como a tia havia ensinado apareceu novamente um menino grande gritando "meiadinha" e puxou o pão da minha boca. Novamente fui reclamar com a tia, e ela me disse:

-Lesma humana, retardo mental ambulante. Aqui é diferente: ou você enfia todo o pão na boca ou então cospe logo nele, lambe o pão. Assim, os outros meninos não terão coragem de pegá-lo.

Reparei bem nos meninos daquela fila e notei que muitos deles, principalmente os menores, cuspiam no pão assim que o recebiam. Aquela era a forma de ter o alimento assegurado e de poder comê-lo em paz.

No terceiro dia acordei bem cedo. Havia feito xixi na cama, mas nem me preocupei em botar o colchão no sol. Corri logo para o refeitório e fiquei parado em frente daquela janelinha pensando que bastava chegar ali que ela se abria. Porém, ela só se abria quando a campainha tocava. Quando deram sete horas a janela se abriu, como se fosse em câmara lenta. Eu, que era o primeiro da fila, mal vi a janela se abrir comecei a cuspir desesperado. De repente, vi um rosto aparecer atrás da janela e gritar comigo:

-Menino, você cuspiu na bandeja de pão e na minha mão.

Aí é que vi que aquela suposta máquina era uma senhora que nos dava pão. Peguei logo o copo de café com leite e o pão e fui saborear aquela refeição cuspidada. Minha luta foi um sucesso, pois ninguém mais teve coragem de tirar o meu pão. Assim fui aprendendo a me virar

LIÇÃO N° 3

NOÇÃO DE RELACIONAMENTO

A palavra fere mais do que faca afiada.

NÓS DISPUTÁVAMOS O TÍTULO DE “O MAIS COITADO”...

Eu tinha uma afinidade muito grande com dois colegas que foram transferidos para o novo setor comigo. Nós percebemos que os tios que estavam naquele setor ficavam conversando e jogando cartas. O mais interessante eram as histórias que os meninos que tinham uma trajetória de rua nos contavam. Para eles a rua era uma maravilha porque podiam comer na hora que bem entendessem, dormir quando tivessem sono e tomar banho somente quando quisessem. Para comer bastava ficar na porta de uma lanchonete que alguém sempre lhes pagava um pastel ou lhes dava dinheiro. Eles me contaram sobre uma loja que tinha mais de vinte televisões. Tinha até televisor em cores, que até então eu nem sequer sabia que existia. Começaram a me falar tanto da rua, das vantagens da rua, que começou a despertar em mim cada vez mais o interesse de sair da Febem. Aqueles meninos, mais do que os adultos instrutores, passaram a ser a minha grande referência. Comecei a pensar então em fugir com meus colegas. Imaginava que poderia sair para a rua e encontrar a Tia Dulce, passear pela cidade e assistir à televisão em cores.

Comecei a me entrosar com aqueles meninos mais experientes e fugi da Febem, pela primeira vez, quando tinha sete anos. Minha primeira fuga não foi difícil. Aproveitei a oportunidade para fugir com um grupo de cerca de quinze meninos. Eu saí seguindo-os de um lado para outro. Quando comecei a sentir fome, disse para um colega:

-Como vamos fazer para comer aqui na cidade?

Ele me instruiu: bastava bater na porta de uma casa qualquer e pedir um prato de comida. Aquilo me soou como mendicância.

-Vou ter de mendigar? — perguntei ao meu colega.

-Claro que sim. Ou você acha que alguém vai trazer um marmitex do nada pra você?

Então, ele me ensinou uma tática. Eu deveria bater na porta da casa de alguém e fazer uma cara triste, de quem está com bastante fome. Não poderia ficar rindo, porque assim me seria negada a comida. Ele me avisou também que a primeira pergunta que iriam me fazer seria sobre meus pais. Fatalmente perguntariam onde estavam meu pai e minha mãe — todos perguntavam isso. Eu aprendi a dizer que meu pai e minha mãe estavam doentes. E assim foi minha primeira vez: parei em frente à porta de uma casa no bairro Floresta, próximo ao centro da cidade, e bati palmas. Apareceu uma senhora, e eu logo lhe disse que estava com fome e perguntei se ela tinha um prato de comida para me dar. Ela fez a tal pergunta fatal sobre a qual o meu experiente colega havia alertado:

-Onde estão os seus pais, menino?

Lembrando os conselhos do meu colega, eu disse, fazendo uma cara de menino sofredor:

-Meu pai foi atropelado e minha mãe tem uma perna só. Ela nem pode sair de casa. Os meus irmãos estão todos passando fome.

-Oh! coitado! Espere um pouco.

Ela me disse aquilo com um tom tão piedoso que eu jamais havia ouvido até então. Entrou para dentro, e eu fiquei aguardando sentado no passeio próximo ao portão da casa. De repente aquela senhora me apareceu com um prato de comida e uma sacola de pães. Nesse momento percebi que se eu sustentasse aquelas tristes histórias familiares eu teria muito sucesso. Quando terminei de comer aquela refeição doada pela senhora piedosa, agradei a atenção dela e amarrei a sacola de pães na cintura e continuei minha peregrinação pelas portas das outras casas,

Na segunda casa em que pedi comida apareceu outra senhora e logo me perguntou por minha mãe. Eu, que já me sentia tarimbado, carregava nas tintas o meu drama familiar:

-Minha mãe não tem pernas, meu pai não tem braços.

Chegava ato o exagero de dizer que meus irmãos só tinham cabeça. Quanto mais eu mutilava minha família, mais sucesso eu obtinha na minha mendicância. As pessoas morriam de pena da minha história e, quanto mais eu mutilava a família, mais comida conseguia. Isso sem contar que eu dizia que tinha câncer. Aí as pessoas choravam compadecidas daquele pobre garoto de apenas sete anos com tantas tragédias na vida. Disputávamos o título de "o mais miserável". Assim cada um de nós criava as histórias mais trágicas para convencer o outro da total miséria de vida. Porém, comecei a partir daí a acreditar nas próprias histórias que eu inventava sobre a minha família.

A minha primeira fuga durou apenas três dias. Logo fui recapturado junto com outros colegas. Uma Kombi preta do Juizado de Menores passou pela rua onde estávamos e nos recolheu. Quando cheguei de volta à escola, me xingaram e ameaçaram me colocar em um quarto fechado. Mas nesse primeiro momento nada fizeram além das ameaças. Ao retornar para aquele lugar percebi que não tinha muita graça ficar ali preso, vendo televisão, sem ter muito que fazer. Comecei a achar que a rua era realmente mais estimulante e fugi novamente dez dias depois, de forma que, quando completei oito anos, eu já havia fugido doze vezes da Febem.

NA MINHA CABEÇA, A MINHA FAMÍLIA HAVIA ME DADO DE PRESENTE O PARAÍSO, CHAMADO FEBEM, E EU IRIA MAGOÁ-LA FUGINDO DESSE PARAÍSO...

Quando tinha oito anos eu ainda não sabia ler nem escrever. Já começava a achar a rua mais interessante do que a escola. Assim começou a minha resistência aos estudos. E a coisa mais interessante é que, a cada retorno para o internato após alguma fuga, me diziam que minha mãe havia aparecido para uma visita e, ao saber que eu não estava lá, caía em desespero e chorava. Comecei então a achar que estava matando minha mãe de preocupação. Depois que completei oito anos eu já tinha fugido tantas vezes que comecei a imaginar que minha mãe se havia aborrecido tanto comigo que já não queria me ver. Eu já tinha perdido a vontade de encontrar minha família; achava que assim seria melhor para não aborrecê-los mais do que já havia feito até então com as fugas. Na minha cabeça, a minha família havia me dado um presente, que era o paraíso, a Febem, e eu iria magoá-la fugindo desse paraíso. Eu imaginava que eu os havia magoado tanto fugindo da Febem que encontrar a família teria um efeito mortal sobre mim. Eu tinha feito algo que era inadmissível e sentia muito medo do que poderia acontecer se acaso me reencontrasse com eles, ainda que tivesse muitas saudades do meu pai, da minha mãe e dos meus irmãos.

Embora não soubesse ler nem escrever aconteceu algo interessante quando eu tinha oito anos. Percebi que um bom contador de histórias é aquele que conta as histórias que as pessoas gostam de ouvir. O bom professor é aquele que sabe ensinar do jeito que os alunos estão aptos a aprender. Assim como o bom vendedor é aquele que sabe vender o que o cliente quer comprar. Se uma pessoa tem algum interesse na vida, se vai, por exemplo, a uma loja com a intenção de comprar um liquidificador e o vendedor insiste em lhe vender um forno de microondas e seu interesse não é atendido, ela vai sair dali e procurar uma loja que tem o liquidificador que quer comprar. Eu sabia que os meus colegas tinham muitos interesses na rua. Eles gostavam de ouvir histórias, novidades. Todas as vezes que parávamos em frente de uma banca de jornal e revistas ficávamos vendo as fotografias dos jornais, e quando ouvíamos comentários sobre algum acidente tentávamos interpretar as fotografias estampadas nos jornais.

Assim, descobri que meus colegas gostavam muito de histórias. E fui mais além. Como bom observador aos oito anos percebi que os meus colegas de rua se interessavam por assuntos relacionados com a violência, tais como atropelamentos, seqüestros, assaltos, ou qualquer coisa que tivesse sangue. A página policial era para a maioria deles a mais interessante de um jornal. Como não tinha ninguém para ler eu passei a fazer o papel de leitor oficial da turma. Um dia chamei os meus amigos e me ofereci para ler o jornal para eles. Alguns se assustaram e me perguntaram:

-Uai, Neguinho, você sabe ler?

-Sei, sim. Aprendi com dois meses de idade — exagerava. — Eu estava no berço e li a Bíblia toda pra minha mãe.

Então eles me desafiaram:

-Comece a ler que queremos ouvir

Peguei uma página com uma fotografia de uma linha de trem. Na mesma hora inventei a história que comecei a "ler" para eles:

-“Uma mulher foi atropelada na linha do trem. O trem passou por cima dela, mas ela não morreu na hora e ficou gritando: ‘Pelo amor de Deus, me ajudem’. Para que essa mulher pudesse morrer o maquinista desceu do trem na hora e lhe deu dois tiros de escopeta na cara. Assim ela morreu...”

Curiosos, os meninos me perguntaram:

-Mas onde foi que aconteceu isso?

-Foi na Praça da Estação de Belo horizonte.

No mesmo instante a turma saiu correndo rumo à Praça da Estação para ver se ainda conseguiriam ver alguma coisa daquele acontecimento tão trágico, mas ao mesmo tempo sedutor; que os atraía tanto. Percebi que eles realmente acreditaram na história que eu tinha criado naquele momento apenas com a visão daquela fotografia da linha de trem. Quando chegaram à Praça da Estação e perguntaram aos transeuntes sobre o atropelamento, ninguém sabia de nada. Para minha felicidade chegamos à conclusão de que o jornal tinha mentido.

Mas percebi que eles acreditaram que eu sabia ler e passei então a fazer o papel de leitor Recebia deles muitos elogios:

-O Neguinho lê melhor até que a tia da Febem. Ela fica lendo aquelas histórias de gatinho, de porquinho, só coisa boba, e ele lê só histórias que a gente gosta.

Eu sabia que corria um risco muito grande se chegasse algum colega alfabetizado e descobrisse que eu ficava criando histórias. Então comecei a me preparar para enfrentar essa provável situação. Quando chegava um colega que sabia ler, eu logo passava a bola para ele e deixava que ele fizesse a leitura. Dizia para a turma que ele também sabia ler e lhe passava o jornal. Porém, a leitura era quase igual à de qualquer criança que estava sendo alfabetizada — com muitas pausas e sem muita emoção na narrativa. Aí a turma reclamava:

-Esse cara não sabe ler direito, não. Ele é analfabeto. O Roberto é que sabe ler Mostra pra ele como se lê.

Eu pegava o jornal e começa a inventar as histórias:

-“Um menino caiu do décimo quinto andar de um prédio, quebrou os dois braços e as duas pernas. Quando ele chegou ao pronto-socorro, cortou o pescoço do médico com uma navalha...”

E por aí continuava com as histórias, sempre com muito sangue, das quais a turma toda já era fa.

DE CADA DEZ PALAVRAS QUE EU PRONUNCIAVA ONZE ERAM PALAVRÕES...

Quando completei nove anos já havia fugido quarenta e oito vezes daquela escola. Ainda não sabia ler, nem escrever E também os profissionais já não me agüentavam, pois achavam que não tinha sentido eu ficar naquele lugar Por minha vez, achava muito bom ficar na rua. Quando eu dormia na escola e fazia xixi na cama, ou era admoestado ou ficava de castigo. As vezes tinha de fazer o papel ridículo de colocar o colchão no sol para todos virem que eu havia feito xixi na cama. Na rua, a maioria dos meus colegas mijava na cama. Nós dormíamos em bando, e às vezes três ou quatro mijavam e ninguém sabia quais eram realmente os culpados porque havia uma cumplicidade, já que muitos faziam a mesma coisa.

Com nove anos eu descobri uma coisa: a palavra fere mais do que faca. Um dia vi um menino falando um palavrão com um adulto, que levantou a mão para bater na boca desse menino. Descobri então que palavrão de criança machuca o ouvido do adulto mais do que faca afiada. E naquela época eu queria afrontar todo mundo. De cada dez palavras que eu pronunciava onze eram palavrões. As mulheres tapavam o ouvido e reclamavam:

-Que absurdo! Que menino desbocado! — E fugiam assustadas.

Meus colegas achavam o máximo.

-Esse cara é mesmo desbocado. Todo mundo foge dele porque ele fala cada palavrão!

Aos poucos aprendi que cada tribo tem a sua linguagem, o seu código. Quando eu estava com a turma de rua, falar palavrão era coisa comum. Quando, porém, eu cheguei novamente à escola com as minhas gírias e meus palavrões, colocaram uma especialista para me orientar. Era uma senhora sexagenária, especialista em alguma coisa que não tinha idéia do que fosse. Ela começou a conversar comigo com uma grande paciência e me dizia assim:

-Meu filho queridinho, já me falaram que você não tem jeito; então, eu vou provar para você que tem.

E para testar a paciência daquela mulher comecei a fazer hora com a cara dela, até que ela perdeu as estribeiras e começou a me xingar:

-Seu imbecil, seu estúpido, insignificante, reles...

Com meu cinismo, replicava:

-Que coisa bonita a senhora está falando, dona. Isso é poesia?

E ela dizia:

-Eu estou te xingando mesmo.

-Ah! isso é palavrão? Mas assim não tem graça, não. Vou ensinar à senhora a falar palavrão: vai tomar no... cu.

Percebi que ela ficou com as bochechas coradas e os olhos foram se fechando de medo. Então, pensei: só a tinha mandado tomar., e ela já ficou com medo. Para aumentar o desespero dela e a minha satisfação, resolvi completar:

—Vai tomar banho e vai tomar na bunda.

Assustadíssima, ela me disse:

-Mas, menino, o que é isso?

E eu continuava:

—Vai tomar na bunda, no cu, pererecuda.

As pernas dela bambearam, e ela ficava cada vez mais desesperada. Descobri então que ela tinha se assustado mais ainda quando eu disse "pererecuda".

Assim, resolvi criar uma série de adjetivos para perereca:

-Grande, cabeluda, rechonchuda, amanteigada, crocante...

Depois de tantos impropérios, aquela senhora quase caiu no chão. Saiu dali correndo e dois dias depois voltou para pegar suas coisas, pois havia pedido demissão. Ela não quis permanecer naquela unidade da Febem.

Porém, antes de sair; ela havia preparado um laudo fatídico que ficou no meu prontuário. Algo do tipo: Com base em Piaget, Vigotski, Freud, Jesus Cristo e tudo o que havia de mais sagrado, "esse menino não tem jeito". Ela havia registrado no laudo que eu era excepcional. Nessa época a Febem* tinha uma concepção de educação segundo a qual lidar com uma criança excepcional era perder tempo. Por que insistir em cursos de capacitação profissional se um garoto como eu não estava interessado em nada? Então, comecei a perceber que estava sendo tratado de maneira diferente.

Naquela unidade tínhamos aulas de judô, capoeira, bordado, culinária etc. Eu freqüentava as aulas de capoeira, mas os instrutores pegaram o meu prontuário e viram registrado que eu era um "caso irre recuperável", me tiraram do curso. Mandaram-me fazer bordado, Quando eu chegava à oficina de bordado, a instrutora me mandava para o futebol. Então comecei a perceber que não havia espaço para mim em lugar nenhum daquela escola por causa daquele laudo que me tinha como "caso irre recuperável". Certo dia avisei uma tia de que iria fugir. Com muita calma, ela me disse:

-Você não pode fugir, não.

Então caminhei em direção ao muro e insisti na fuga. Ela me aconselhava a não fugir, mas dizia aquilo num tom de resignação e de alívio. No fundo ela torcia para que eu realmente fugisse, pois para ela seria um sossego. Obviamente, como profissional, ela não poderia admitir tal coisa. Mas o gesto dela já dizia tudo. Foi nesse dia que percebi que era melhor ficar fora da escola do que dentro dela — para mim e para todos. Para a tia que me viu fugir foi um alívio. Ela deixou isso bem claro pela expressão de escárnio e sarcasmo estampada no rosto.

... E DEITADO NA MINHA BELICHE DE CIMENTO, NUM DORMITÓRIO COM MAIS DE QUARENTA ALUNOS, CRIEI UMA SITUAÇÃO IMAGINÁRIA DA MINHA NOVA ESCOLA...

Antes de completar dez anos, estava na rua e resolvi me entregar à Febem. Fui até a instituição e disse:

-Eu quero voltar

Uma instrutora, que não me queria de volta, se viu obrigada a me aceitar. Em seguida apareceu uma tia e me disse:

—Você vai ficar na minha turma, mas se a lâmpada queimar se o bebedouro estragar se eu sentir um cheiro de pum no ar., eu sei que é você o culpado.

Então me transformei em testa-de-ferro de tudo o que acontecia de errado lá dentro.

—Tia, já que eu não presto mesmo, deixa eu dormir aqui na Febem e me coloca em uma escola onde os meninos estudam mesmo.

Eu me referia às escolas públicas da comunidade. Uma instrutora achou a idéia interessante e resolveu me mandar para uma escola pública. Na noite anterior ao meu primeiro dia de aula, estava com uma ansiedade tão grande para começar a estudar que mal consegui dormir. Sentia-me muito feliz por poder frequentar uma escola onde havia “crianças normais”. Porém, antes de ir para a nova escola, pedi à tia, na manhã seguinte, que não contasse para ninguém da nova escola que eu era da Febem. Ela procurou me tranquilizar dizendo que iria fechar a boca a esse respeito. Então, deitado na beliche de cimento, num dormitório com mais de quarenta alunos, criei uma situação imaginária da minha nova escola. Quando amanhecesse o dia alguém iria me chamar para que eu me levantasse para ir à escola. Então me levantaria e tomaria o sucrilho com chocolate quente, como via na televisão. Iria ganhar uma lancheira para levar sanduíche, uma mochila bem grande, pois imaginava que quanto maior ela fosse mais inteligente eu poderia demonstrar ser. Ao chegar à escola a professora iria me perguntar: “Quanto é dois mais dois”, e eu responderia: “Quatro”. Acertaria todos os problemas e faria bem todas as lições. Dessa maneira poderia receber muitos elogios da professora.

Eu mal havia dormido quando amanheceu. Acordei assustado porque havia cochilado, e nesse momento percebi que tinha feito xixi na cama. De repente entrou no dormitório um instrutor gritando:

-Quem vai pra escola que acorde, já está na hora!

Logo procurei a tia e pedi meu uniforme.

-Que uniforme o quê! Todo mundo sabe que você não vai ficar nessa escola. Você não pára em lugar nenhum mesmo. Agora você vai mijado mesmo...

-Mas ir mijado pra escola? — retruquei,

Percebi que seria impossível ir para a escola mijado daquele jeito; então, quando vi um colega de uniforme, chamei-o num canto e pedi a ele que me emprestasse o short e lhe disse em seguida:

-Se você não contar nada pra ninguém, eu dou a carne do almoço pra você.

Assim já negociava o meu almoço com ele. Saí vitorioso da negociação e voltei a me encontrar com a tia e lhe disse:

—Tia, está faltando o meu material escolar

Ela me olhou com uma cara de desdém e resmungou:

-Hum! Material...

Ela se dirigiu para o almoxarifado e voltou com um caderno, um lápis e uma borracha. Não tive alternativa senão me conformar porque estava muito ansioso para ir à escola, embora no fundo acreditasse que uma mochila daria mais crédito à minha intenção de ser um bom aluno.

Ao chegar à nova escola, saí da Kombi e fiquei atrás da tia que me tinha acompanhado. Mais uma vez eu insisti:

-Por favor tia, não conte pra ninguém que sou da Febem.

A escola era muito bonita, com os muros todos pintados, e havia uma senhora no portão recebendo as crianças e os pais. Eu segurei a mão da assistente social, imaginando que, se os alunos me vissem com aquela mulher, iriam pensar que ela era a minha mãe e assim iriam me tratar com respeito. Agarrei com muita força a mão da assistente social. Ao nos aproximarmos do portão, ela viu a diretora da escola alguns metros à nossa frente e lhe gritou enquanto apontava o dedo para mim:

-Diretora, aqui está o menino de que eu lhe falei.

Nesse instante a diretora também gritou do outro lado:

-Ah! o tal capetinha da Febem?

Quando ela disse aquilo, as crianças que estavam nas proximidades me olharam todas de uma vez. Comecei a tremer de medo de ser rejeitado, e a assistente social me disse:

-Calma, Roberto, fique tranqüilo.

A assistente social se despediu de mim, e eu caminhei com a diretora em direção à sala de aula. Sentei-me numa carteira da última fila. Eram daquelas carteiras duplas. Ao meu lado estava sentada uma menina muito bonita. Vi que ela tinha um grande estojo de lápis de cor e eu, com meu único lápis preto na mão, imaginei o quanto aquela menina deveria ser rica. Virei-me para ela e comecei a lhe contar algumas histórias da minha vida, dizendo que meu pai era rico também, que era açougueiro, e a mulher com quem eu estava era a minha mãe. "Você viu a minha mãe? E aquela que estava de mãos dadas comigo."

Já estava me entrosando com a nova coleguinha quando olhei para a porta da sala e percebi que a diretora conversava com a professora. Elas conversavam e olhavam para mim. Notei que a professora estava com os olhos esbugalhados e lançava sobre mim um olhar assustado. Logo imaginei que a diretora falava de mim. Quando a diretora se retirou, a professora se dirigiu para a turma e disse:

Bom dia para todos! Não sei se vocês perceberam, mas nós temos aqui um aluno novo. E o Roberto Carlos. Ele é um menino de rua que ficava fazendo coisas erradas, mas agora está na Febem, e ele veio para cá para aprender a ler e escrever. Para mostrar que nós gostamos dos meninos da Febem, todo mundo vai dar um abraço no Roberto e vai dar também para ele um pouco da merenda, pois nós temos de alimentar quem tem fome.

Quando a professora terminou de falar a turma exclamou: "Ohhhhhh", em uníssono. Eu estava de pé, e naquela hora tive um ódio daquela professora: me deu vontade de amarrá-la em uma linha de trem e passar o trem por cima dela pelo menos umas dez vezes.

Eu gostava do desenho animado da Penélope Chamosa, em que havia um vilão chamado Silvestre Solução ou Tião Gavião, que amarrava a Penélope Chamosa na linha de trem até que viesse um herói para salvá-la. Para mim a tortura mais terrível era amarrar alguém na linha do trem e esperá-lo passar. Eu pensava em amarrar a professora na linha do trem como vingança. Só que, ao contrário do que sempre acontecia com a Penélope Chamosa, no caso da professora não iria aparecer nenhum herói para salvá-la. E o pior de tudo foi que a menina bonita que sentava perto de mim tratou de mudar logo de carteira. Na hora do recreio, quando saí para o pátio, toda a escola já sabia que eu era da Febem, e os alunos fizeram uma fila enorme para doar parte da merenda para mim,

Quando pedi para ir ao banheiro uma turma de alunos foi atrás de mim. Virei objeto de curiosidade de toda a escola. Uma funcionária se aproximou de mim e disse:

-Você é o menino da Febem? Coitadinho...Venha comigo que eu vou lhe dar um mingau.

Tive que comer repetidas vezes um mingau de aveia que ela havia feito, Cheguei à conclusão de que seria insuportável ficar naquela escola, e logo no primeiro dia fugi, saindo por uma janela basculante quebrada do banheiro

SEMPRE FUI RESISTENTE ÀS DROGAS, MAS NAQUELE MOMENTO EU ESTAVA ME SENTINDO TÃO SOZINHO...

Eu estava na rua com uma sensação muito estranha. Estava triste porque não sabia ler, nem escrever. Estava cansado de ouvir as pessoas dizerem que eu não prestava. Então, pensei em fazer uma grande bobagem. Encontrei um amigo na rua. Ele carregava um saquinho de embalagem de leite na mão e lhe perguntei o que era aquilo. Era cola de sapateiro, e ele me disse que “fazia a gente ficar doidão”. Sempre fui resistente às drogas, mas naquele momento eu estava me sentindo tão sozinho, vivia uma grande nostalgia e sentia uma saudade intensa da família, cujo contato eu havia perdido. Pedi ao meu amigo que me deixasse cheirar a cola também. Peguei o saquinho de cola e inalei. O interessante é que meu mundo acabou de virar de cabeça para baixo.

As pessoas passavam por mim como se caminhassem em câmara lenta. A cola de sapateiro funcionou para mim de maneira muito interessante. Naquela época eu estava muito angustiado, e a cola aplacou um pouco a minha angústia, a minha mágoa. Senti-me anestesiado, como se eu não percebesse a violência emocional que vivia naquele momento. Mas depois que o efeito passava a sensação da boca seca e de vazio que eu sentia era muito maior Logo eu voltava a cheirar cola.

Com o tempo, percebi que a cola me deixava muito lesado. Eu, que tinha a fama de ser o único que sabia ler da turma, o mais desbocado, quando usava a cola não conseguia mostrar todos os meus atributos. Falava pouco, me distraía com facilidade. Eu estava ficando muito lerdo. Quando parava um carro da polícia, eu sempre era preso, e não sabia por que conseguiam me capturar, coisa que tempos atrás era difícil de ocorrer por causa da minha esperteza para correr e escapar. Percebi que o efeito da cola em mim não funcionava de uma maneira agradável. Comecei a parar de usar a cola de uma maneira inconsciente. Quando não cheirava cola, eu recuperava a liderança da turma, e chegou um dia que eu não usava mais aquela droga. Quando algum colega me oferecia, eu já negava veementemente e dizia, na linguagem da turma:

—Tô legal! Já tô abalde, já tô cheio.

Mas ao mesmo tempo eu tinha de conseguir cola para a turma. Eu precisava manter a liderança e batalhava para comprar a cola para os meus colegas de quebrada. Eu sempre ia às lojas e comprava cola.

De tabela veio, pouco depois, a maconha. Ela me foi trazida por uma rapaziada da zona sul de Belo Horizonte, gente bem-vestida, engravatada, que apareceu num Chevette, que era o carro do ano. Alguns adolescentes aproximaram-se do Chevette, e um dos caras nos pediu que lavássemos o carro. Em troca ganharíamos um baseado. Eu não sabia o que era aquilo, mas assim mesmo lavamos o carro esperando a recompensa, e os rapazes nos deram um cigarro de maconha. Eles nos ensinaram a fumar, e eu achei o efeito daquilo mais interessante do que o da cola. Durante mais ou menos uma semana aqueles caras, ao saírem da escola onde estudavam, nos levavam maconha de graça. E a minha turma ficava muito feliz

porque todos se orgulhavam de ter amigos ricos que nos davam maconha sem nos cobrar nada. Ou melhor; fazíamos o serviço de limpeza do carro.

Para nós era interessante ter amigos ricos. Só que, uma semana após o nosso primeiro contato, esses amigos mostraram para que vieram. Eles nos disseram que se nós quiséssemos a maconha teríamos de comprar. Eu, como advogado da turma, argumentei que não tínhamos dinheiro, que éramos pobres e morávamos na rua justamente por sermos muito pobres. Tentei jogar aquela conversa de que éramos grandes miseráveis e coitados. Voltei com a história da mutilação da minha família, porém eles não se sensibilizaram com nada do que lhes contei. Os jovens disseram também que não tinham dinheiro para comprar maconha, mas, se quiséssemos a maconha, poderíamos levar para eles correntinhas, brincos, anéis, pulseiras, relógios e até talões de cheque, que eles comprariam. Dissemos que não tínhamos nada daquilo, e eles contra-argumentaram dizendo que as pessoas nas ruas tinham, fazendo uma insinuação de que roubássemos aqueles objetos. Se roubássemos, teríamos a maconha. Então, a minha turma começou a andar que nem doido pela rua, roubando pulseiras, correntes, anéis, brincos, relógios de ouro e entregando tudo para aqueles caras. Houve um dia em que entregamos quase meio saco de embalagem de leite com objetos roubados. Tudo em troca de uma buchinha de maconha, que deixava minha turma feliz.

Em mim a maconha passou a fazer o mesmo efeito da cola e, além do mais, me dava uma certa depressão. Depois que passava o efeito, eu ficava muito para baixo. Várias vezes eu me peguei em situações em que corria risco de vida. As vezes ficava sentado na linha do trem, muito doido, até que um colega me avisasse que o trem estava chegando. Comecei então a diminuir o uso da maconha, e cheguei a parar de usá-la de vez, pouco tempo depois.

Os nossos amigos ricos, que não eram tão amigos assim, trabalharam de uma forma muito perspicaz os nossos desejos. O Natal se aproximava. Eles apareceram e nos disseram que iriam passar o Natal em um sítio, onde fariam uma bela ceia. Nós nem sabíamos direito o que era uma ceia, e eles nos explicaram:

-E um grande banquete de Natal. O que vocês gostam de comer? — perguntaram.

-Frango assado — respondemos.

-Ih! Vai ter mais de cinqüenta frangos assados.

-Pernil — disse meu colega.

-Vai ter mais de trinta — responderam e em seguida perguntaram: — O que vocês gostam de beber?

-Coca-Cola — respondi.

— Vai ter muitos engradados.

Segundo esses amigos, tudo aquilo de que gostássemos de comer teria nesse banquete de Natal. Pelo jeito que eles descreveram, o sítio era um verdadeiro paraíso, com pomar; piscina, charretes, cavalos. Se nós quiséssemos fazer parte daquela ceia, teríamos apenas de juntar uns três saquinhos de brincos, correntinhas, relógios de ouro e outros objetos de valor.

Como aquela proposta de participarmos de uma ceia de Natal era irresistível para nós, saímos feito loucos pela rua tentando pegar tudo o que era objeto de valor daqueles transeuntes mais distraídos que circulavam pelas ruas de Belo Horizonte.

Conseguimos juntar apenas dois saquinhos dos objetos solicitados. Ainda faltava um saquinho, e já era quase meio-dia. A minha turma tinha uma ética, se assim podemos considerar. Não roubávamos de

mulheres grávidas, de deficientes físicos e de idosos. Roubávamos geralmente de pessoas que conseguissem correr atrás da gente, como de adolescentes da nossa idade, por exemplo. Sentíamos um peso na consciência ao roubar alguma coisa de uma mulher grávida ou de um velho. Naquele dia rompemos a ética e finalmente conseguimos completar os três saquinhos para entregar aos nossos anfitriões da ceia de Natal. Dessa vez não escapou ninguém, fossem idosos, mulheres grávidas ou crianças. Chegamos ao cúmulo de roubar de determinadas pessoas e pedíamos desculpas enquanto corríamos.

Os amigos ricos tinham prometido nos pegar na rodoviária em torno das dez horas da noite, Chegamos mais cedo à rodoviária, onde havia um banheiro público que cobrava uns trocados por um banho. Tomamos banho e nos encaminhamos para a Associação São Vicente de Paula, uma entidade católica que fazia doações de roupas. Mesmo usadas, quando as vestíamos parecia serem novas. Eu me lembro que havia um colega que tinha pés muito grandes, devia calçar um número em torno de 40. Ele ganhou um número 38 e se esforçou bastante para enfiar os pés naquele sapato, que o fazia caminhar de forma desengonçada. Tudo em nome da vaidade. Compramos um perfume barato da marca Lancaster que, para nós, tinha um cheiro maravilhoso. Penteamos o cabelo e rumamos mais uma vez à rodoviária para ansiosamente aguardar os nossos amigos. Cada um de nós contou o que iria fazer quando chegássemos ao sítio. Criávamos as situações mais fantasiosas possíveis quando pensávamos na piscina que havia no sítio e na ceia de Natal. Estávamos prontos, esperando o sonhado momento.

Já eram quase oito horas da noite, estávamos ali sentados esperando por nossos supostos amigos, quando se aproximou de nós um grupo de pessoas religiosas que freqüentemente passavam por ali oferecendo comida e café para a população de rua. Ofereceram-nos um lanche que nunca havíamos dispensado antes, mas naquele dia recusamos e agradecemos, dizendo com muito orgulho:

-Obrigado, mas nós vamos para um sítio e lá vai ter uma ceia de Natal só pra gente.

Até os brinquedos que eles ofereceram recusamos receber. A medida que as horas passavam lentamente, a nossa ansiedade aumentava. Eram quase nove horas, e aquela uma hora que faltava para eles chegarem nos pareceu três vezes mais longa do que o real. Finalmente, dez horas, a hora marcada, o momento de os nossos amigos nos apanharem. Estávamos a ponto de explodir de ansiedade. Porém, eles não foram pontuais, e começamos a sentir uma grande angústia pela demora. As onze horas eles ainda não haviam aparecido, e nós buscávamos sempre dar uma explicação para a demora: "Deve ser o pneu do carro que furou", "O trânsito está muito complicado" etc.

Quando deu meia-noite ouvimos os fogos estourarem em alguns prédios da cidade. Nada de os nossos amigos ricos chegarem. Eu me lembro que por volta de umas duas horas da manhã estávamos sentados no gramado da rodoviária, frustrados, mas ninguém queria admitir que havíamos sido enganados. Então, ficamos lá mesmo. A certa altura a turma começou a se dispersar: uns se deitaram na grama, outros foram embora. Não tivemos a ceia de Natal. Naquele dia ficamos sem comer porque dispensamos até mesmo o café com pão que o grupo de religiosos oferecia para a população de rua. Nossos amigos ricos só voltaram após as férias de janeiro. Estavam bronzeados e nos pediram desculpas pelo esquecimento, trazendo mais maconha de graça e pedindo que roubássemos mais cordões e relógios para eles. Percebi então que aqueles caras, em vez de amigos, eram só nossos aliciadores. Percebi também que estava na hora de mudar de turma. A minha turma estava muito ligada na maconha e eu não estava a fim disso, pois não tinha nenhuma afinidade com drogas.

LIÇÃO N°- 4

NOÇÃO DE RECIPROCIDADE

A toda ação corresponde uma reação igual e contrária, ou enquanto eles socam o meu olho, meu olho soca a mão deles.

NAQUELA NOITE ME ESPANCARAM TANTO QUE DEITEI NA LINHA DO TREM E QUIS MORRER.

Praticamente logo depois do episódio do engodo de Natal, conheci em Belo Horizonte um cara que seria o meu ideal de vida — o Cabelinho de Fogo. Ele foi o primeiro negro de cabelos louros que conheci. Esse cara descobriu que o que fazia ficar louro não era o Yakult, mas uma coisa chamada água oxigenada. Nós usávamos os cabelos no estilo black power e éramos chamados por muitos de “urso do cabelo duro”. O Cabelinho de Fogo tingiu o cabelo de louro. O efeito que ele causava andando na rua era fantástico. Quando ele passava, as pessoas lhe abriam caminho, e algumas mulheres atravessavam as ruas, correndo desesperadas. Outras pegavam táxi rapidamente quando ele passava; outras tomavam até ônibus errado para se verem livres dele. A presença dele era imponente, e ele assustava com o jeito malicioso e desafiador. Quando queria roubar alguma coisa das pessoas na rua, ele nem precisava anunciar que era um assalto, bastava se aproximar das pessoas para elas normalmente entregar as coisas. E eu ficava pensando: “Vou fazer parte da turma daquele cara, isto é que é moral”. E fui procurar a turma do Cabelinho de Fogo.

Naquela época nós dividimos as turmas: tinha uma turma da Praça Sete, uma da Praça da Estação e outra da Praça da Assembléia. Normalmente uma turma não se dava com a outra, mas eu tinha de fazer parte da turma do Cabelinho de Fogo. A turma dele era composta de rapazes de cerca de dezesseis ou dezessete anos, tinham alguns até maiores de idade. Possuíam uma fama terrível. Eu, que tinha apenas doze anos, fui atrás da turma para tentar fazer parte dela. Quando cheguei lá, me apresentei, disse que era o Neguinho, mas alguns me chamavam de Beto Pivete, e apresentei meu currículo: sabia fumar maconha, fugi da Febem inúmeras vezes e já havia feito muitos roubos. Eles me pediram que esperasse porque eles iriam fazer uma prova comigo. Pensei que essa prova fosse algo como roubar alguma coisa para provar que tinha competência para ser aceito pela turma. Mas, na verdade, a prova era uma espécie de ritual de iniciação - uma espécie de trote como quando se entra na faculdade.

A prova de fogo era a seguinte: tudo o que a polícia fazia quando apanhava um moleque na rua a turma iria fazer com o novato. Se esse menino não pedisse arrego ou não fugisse, significava que ele era homem o suficiente para agüentar um tranco da polícia e jamais entregaria a turma num momento de prisão ou numa sessão de torturas. A prova podia ser espancamento pelos colegas mais velhos; poderiam jogá-lo no rio Arrudas; ou até mesmo estuprá-lo. Na época o rio Arrudas tinha as bordas escarpadas, verdadeiros barrancos, e o menino jogado tinha de atravessar o esgoto a nado. Depois disso, se ele quisesse permanecer como membro da turma, estava aprovado. Eu não sabia que o ritual consistia nessas coisas. Naquela noite, por volta das onze horas, os meus novos colegas fumavam muita maconha na beira de uma fogueira acesa debaixo do Viaduto Santa Teresa. Havia uns quatro ou cinco meninos maiores do meu lado, que me avisaram:

-Neguinho, está na hora da sua prova.

-Qual vai ser a minha prova? — perguntei, com muita curiosidade.

-Você vai ser a nossa mulher esta noite.

Olharam para mim com um olhar sarcástico, dando gargalhadas maliciosas. Eu sabia muito bem o que eles queriam dizer com aquilo e logo disse:

-Ah! isso não vai ter jeito, não!

Quando me levantei para correr um garoto me derrubou no chão com uma rasteira. Um outro me chutou com um Kichute, que era um calçado emborrachado e pesado. Ele me chutou no rosto e o chute chegou a rasgar a minha sobrancelha esquerda. Um deles quebrou um cabo de vassoura nas minhas costas e eu literalmente vi estrelas. Tentei correr mais, mas o sangue me escorria pelos olhos. Fiquei acuado, e eles me seguraram pelos braços e pelas pernas. Naquela noite eu fui espancado tanto que talvez eu tenha sido estuprado por uns três ou quatro daqueles rapazes, e já nem lembro direito o que aconteceu. Recordo amargamente que fiquei caído na linha do trem da rede ferroviária e gritava por ajuda, mas não adiantava gritar; pois quando eu abria a boca vinha um e me batia, vinha outro e me chutava. O pior é que algumas pessoas que passavam nem sequer se importavam ou se incomodavam com o que viam. Algumas passavam direto, outras comentavam que era só uma briga de pivetes e todos tinham de se matar uns aos outros, pois assim seríamos extintos.

Naquela noite fiquei caído perto dos trilhos. Fui tomado por uma depressão tão profunda, por um senso de inutilidade tão fatal, que na minha cabeça passavam flashes da minha vida em questões de segundos. Eu só conseguia pensar em rejeição: "Minha mãe não me quer meu pai não me quer meus irmãos não me querem, os professores não me querem, meus colegas não me aceitam; na rua as pessoas correm de medo de mim. Por que é que eu vou ficar vivo?" Era tudo o que passava na minha cabeça. Pela primeira vez na vida pensei em suicídio. Eu tentava respirar e não conseguia, tentava chorar e o choro não saía. Estava deitado no chão e fui tateando sem enxergar direito, estava escuro e, além do mais, meus olhos estavam muito feridos. Tateei o chão e percebi que estava deitado bem próximo a uma linha de trem; então, me arrastei para cima dos trilhos até conseguir me deitar em cima deles. Pensava que logo, logo um trem poderia passar por cima do meu corpo e assim meu sofrimento findaria de vez. Acabei desmaiando, e o trem passou na outra linha, no sentido oposto. Já era manhã quando acordei e percebi que nem para morrer eu servia. Tudo dava errado para mim. Levantei-me e, por incrível que pareça, ao chegar o novo dia, senti como se o sol tivesse afugentado todas as mágoas e angústias. Mas estava ainda muito triste, me sentia muito mal, com dores terríveis por todo o corpo. Já havia desistido da idéia de morrer Talvez viver seja uma questão de resistência. Pelo fato de ter resistido aquela noite, no outro dia eu já não queria morrer

Pedi ajuda para me levantar mas as pessoas fugiam de medo porque eu estava todo ensangüentado e com os olhos inchados. Eu tentava entrar nas lojas para pedir um pouco d água, mas era barrado. Sentei no meio-fio e vi uma água de esgoto escorrendo. Tive vontade de lavar o rosto ali mesmo. Nesse momento passou por mim um taxista, que me olhou muito curioso, mas seguiu direto. Logo depois ele retornou e olhou para mim novamente, e olhava para os lados ressabiado.

Cheguei a pensar que fosse policial. Ele olhava meio cismado para os lados para ver se alguém se aproximava. Finalmente, resolveu perguntar o que havia me acontecido. Contei-lhe a história da agressão por parte dos meus colegas. Ele teve a piedade de me colocar no táxi e de me encaminhar para o pronto-socorro. Desmaiei novamente dentro do táxi e quando acordei já estava no pronto-socorro tomando soro, com a advertência de que eu teria de ficar bem quieto. Eu havia levado setenta e dois pontos pelo corpo afora. Fiquei uns três dias internado. Não havia cama disponível para todos os pacientes no pronto-socorro, e eu fiquei acomodado em uma maca que foi forrada e improvisada como cama.

No pronto-socorro tive a sensação de abandono total porque vi mães visitar os filhos, e eu não recebi nenhuma visita. Esperava por alguém da Febem, e ninguém aparecia. As pessoas que visitavam as outras crianças sempre me davam alguma coisa, como uma maçã ou biscoitos, mas aquilo me parecia algo

carregado de muita piedade — a mim não interessava o sentimento de pena daquelas pessoas que eu não conhecia.

Finalmente apareceram dois funcionários da Febem para me recolher e aquilo me deu até um certo alento. No caminho imaginei que quando chegasse à escola as tias morreriam de pena de mim e iriam me pedir desculpas, responsabilizando-se pela minha situação. Mas, quando cheguei lá, ao me ver todo machucado, as tias disseram:

-Bem feito! Vai aprontar mais que é isso que dá!

Os adultos botavam sal na minha ferida. E claro que lá contei uma outra versão, não comentei que eu havia sido estuprado pelos meus colegas. Eu disse que fui atacado por uns dez bandidos do Rio de Janeiro, todos armados, e eu os enfrentei. Atirei em uns quatro, bati nos outros seis. Enquanto eu narrava a façanha vi que se aproximava de mim um dos rapazes que haviam participado do estupro. Ele havia sido pego por outros motivos e estava também de volta à Febem. Foi chegando e me perguntando:

-Que papo é esse que você está contando, Neguinho?

E ameaçou:

-Gente, sabe o que aconteceu com ele na rua...?

Se ele contasse a verdade para o pessoal, eu estava perdido, toda a minha fama de bod boy iria por água abaixo. Pelos colegas internos eu soube — e às vezes até presenciemos casos na escola — de constantes estupros de garotos que haviam vacilado na rua. Assim, eles ficavam sem moral para revidar aos ataques. E como se fossem condenados eternamente ao estupro, já que havia passado pelo constrangimento uma vez.

Se aquele cara contasse que eu havia sido vítima de estupro, eu correria o risco de ser estuprado pelos quatrocentos garotos que estavam internados naquela unidade, porque todos iriam achar que tinham o direito de abusar de mim. Eu seria mais um condenado. Naquele dia o meu medo foi tão grande que acabei olhando para o meu colega com um olhar tão desafiador que senti que consegui intimidá-lo. Aprendi com as minhas experiências na rua que se uma pessoa se deparar com um pivete e demonstrar medo esse pivete vai perceber que terá ali uma presa fácil de atacar. Mas, se a pessoa o encarar e não demonstrar medo, ele sabe que é bom não correr o risco. Aquele moleque, ainda que tivesse se mostrado um pouco intimidado com o meu olhar, procurou olhar para mim da mesma maneira. Assim passamos a nos encarar como se fosse um desafio. Estávamos próximos de uma mesa de sinuca, e eu mais que depressa apanhei uma das bolas da mesa e fui para cima dele e lhe quebrei vários dentes. A boca dele começou a sangrar; e eu, que era bem menor que ele, comecei a socá-lo. O meu medo de morrer ou de sofrer outro estupro era tão grande que senti que se não vencesse aquela parada estaria perdido. Eu era o rei do palavrão naquela época, mas não conseguia pronunciar nenhum. Não conseguia articular as coisas. Só o atacava, Senti que estava me animalizando. Não conseguia articular palavra nenhuma, só grunhia.

Como era costume, quando um menino briga na Febem é colocado num quarto de castigo. Algumas unidades da Febem tinham esse quarto e talvez ainda hoje possa ser encontrado em alguns lugares. Era um cubículo de um metro e meio por um metro e meio, com um vaso sanitário. Na minha época um menino poderia ficar preso até três dias numa dessas celas sem comer e sem beber água. Se ele quisesse beber água, teria de defecar no chão da cela e beber a água que havia dentro do vaso sanitário. O castigo era o seguinte: o instrutor que colocava o menino no quarto era também o responsável para tirá-lo. Só que os instrutores trabalhavam um dia sim, outro não, quer dizer se um menino entrasse na quarta-feira naquela

sala de castigo, ele só sairia na sexta-feira porque o instrutor não trabalhava na quinta-feira. Colocaram-me nessa sala. Quando me vi trancado, me estendi no chão da cela e fiquei várias horas deitado.

Por incrível que pareça, entrou um instrutor que eu nunca tinha visto na vida, pegou um balde de água e jogou em mim, e mandou que eu me colocasse em pé, pois na cela não se podia ficar deitado, e sim em pé. Eu fiquei a noite toda em pé na cela com o chão molhado e pela primeira vez na vida comecei a sentir uma mágoa muito profunda das pessoas.

Quando amanheceu o instrutor que havia me colocado na cela ficou com pena de mim, pois ele viu que meu corpo estava cheio de pontos infeccionados. Então, ele abriu a cela antes de ir embora e mandou que eu saísse. Mas, como eu teria de ficar três dias preso e aquele instrutor estava encurtando a minha pena, ele se sentiu no direito de me dar dois tapas no rosto — tapa masculino, pesado, carregado de mágoa. Depois me deu um pão com manteiga e disse:

-Coma esse pão aí!

Em seguida, abriu uma Bíblia. Por incrível que pareça, ele começou a rezar e a falar comigo e fez a previsão do meu futuro. Para ele, eu seria um marginal, assaltante e estuprador

-Seu caminho está traçado, você não tem mais jeito.

Ele falou tantas vezes aquilo que provocou uma confusão na minha cabeça, ou seja, aquele cara que me colocava na cela me tirava da cela, depois me dava um alimento e me batia no rosto. Ele dizia o que eu deveria ser. Lembro que comi aquele pão com manteiga que tinha um gosto amargo enquanto pensava: “Quando crescer já sei o que vou fazer: vou matar, vou roubar vou estuprar”. Eu estava decidido a isso. Ele me mandou para o pátio, e eu fui caminhando já decidido a fugir. A unidade era cercada por um muro de três metros de altura com uma grade. No muro havia uns furos em que se podia colocar facilmente o dedo, e nós o escalávamos como se fosse um rapei, só que sem cordas. Então era só escalar o muro, pular e estávamos na rua. Ao descer pelo muro, estava com o corpo ainda muito dolorido, mas resisti. Quando olhei aquele muro alto que cercava o quarteirão fiz uma promessa e disse para mim mesmo que nunca mais voltaria para aquele lugar acontecesse o que acontecesse. Estava disposto a matar ou morrer — eu já não queria aquele sofrimento e, por incrível que pareça, descobri naquela época uma coisa interessante.

LIÇÃO Nº5

NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

Deus, Alá, Jeová, Buda, Maomé, Oxalá... a palavra que todos falam é "Sim".

QUANDO RESOLVI DIZER QUE NÃO VOLTARIA PARA AQUELE LUGAR, ACHO QUE DEUS VIROU-SE
PARA MIM E DISSE: "SIM"...

Já segui várias religiões e acho que cada uma delas tem uma coisa interessante. Mas há algo em comum entre as religiões em geral, que é a idéia de Deus como um cara otimista. Os verdadeiros fiéis se julgam tão pequenos comparados à presença de Deus que se sentem como se fossem bebês engatinhando ainda no processo de evolução. E Deus está a cem anos-luz, sem dúvida alguma, em termos de conhecimento, inteligência e de bondade. E como contador de histórias, ou seja, como uma pessoa que vive da palavra, costumo dizer que Deus está na força da nossa palavra. Se julgarmos a nós mesmos como um pobre miserável, um pobre coitado, que não serve para nada, Deus olha para a gente e diz: "Sim", mas se fizermos o contrário, e dissermos que somos ricos e queremos um pouco mais de felicidade, ele também nos dirá: "Sim". A força da gente está na palavra e na expressão. O que a gente fala volta para a gente. Se abirmos a boca e falarmos em "flores", a força de nossa palavra atinge a nossa interlocutora e retorna para nós mesmos. Porém, se falarmos algo negativo, poderemos atingir o próximo e receberemos de volta aquilo que ofertamos. Em resumo, o que falamos acontece. Dessa maneira, devemos estar muito atentos para com as nossas palavras. O maior exemplo do que aconteceu comigo nesse sentido foi quando resolvi dizer que não voltaria para aquele lugar; que não iria sofrer. Acho que nesse dia Deus virou-se para mim e disse: "Sim". A força da minha palavra e pensamento me auxiliou a colher o bem.

Nessa época uma pedagoga francesa chamada Margherit Duvas chegou ao Brasil para conhecer o país. E com essa mulher que começou o meu contato com as pessoas competentes, com as pessoas magníficas e extraordinárias. Mais uma vez eu havia fugido e tinha ficado na rua durante um mês todo. Uma senhora que trabalhava no pronto-socorro às vezes me via na rua, sempre me dava alguma assistência, fazendo curativos nos meus machucados.

Um dia eu estava caminhando na rua — havia roubado uma bicicleta —, quando fui preso. Encaminharam-me novamente para a Febem.

Logo que cheguei à instituição, sentei num banco e esperei para ser atendido pelas assistentes sociais, quando por mim passou uma mulher muito alta e loura, com um perfume Chanel número 5. Eu estava sem muito ânimo e me mantinha cabisbaixo. Naquela época, quando se entrava na Febem, a primeira coisa que o adolescente fazia era olhar para o chão porque se por acaso olhasse para os instrutores estaria correndo o risco de levar um tapa no rosto. Era freqüente esse tipo de reação dos instrutores: agredir um interno e sempre perguntar em tom de desafio: "Por que você está me encarando?"

Eu estava sentado no banco olhando para o chão quando passou aquela mulher loura, e a minha sorte foi que vieram acompanhando-a duas daquelas funcionárias insatisfeitas com a vida e com colares de pedra que as deixavam parecidas com girafas. Quando passaram por mim, me olharam e resmungaram, sem nenhuma preocupação com o fato de que eu pudesse ouvir:

- Não é possível! O Roberto Carlos está de volta. Esse menino não tem jeito! Ele é um caso irreversível. Ele deveria ser mandado para uma escola do interior onde ele poderia fazer alguma coisa.

O comentário daquelas funcionárias demonstrava que definitivamente já não me queriam naquela unidade. Era o desejo de todos me trancar numa escola para menores infratores, que era uma prova de fogo, pois assim teriam uma preocupação a menos: lidar com um menino rebelde. Quando elas passaram por mim, acompanhadas daquela mulher loura, a expressão "um caso irreversível" despertou a curiosidade da visitante.

Essa francesa tinha vindo para o Brasil para conhecer as cidades de Salvador e Ouro Preto, que seriam tombadas pelo Patrimônio Cultural da Humanidade. Na verdade, ela deveria ir para o Haiti, mas desistiu dessa viagem, e veio para o Brasil. Ao passar por Belo Horizonte, ela viu uma propaganda que dizia

que a Febem de Minas Gerais era a melhor escola do país, com creches de qualidade, educadores competentes, meninos felizes. Enfim, era a escola que fazia tudo pelo social. Ela ficou encantada com a propaganda e se interessou por conhecer a escola porque, segundo ela, que era educadora “na França nunca vi uma escola tão interessante como esta”. Justamente naquele dia, na hora exata em que ela chegava no carro do consulado, eu vinha num camburão da Polícia Militar. Era a minha entrada cento e trinta e dois, e, definitivamente, a última.

Naquela época eu havia passado por várias unidades da Febem no interior do Estado. Em Minas Gerais eu havia passado por doze escolas da Febem e fugido de todas. Em uma das unidades eu não tinha nem nome. Cada aluno tinha um número, mas não tinha um nome. Meu prontuário era o de número 374. No meu uniforme estava escrito esse número, assim como em minha roupa de cama. Então os meus colegas me chamavam de 374. Tudo o que me restava de dignidade era o meu nome, e até isso me tiraram. Eu não seria um número outra vez, não!

EM VEZ DE NAVE ESPACIAL E CAPACETE DE ASTRONAUTA, CABO DE ENXADA E CHAPÉU DE PALHA

Eu tinha completado nove anos quando começaram as minhas viagens para tais escolas. Naquela época assistia semanalmente, em uma loja da cidade, aos episódios do seriado O homem de seis milhões de dólares, que contava a história de um astronauta que havia sofrido um acidente aéreo e praticamente tinha sido dado como morto, mas, graças aos avanços tecnológicos e especialmente cinematográficos da época, teve os membros reconstituídos em titânio, numa operação fantástica que havia custado a também fantástica quantia de seis milhões de dólares. Um braço biônico que lhe dava uma força descomunal, pernas biônicas que lhe permitiam andar mais rápido que um carro e um olho biônico que lhe tornava possível ver a distâncias inimagináveis — tudo isso a serviço do bem, salvando vidas em perigo e vivendo aventuras emocionantes. Por tudo isso, aquele astronauta era o ídolo da meninada da época, não só dos riquinhos, mas também da turma de rua. Após cada episódio saíamos imitando o nosso herói em câmara lenta e comentando que quando crescêssemos seríamos astronautas. E eu, particularmente, adorava imitá-lo cantando a música do seriado e andando como se estivesse na gravidade zero. E nada me faria mudar de idéia: “Um dia eu vou ser astronauta”, “Um dia vou ter superpoderes e fazer coisas fantásticas em prol da humanidade”.

Até que um dia caí novamente na Febem, e como de costume as assistentes sociais nos pregavam aqueles sermões e faziam perguntas a que nós nunca sabíamos responder, do tipo: “O que você pensa da vida, menino?” “Onde está o seu juízo?” “O que você vai ser quando crescer?” Até então achava que o fato de não saber responder a tais perguntas era o motivo do tratamento áspero que eu sempre recebia naquela escola, mas depois de assistir aos episódios do seriado na televisão tinha resposta para pelo menos uma daquelas perguntas. Quando eu crescesse seria astronauta. E com certeza as tias iam ficar contentes com a minha resposta e logo me arranjariam a cirurgia de reposição biônica para que eu salvasse o mundo. Só que não foi bem assim. No dia em que adentrei na instituição com aquela idéia fixa na cabeça e aquele sonho fantástico no coração, a assistente social riu de mim, não de maneira educada ou discreta, mas com escárnio. Ela ria e perguntava novamente, com se não tivesse entendido a minha resposta: “O que você disse que vai ser quando crescer?” “Astronauta”, respondia meio sem graça. E ela ria, cada vez mais alto. A princípio pensei que ria para mim, pelo fato de eu ter escolhido uma profissão tão importante, mas depois

de algum tempo percebi que ela ria de mim, como se eu estivesse falando da coisa mais esdrúxula do mundo. O mais terrível veio depois: ela abriu o meu prontuário, anotou alguma coisa e me olhou novamente com escárnio, dizendo: “Vou te encaminhar para uma escola da cidade de Antônio Carlos, interior do Estado, onde você vai poder fazer o seu curso de astronauta”. Acho que naquela hora os meus olhos brilharam com o deslumbramento da perspectiva de ser alguém na vida. Eu tinha acertado a resposta, por isso ela ria daquele jeito. Levantei-me apressado, pois, segundo ela, o veículo que me levaria à nova escola partiria dentro de algumas horas. Ao sair daquela sala todo sorridente, tive ímpetos de voltar e abraçar efusivamente aquela mulher e demonstrar o quanto eu estava agradecido, mas faltou-me coragem. Corri saltitante pelos corredores em direção ao almoxarifado para ganhar roupas e novos conselhos das tias: me comportar direito e aproveitar essa nova oportunidade que me estava sendo dada.

A viagem até a Escola Lima Duarte, no interior de Minas, me pareceu um verdadeiro teste de resistência. Eramos quinze crianças e adolescentes apertados em uma Kombi velha seguindo para um mundo completamente distante e desconhecido pela maioria. Um instrutor sisudo ia no banco da frente, ao lado do motorista. Nos dois bancos traseiros, dez adolescentes espremidos com suas respectivas mochilas. E no fundo, em cima do motor; eu e mais quatro crianças esmagadas umas sobre as outras, com as pernas encolhidas, cercadas por caixas de prontuários e documentos e sufocadas pelo calor e pelo barulho do motor. A partida foi emocionante, e pude sentir até uma dorzinha de barriga pela emoção da viagem. Mas, à medida que nos afastávamos de Belo Horizonte e ganhávamos as estradas, a emoção foi sendo substituída pelas câibras e pelo calor infernal proveniente do motor e do sol que batia na lataria do veículo — aquela viagem era a tortura mais cruel que se pode aplicar a um ser humano. As nossas bocas secas não nos permitiam sequer reclamar a sensação era de morte iminente. Lembro-me de ter visto um colega ir fechando os olhos e apoiando a cabeça no meu ombro como se estivesse dormindo, mas, ao balançá-lo, percebi que ele estava mole e com a boca cheia de espuma. Começamos a gritar de pânico, pensando que ele havia morrido, mas graças a Deus tinha sido só um desmaio, e bem providencial, pois pelo temor de um novo desmaio o motorista discutiu com o instrutor que meio a contragosto permitiu que ele fosse no primeiro banco entre eles. Ganhamos um pouco mais de espaço, mas, em contrapartida, também as gargalhadas dos adolescentes, que nos chamavam de fracotes e mariquinhas. Aquelas foram as cinco horas mais apertadas da minha vida.

A chegada à escola foi uma tragicomédia: parecia um carro de circo despejando seus artistas só que em vez de palhaços fazendo piruetas desciam meninos desfigurados pela desidratação, mancando de câibras e roxos de vontade de urinar. Mesmo meio zozzo, pude perceber que aquilo ali se parecia mais com uma fazenda do que um centro de treinamento de astronautas. E as minhas suspeitas rapidamente se confirmaram. Fui informado pelo diretor; a que todos chamavam “professor”, que os cursos ali eram de sapateiro, marceneiro e práticas agrícolas e que eu havia sido enganado. E mais: por não ter idade para fazer um dos cursos profissionalizantes daquela escola, eu ficaria na capina e ganharia naquele dia mesmo uma enxada e um chapéu de palha, pelo qual eu teria de zelar como se fossem meus. Imaginem: em vez de nave espacial e capacete de astronauta, eu estava ganhando uma enxada e um chapéu de palha, e o que era o pior; como naquela escola tinha uns dez Joãos, vinte Josés e uns quinze Robertos, todos então ganhavam um número, e pela ordem de chegada, eu seria o aluno número 374. De imediato protestei e disse que Robertos podem ter muitos, mas Roberto Carlos eu só tinha ouvido falar de dois: eu e um outro que era cantor e seria fácil não me confundirem. O diretor não me deu bola e repetiu dividindo as sílabas, como se já estivesse cansado de me explicar:

- Vo-cê é o 3-7-4, en-ten-deu?

Abaixei a cabeça e discordei:

-Meu nome é Roberto Carlos!

-Olhe para mim — ordenou o diretor

Levantei o rosto, ele me sorriu e me deu uma bofetada que quase me partiu o maxilar O tapa foi tão forte, que devo ter-me deslocado uns três metros de distância de onde eu estava. Nada mal para um primeiro vôo nos primeiros vinte minutos naquela escola. Parei ajoelhado no chão, com as pernas cruzadas, as mãos no rosto, sem entender o que tinha acontecido, zozzo pelo coice, chorando como uma menininha e queimando de vergonha pelas gargalhadas dos veteranos da escola.

-Vou repetir só mais uma vez: seu número é 3-7-4, entendeu? — ameaçou-me o diretor falando entre os dentes.

-Sim, senhor — respondi, sem saber a que me referia.

A minha permanência naquela escola foi breve. Depois de mais uns três ou quatro coices iguais àquele primeiro para aprender outras normas, cheguei à conclusão de que não valia a pena ser astronauta, nem sapateiro ou mesmo técnico agrícola. Mas, se preservasse o meu nome, eu poderia, um dia, ter minha própria astronave, milhares de sapatos novos e minha própria fazenda.

Cinco dias depois lá estava eu na estrada, livre como eu sempre quis. Larguei a minha enxada debaixo dos pés de laranja, joguei para o alto aquele chapéu de subserviência e fugi pela mesma estrada que me havia levado àquele campo de concentração e de formação de mão-de-obra barata, desesperado pela idéia de não conseguir voltar para o meu planeta, mas certo de que escola nenhuma me colocaria uma rédea novamente. E assim foi, um internato após outro, tudo igual: viagens em Kombis lotadas, fugas só. com a roupa do corpo, caronas e mais caronas e muitas histórias para ganhar um novo chinelo havaiana que furaria nos calcanhares e se perderia na poeira do asfalto, em busca de um refúgio seguro e de mais uma carona. Até aquele dia em que me encontrei com a francesa. A mulher que não tinha seis milhões de dólares para me emprestar mas que possuía a fórmula que me tornaria dali a alguns anos, não o astronauta biônico, mas uma pessoa mais forte, mais rápida e capaz de ver muito mais longe, sem que para isso tivesse de abrir mão de tudo o que me restava de dignidade: "O meu nome".

Tudo o que me restava de dignidade era apenas isso, e até isso me tiraram. Eu não seria um número outra vez, não!



Margherit Duvass

LIÇÃO N° 6

NOÇÃO DE SOLIDARIEDADE

O momento certo para pescar e a isca adequada para usar.

QUANDO A FRANCESA ME DISSE: "POR FAVOR", ACHEI QUE ELA FOSSE LOUCA, POIS ATÉ ENTÃO NINGUÉM HAVIA ME TRATADO DAQUELA MANEIRA...

Então, essa educadora francesa ouviu as assistentes dizerem que eu era um caso irrecuperável. No mesmo instante ela retrucou:

-Como pode ser um caso irrecuperável, se um ser humano vive em média oitenta anos? Como, com apenas treze anos, alguém pode ser marcado como um caso irrecuperável?

Uma assistente social respondeu para a francesa que uma especialista já havia afirmado que “o caso daquele menino era mesmo irrecuperável”.

A francesa pediu permissão para conversar com alguns alunos da Febem e as assistentes sociais tentaram logo reunir aqueles que eram considerados os melhores alunos daquela unidade, aqueles que realmente estudavam e eram os mais bem comportados. Alguns estavam aprendendo até inglês. Mas a francesa foi categórica:

-Eu gostaria de falar primeiro com aquele menino irrecuperável.

Tentaram dissuadi-la dizendo que ela iria perder tempo comigo, pois eu falava apenas palavrão e não levava ninguém a sério. Mas, diante da insistência da francesa, as assistentes sociais acabaram cedendo. Pela primeira vez na vida, naquele lugar alguém se aproximou de mim e, antes de falar alguma coisa referente à minha cor de pele, ao meu cheiro de xixi, ao meu nariz escorrendo catarro ou ao meu cabelo com piolhos, me olhou bem nos olhos e fez uma das coisas mais fantásticas que um ser humano pode fazer para o outro, que é sorrir com os olhos. Para sorrir com olhos, tem de abrir o espírito. Assim ela fez e me disse algumas poucas palavras que, para mim, tiveram um significado sagrado:

-Com licença, por favor Eu gostaria de falar com você.

Quando a ouvi dizer “com licença” e “por favor”, com aquele sotaque carregado, eu disse com um ar entre o deboche e a curiosidade:

-Você fala tudo errado.

Ela sorriu e me respondeu:

-Não falo tudo errado. E que onde eu morro as pessoas falam assim como eu.

E eu insistia:

-Ah! coitada! Você vive numa colônia de leprosos e fica lá trancada?

-Non, non é lepra, non, menino. Eu morro do outro lado da Terra... e a Terra é redonda...

Dizia-me isso gesticulando e mostrando com os dedos que a Terra era redonda. Eu, que não entendia essa história de a Terra ser redonda, continuava com a minha inquirição:

-Mas como redonda? Eu já andei a cidade toda e não vejo nada redondo.

-O menino, você está brincando comigo? Enquanto aqui é dia, no meu país já é noite.

Comecei a pensar que ela era louca, embora estivesse bem vestida e me parecesse muito bem educada, e por isso estava ali sendo muito bem tratada porque se os loucos não forem bem tratados poderiam ser agressivos. Eu, que havia ficado a sós com ela, imaginei que estavam me deixando com uma mulher louca. Nesse momento percebi que haviam deixado o portão aberto e, notando que aquela mulher não tinha condições de me segurar tratei logo de sair. Fui me afastando e dizendo:

-Dá licença, senhora, mas estou fugindo.

E segui em direção ao portão. Naquele momento ela gritou:

-Ele está fugindo!

Uma assistente social se aproximou dela e, com uma cara de alívio, lhe disse tranquilamente:

-Ele foge todo dia! É um caso irrecuperável

LIÇÃO N° 7

NOÇÃO DE HUMILDADE

Força + fôlego + flexibilidade = pessoas fantásticas
Fraqueza + fadiga + ferrugem = pessoas falidas.

AS PESSOAS FICARAM PETRIFICADAS, ACHANDO QUE EU FOSSE ASSALTÁ-LA, MAS ELA SORRIA
À MEDIDA QUE EU ME APROXIMAVA...

Aquela mulher não era uma mulher normal. E evidente que não era uma louca, como eu tinha pensado inicialmente. Eu havia percebido que era uma mulher diferente. Não pelo fato de ser estrangeira, mas sobretudo por carregar uma aura que a diferenciava de muitas das pessoas que tinha conhecido na minha vida de interno. Era uma mulher extraordinária.

As pessoas extraordinárias têm três efes positivos na vida. Aquela mulher era um exemplo de alguém que possuía os três efes positivos: força, fôlego e flexibilidade. A força à qual me refiro é a fé, é ter alguma perspectiva, é acreditar em alguma coisa. Algumas pessoas dizem "fé", mas eu digo "crença", porque o fato de acreditar é que impulsiona os nossos atos. A segunda coisa é o "fôlego", pois para trabalhar com os seres humanos devemos ter fôlego; caso contrário, os nossos objetivos não serão atingidos. A terceira coisa é a "flexibilidade". Cada ser humano é ímpar. Como os dedos das mãos não são iguais uns aos outros, assim são os seres humanos. Dessa maneira, não adianta uma regra ou um padrão para trabalhar com as individualidades.

Quem possui esses três efes positivos é uma pessoa fantástica, extraordinária. Quem não tem esses três efes pode ter três efes negativos: em vez de força terá fraqueza; em vez de fôlego, fadiga; em vez de flexibilidade, ferrugem. Se um ser humano tiver fraqueza, fadiga e ferrugem, encarnará aquela pessoa que terá tudo de errado na vida. Estará fadada a ter uma vida estática, sem nenhuma perspectiva de evolução. Então, a vida desse tipo de pessoa se resumirá em fracasso.

Essa francesa, pouco antes de vir ao Brasil, havia terminado de defender uma tese na Universidade de Marselha, na França, onde morava e lecionava. Após essa etapa da vida, ela resolveu descansar e decidiu viajar para um país tropical. Esse é o motivo da passagem dela por Belo Horizonte. A coisa mais interessante é que três dias depois daquele meu primeiro contato com ela, eu estava na rua e soube por colegas que havia uma mulher me procurando. Eu imaginava que era uma assistente social do Juizado de Menores.

Um dia eu estava vadiando pela Avenida Afonso Pena, no centro da cidade, quando ouvi alguém me chamar:

-Roberto, Roberto... Você está lembrando de moi.

Quando olhei para trás, vi aquela mulher de chapéu de safári acenando um lençinho para mim. Pensei: "É aquela doida da Febem que diz que a Terra é redonda e que mora do outro lado do mundo". Quando ela acenou para mim, parei e olhei para ela. Nesse momento tive a impressão de que todas as pessoas que caminhavam pela Avenida Afonso Pena haviam parado também para olhar para ela. Ela me acenava o lenço, e as pessoas olhavam curiosas sem entender como aquela mulher tão chique, na porta de um hotel, pudesse falar com um pivete. Caminhei na direção dela. As pessoas ficaram petrificadas, imaginando que eu, naquele momento, iria assaltar aquela mulher. Ela sorria à medida que eu me aproximava.

Quando cheguei bem perto dela, notei que ela usava uma correntinha dourada no braço. Por um momento pensei em pegara pulseira porque se fosse de ouro poderia me render uns bons pães com salame. Mas, ao me aproximar em vez de fazer aquilo que todo mundo geralmente fazia, que seria esconder a pulseira ou disfarçar, ela pegou a minha mão e me disse:

-Mas você saiu da Febem? Lá me parece ser uma escola tão boa!

Enquanto ela falava comigo, eu seguia o movimento dos braços dela de olho na pulseira. Mas logo em seguida pensei: "Se ela não escondeu a correntinha é porque não deve ser ouro, pois se aquilo fosse

valioso ela certamente esconderia de mim, como normalmente fazem as pessoas”. Achei que era uma bijuteria fajuta e desisti de roubá-la. Mais tarde soube que a pulseira era de ouro mesmo, mas soube também que aquela mulher tinha uma outra noção de valor. Os valores dela estavam ligados a outros campos.

-Ela tornou a me dizer:

Você fugiu de uma escola tão boa!

-Tão boa? — questionei. — Eles contaram para a senhora que eles nos trancam em uma cela?

-Cela? Mas que cela? — perguntou ela sem entender muito bem o que eu dizia.

-Você nunca ouviu falar de pau-de-arara, não? — perguntei.

Então comecei a contar para ela tudo o que eu sabia daquela escola. Quando eu contava algumas das atrocidades que aconteciam na Febem para os adultos na rua, eles não acreditavam e diziam normalmente que era uma boa escola, que nos dava estudo e educação, e nos encaminhava para uma profissão, nos alimentava com carne e leite todos os dias, e nós, internos, é que éramos uns rebeldes. Já havia desistido de contar para as pessoas os atos de covardia de muitos dos funcionários da Febem para com os internos, pois, quando narrava esse tipo de história, as pessoas duvidavam, e eu ainda ficava com a pecha de ingrato.

Mas quando eu comecei a contar para a francesa as tais atrocidades que ocorriam lá e os rituais de tortura ela me ouviu atentamente. Contei-lhe a história de um instrutor chamado “Animal”, que por ironia do destino foi condecorado depois como um inspetor talentoso, que trabalhava em prol das crianças. Esse homem era tão terrível nas suas práticas que mais parecia um carrasco nazista. Era sádico. As vezes, se um adolescente houvesse feito alguma desordem durante o dia, ele o acordava altas horas da noite e o mandava lavar roupa no tanque. Não era prática da instituição lavar roupa durante a noite. Então, o menino que fosse condenado por esse inspetor enchia o tanque de água, e o carrasco o afogava no tanque. Contei-lhe também que não raro ele pegava um menino e esfregava o rosto dele em um muro chapiscado, e, no dia seguinte, quando alguém perguntasse àquele garoto o que havia lhe acontecido no rosto, ele inventava que tinha machucado em um acidente qualquer pois se contasse a verdade teria de enfrentar o Sr Animal no próximo plantão. Certamente ele passaria por mais uma sessão de torturas. Então os meninos criavam histórias para justificar as feridas: diziam que haviam caído da escada, que tinham escorregado e outras desculpas, que, apesar de pouco criativas, convenciam os funcionários da Febem.

Nunca diziam a verdade, mas finalmente contei tudo para aquela mulher que eu pensava que fosse louca. Enquanto eu lhe relatava todo aquele drama em pormenores, ela balançava a cabeça e arregalava os olhos cada vez mais. Ela se mostrou aterrorizada, mas em nenhum momento me disse que eu estava inventando aquelas histórias. Foi a primeira vez que alguém me ouviu falar por uns vinte minutos seguidos.

Quando terminei de contar os tais fatos da Febem vi que ela estava com os olhos vermelhos como quem estivesse com vontade de chorar. Ela me olhou com os olhos lacrimosos e, após alguns segundos em silêncio, como se buscasse um auxílio, me disse:

-Roberto, eu poderia falar para você: vai com Deus, Deus te ama, siga seu caminho. Mas será que quando eu voltarr para minha casa eu conseguirria colocarr minha cabeça no travesseiro e dormirr tranqüilamente depois de ouvirr sua história. Será que eu conseguirria ficarr em paz sem terr feito nada para mudarr a sua realidade?

Depois ela me disse que ficaria mais uma semana em Belo Horizonte, hospedada na casa de uma amiga que morava na Europa. Então, ela me perguntou se eu gostaria de passar aquela semana com ela, pois queria fazer uma entrevista comigo, já que tinha a intenção de fazer uma denúncia internacional. Para ela, fazer uma denúncia de maus-tratos seria uma grande forma de me ajudar. Então pensei: "Se eu morar uma semana com essa mulher, vou roubar tudo da casa dela".

LIÇÃO Nº8

NOÇÃO DE FELICIDADE

Não queira ensinar se não estiver disposto a aprender.

OS CASAIS PASSAVAM E ESCOLHIAM AS CRIANÇAS QUE IRIAM ACOMPANHÁ-LOS, E OS ESCOLHIDOS ERAM GERALMENTE OS MENINOS BRANCOS DE OLHOS AZUIS...

Eu logo pensei em roubá-la, pois todas as vezes que alguém me convidava para ir para sua casa estava sempre pensando em me pedir algo em troca. Eu me lembro que quando tinha oito anos queria muito ser adotado por uma família. Aos domingos alguns casais visitavam a Febem e levavam algumas crianças para casa. Por isso é que todos os domingos eu me levantava bem cedo, tomava banho e ia para o pátio, na ansiedade de que pudesse chegar algum casal com interesse em me levar para passar o domingo com ele. As crianças internas ficavam sempre no pátio, e eu dava um jeito de me colocar na frente de todos para ser visto logo. Os casais passavam e escolhiam as crianças que iriam acompanhá-los. Normalmente os escolhidos eram os meninos brancos de olhos azuis. Eu sempre ia ficando. Chegou um ponto que já nem acreditava que pudesse ser adotado. Deixei de acordar mais cedo e tomar banho aos domingos pela manhã, simplesmente ficava brincando sem muita esperança de ser escolhido por algum casal. Certa vez tive a impressão de que um casal olhou para mim e disse:

-Menino, vem cá!

Arregalei os olhos e perguntei, incrédulo:

-Eu?

-Não, o outro que está atrás de você.

Depois disso desisti de ser adotado.

Um domingo eu brincava no pátio com uma caixa de areia, e um casal se aproximou, olhou para mim e disse:

-Vem cá, você!

Olhei para trás e vi que não havia ninguém; olhei para os lados e não vi ninguém.

-É você mesmo — disseram.

Esse casal estava me convidando para ir para a casa deles. Comecei a chorar de emoção, pois pela primeira vez um casal iria me levar para a casa dele para passar o final de semana. Mais que de depressa enxuguei as lágrimas. Eles me disseram:

-Não chore, não; vamos levar você para casa. Você quer passear no final de semana?

-Eu disse que sim, E fui tomar banho.

-Depois que saí do banho, uma instrutora se aproximou de mim e me disse:

Esse casal é rico, eles têm muito dinheiro. Quando você chegar lá, não vá fazer bobagem. Você fala demais e fala muito palavrão. Chegando lá, fique caladinho e só responda: "Sim, senhor", "Sim, senhora", pois assim eles irão gostar de você, Você, que só come como um porco entornando toda a comida, não pegue nada, não. Só coma o que eles lhe derem e um pouquinho só, porque assim eles irão gostar de você.

Quando ela terminou de me fazer aquela série de recomendações, pensei: "Não vou comer nada, não vou falar nada, porque assim eles vão gostar muito de mim". De repente ela ainda se lembrou de mais uma recomendação: a de que eu tivesse o máximo de cuidado ao usar o vaso sanitário, já que para ela eu era um verdadeiro porco. Então, tomei a decisão de não falar nada, não comer nada e não usaria nem mesmo o vaso sanitário. Pelo que havia entendido, essas seriam condições fundamentais para que eles me amassem.

Entrei no carro do casal e me sentei no banco de trás. O marido estava dirigindo e sua esposa sentou-se ao lado dele. Durante o percurso ela me perguntou:

Como é mesmo o seu nome?

-Roberto — respondi bem baixinho.

Ela repetiu a pergunta, pois não havia ouvido direito. Eu repeti quase num sussurro:

-Roberto.

Ela me disse: — Fale mais alto.

-Eu não gosto de falar alto, não.

Nesse momento imaginava ter angariado muitos pontos com eles, que continuaram conversando, e eu sempre calado. Quando chegamos finalmente à casa deles, ela me disse que eu ficasse à vontade e vestisse uma bermuda. Eu vesti a bermuda e me sentei no sofá.

-Quer ver televisão? — perguntou ela.

-Não, senhora, não gosto de ver televisão, não — respondi.

Então vá fazer um lanchinho. Quer comer uma maçã, uma pêra?

-Não, muito obrigado. Eu não gosto de comer nada disso.

-Mas você não gosta de comer maçã?

-Não.

-Que pena!

O casal já devia estar pensando que eu era um menino cheio de frescuras. Ela ligou a televisão assim mesmo, e eu fiquei sentado na poltrona. Mal prestava atenção no programa. Ficava somente pensando que eles já deviam estar gostando muito de mim porque eu era um menino quietinho, um menino ideal, que pudesse agradar a todos os adultos. Na hora do jantar quando ela veio me chamar eu disse que não queria comer

-Mas, Roberto, você tem de comer Coma batata frita com bife.

-Mas eu não gosto de nada disso, não.

-Então coma, pelo menos, meia maçã.

“Meia maçã acho que posso comer porque assim eles verão o quanto sou educado”, pensei. Então comi a metade de uma maçã, certo da minha vitória como garoto educado. Quando ela me disse que eu poderia usar o banheiro do corredor caso fosse necessário, eu retruquei:

-Não se preocupe, eu não uso banheiro, não.

-Mas como? Se quiser fazer xixi ou cocô?

-Mas eu não faço nada disso, não — respondi.

Fui deitar com a bexiga quase estourando de vontade de fazer xixi.

Nessa noite não consegui dormir direito. Fiquei muito preocupado, com medo de fazer xixi na cama. Enquanto estava deitado ficava imaginando que já havia conquistado aquele casal. Sonhava com o momento em que eles iriam me dizer: “Roberto, você é um filho querido. Você não come nada, não fala nada, não faz cocô, nem xixi. É a criança das fadas”.

“Criança das fadas” é uma expressão européia que pertence a uma lenda segundo a qual quando nascia uma criança muito bonita as fadas, com muita inveja, a roubavam e colocava no lugar dela uma criança excepcional. A mãe ficava feliz porque aquela criança não chorava, não dava trabalho. Era como se

fosse um boneco. Porém, com o passar do tempo, a mãe começava a ficar desencantada porque aquela seria uma eterna criança que nunca iria se desenvolver. Era como se fosse um boneco mesmo. Uma eterna criança que seria sempre dependente dos pais. Então eu pensava: “Eles vão me adorar porque eu não faço nem cocô, nem xixi. Se eu não chorar não berrar nem reclamar de nada, eles vão me adotar pois isso é o que todo pai quer”.

Na manhã seguinte a dona da casa foi até o meu quarto e me disse:

-Roberto, aconteceu uma coisa inesperada. Um parente nosso ficou doente e vamos ter de cuidar dele. Vamos levar você de volta para a Febem e um outro dia o pegaremos para você passar o final de semana conosco.

Assim, me levaram de volta para a Febem. Anos depois, quando eu tinha mais ou menos vinte anos, voltei àquela unidade da Febem. Procurei o meu prontuário e aí entendi por que aquele casal tinha me devolvido tão rápido. No meu prontuário havia uma observação segundo a qual o casal me devolveu no dia seguinte porque eu era uma criança totalmente apática, que não falava nada, era muito introspectiva, não gostava de comer nem de usar o banheiro. Ou seja, segui à risca tudo o que a instrutora da Febem havia me aconselhado e deu tudo errado.

DA OUTRA VEZ QUE TENTARAM ME ADOTAR, O CARA APARECEU NU NO MEU QUARTO, TENTANDO ME MOSTRAR O AMOR QUE TINHA PARA ME DAR...

Da outra vez que tentaram me adotar eu tinha dez anos mais ou menos e eu estava na rua em frente de uma loja quando passou por mim um senhor. Ele se aproximou e me disse que se eu quisesse poderia morar com ele, em uma mansão no bairro Manguelinas, porque se sentia muito sozinho. Ingenuamente eu o acompanhei. Ele me disse ainda que era dono de uma rede de lojas de Belo Horizonte. Se eu fosse um bom menino, ele me daria muitas oportunidades na vida, entre as quais a de trabalhar em uma de suas lojas quando ficasse adulto. Eu, mais que depressa, pensei: “Esse é o pai que eu sempre quis ter”.

Ao chegarmos à sua casa ele me disse que a empregada já estava dormindo e me ofereceu um quarto com uma cama de casal. Fiquei pensando no pai maravilhoso que havia arranjado. Tomei banho, fiz um lanche e fui deitar. Quando já estava deitado, aquele “pai maravilhoso” que havia encontrado apareceu no quarto. Consegui vê-lo na penumbra, estava nu e dizia que queria demonstrar o amor que ele tinha para me dar. Eu entrei em estado de desespero, ameacei gritar e ele ficou muito nervoso e me botou na rua. Quando contei para os meus colegas o que havia acontecido, eles me disseram:

-Você tem de ficar mais esperto. Quando alguém chegar para você e ficar falando de amor é porque está querendo transar.

A partir daquele dia, quando ouvia as pessoas falarem de amor comigo, eu sempre achava que era para transar. Até mesmo de uma irmã de caridade que um dia me ofereceu umas balinhas, passou a mão na minha cabeça e disse que me amava, eu logo pensei que estava com segundas intenções. Então, eu sempre fugia.

LIÇÃO N°- 9

NOÇÃO DE CONVIVÊNCIA

Bonjour, madame! Bonjour, monsieur! Quem oferece flores fica com as mãos perfumadas.

ELA UTILIZAVA OS TALHERES COM GRANDE ELEGÂNCIA, AO PASSO QUE EU DEVORAVA TUDO
COM AS MÃOS...

Por causa do episódio com aquele homem, tive muita desconfiança da francesa no início. Ela havia me convidado para ir à casa dela. Fiquei imaginando quais eram as intenções dela. "Será que ela vai querer transar comigo? Será que vai me botar para fora da casa no dia seguinte? Será que vai querer me usar para comprar drogas para ela?" Milhões de dúvidas pairavam sobre a minha cabeça. Pensei em chegar lá, roubar algumas coisas e fugir logo em seguida. Quando cheguei, ela olhou para mim e disse:

-No primeiro dia que eu o vi percebi que você era uma criança diferente. Eu descobri que te amava.

"Puxa vida, lá vem ela me falar desse tal de amor", pensei.

Ela me mostrou o quarto em que eu iria ficar. Logo que entrei no quarto fechei a porta com a chave e fiquei segurando a maçaneta. Ficava imaginando que logo, logo ela apareceria nua com a intenção de transar comigo. Permaneci torcendo para que nada daquilo acontecesse. Fiquei quase meia hora em pé atrás da porta. Passado algum tempo, ela veio, bateu na porta e me perguntou:

-Roberto, já tomou banho?

-Não, senhora, ainda estou fedendo.

Abri a porta assustado, ela percebeu isso e me disse:

-Calma, eu só quero que você faça um lanche comigo e que se sente à mesa do jantar

Desci meio arrasado e quando cheguei à sala de jantar vi uma mesa farta, com biscoitos, pães, bolos, sucos. Era tanta coisa; eu jamais havia visto aquela fartura em toda a minha vida. Eu, que pensava que teria de pagar aquele lanche, fui logo dizendo: — Eu não tenho dinheiro, não, viu, minha senhora?

Ela disse:

-Você não tem de pagar nada, não. E de graça, você é meu convidado.

Havia uma variedade de copos e taças sobre a mesa. Perguntei a ela por que havia tantos copos naquela mesa. Ela me disse que cada copo tinha uma utilidade. Havia copos próprios para suco, outros para licor; outros para champanhe, outros para água, e assim por diante. Com a minha ironia, perguntei

-Se eu tomar água no copo errado eu morro?

-Não. Mas eu só queria lhe mostrar que existem bebidas que devem ser tomadas em copos certos.

Como eu era muito curioso — e essa característica foi que me salvou, conforme me dizia Margherit, a francesa —, fui logo perguntando qual era o copo certo para tomar guaraná. Ela me indicou o copo ideal para o refrigerante. Enquanto bebia guaraná, devorava sem nenhuma cerimônia todos aqueles biscoitos. Ela, muito educadamente, comia com calma a pouca quantidade de biscoitos que havia no prato dela. Utilizava os talheres com grande elegância ao passo que eu devorava tudo com as mãos. Enquanto comia lembrei-me de uma história infantil em que uma bruxa dava comida para as crianças para que elas engordassem. As crianças ficavam presas, só comendo, de vez em quando a velha pedia para eles que colocassem os dedinhos para fora para ver se tinham engordado o suficiente para matá-los. Quando acabei de comer estava bem saciado.

Estava muito intrigado com o tratamento que aquela mulher estava me dispensando, e muito desconfiado. Não acreditava que ela estivesse fazendo tudo aquilo sem esperar nada em troca. Para tentar descobrir qual era o plano dela resolvi fazer um teste da sua paciência. Já havia desenvolvido três testes para constatar a paciência das pessoas. Assim, eu sabia se um adulto teria ou não paciência comigo. O

primeiro teste foi dar um arrote sonoro na mesa de jantar. Quando fazia isso perto de alguém, eu sempre levava uns safanões, me xingavam de porco ou de mal-educado. Então, quando acabei de comer soltei um sonoro arrote. Ela continuou comendo sem dizer nada. Pensei: “Não é possível. Ela só pode ser surda”.

O segundo teste consistia em soltar um pum. Na primeira oportunidade soltei um. Ela continuou comendo, sem me dizer nada. De nada ela se queixou e também não demonstrou sentir nenhum constrangimento.

Eu não entreguei os pontos e pensei: “Se eu falar mal de um adulto, corro o risco de ser até espancado”. Assim, resolvi continuar aplicando os testes de paciência naquela mulher. Virei para ela e lhe disse:

-Não me leve a mal, não, mas a senhora parece retardada, uma mongolóide, com essa sua língua presa.

-Desculpe-me se lhe parreço excepcional. E que eu falarr uma língua diferente. Eu falo francês e onde eu morro todas as pessoas falam assim como eu. — Assim ela me respondeu, pacientemente.

-Ah! essa tal língua francesa não existe, não, dona! Eu falo uma língua diferente, o “ariá-ariê”.

-Mas que língua é essa? — quis ela saber

-E a língua dos meninos de rua — respondi.

-Que mterressante! Você pode me ensinarr essa língua?

Quando ela me pediu isso, quase me engasguei, pois foi a primeira vez que um adulto me pediu que lhe ensinasse alguma coisa. Normalmente me diziam que eu só falava bobagem, e diante de mim estava uma mulher que queria que eu lhe ensinasse uma língua de meninos de rua.

-Me ensina sua língua que eu lhe ensino o ffrancês — propôs ela.

-Então se prepare que eu vou falar pra você, mas você não vai entender — topei como se fosse um desafio.

-Essa língua era falada da seguinte maneira: nós fazíamos a divisão silábica e truncávamos a sílaba tônica colocando uma variante ariá-ariê, o que provocava uma grande confusão nas pessoas.

Por exemplo, se eu dissesse a frase: “Vou falar um negócio e você não vai entender” na língua do ariá-ariê, ficaria assim: “Erieu vouriou falariá um negoriócio e voceriê não vairiai entenderiê. Erieu estoriou falariando a liriíngua dos menirinos de ruriua”.

Ela ficou me olhando pasmada e disse:

-Roberto, não entendi nada — disse ela com um ar de quem estava confusa e ao mesmo tempo bastante curiosa.

-Então vou falar devagarzinho. — E repeti lentamente:

-Erieu vouriou falariá um negoriócio e a senhiora não vairiai entenderiê.

Nesse momento ela me disse com euforia:

-Roberto, eu entendi! Você não sabe ler nem escrever; mas consegue falar a palavra, faz uma divisão silábica, trunca a sílaba tônica e coloca a variante ariá-ariê.

Ela não só havia entendido como já demonstrara ter compreendido todo o processo de construção daquela língua maluca que tanto me divertia quando travava os meus diálogos com os meus colegas de rua. Mas dessa vez fui eu quem não havia entendido nada da explicação que ela havia me dado, e eu lhe disse com deboche:

-É isso mesmo, faço com Variant, com Opala, com Brasília...

-Fantástico, Roberto! Você me ensina essa sua língua que eu lhe ensino francês.

-Ah, dona, francês não existe!

-Não existe? Então vou fazerr uma brrincadeiraira fantástica com você. O que você quiserr saber na minha língua, você deve me perguntarr quest-ce que cest, que querr dizerr em frrancês:"o que é isso"?Você deve apontar alguma coisa e me perguntar qu'est-ce que cest?

Eu aponte para uma flor que estava no vaso sobre a mesa e perguntei:

-Quest-ce que cest?

-Une fleur— ela me respondeu.

Aponte para a janela e perguntei

-Quest-ce que cest?

-Une fenêtre.

Eu estava muito desconfiado de que aquela dona estava inventando aquela língua, mas continuei a brincadeira, pois estava achando muito divertida. Aponte para minha camisa e perguntei:

-Qu'est-ce que cest?

-Une chemise — respondia ela.

Depois, para as calças.

-Une pantalone.

-Quest-ce que cest?

-Cest un choisir (é um sapato).

Então, pensei arditosamente em pegá-la apontando para os mesmos objetos que já havia indicado, dessa vez perguntando rapidamente:

-Quest-ce que cest? Quest-ce que cest?...

Ela me respondia tão rápido quanto eu perguntava:

-Une chemise, une fenêtre...

Comecei a acreditar que a tal língua francesa existia, pois ela repetia tudo igualzinho, de maneira idêntica como falara da primeira vez. Assim comecei a aprender com ela o francês e ela começou a aprender comigo o ariá-ariê. E ela falava a complicada língua do ariá-ariê com sotaque francês:

-Robertorriô eu gostarriarria de falarrarriá com vocerriê.

E eu dizia:

-Oui, madame! Un moment s'il vous plait (um momento, por favor). Acertei?

-Oui, très bien! (muito bem!)

O mais interessante é que em vez de ficar uma semana com ela fui ficando duas, três, quatro semanas... A cada hora ela me ensinava uma coisa diferente, e quando eu errava não era admoestado. Na velha escola eu tinha grande pavor de errar. Todas as vezes que eu errava ficava de castigo. Com Margherit era diferente, pois quando eu errava ela ria muito, de maneira descontraída, e me contava dos seus erros quando estava aprendendo a falar o português.

A ÚNICA VEZ QUE EU VI UM NEGRO SER CHAMADO DE BONITO FOI NA PORTA DA IGREJA, E ELE USAVA UM TERNO DE LINHO E GRAVATA-BORBOLETA...

Quando cheguei à casa dela pela primeira vez fiz uma relação de coisas que iria roubar quando ela me mandasse embora, ou seja, já fui para lá sustentando a idéia de que seria expulso. Ela não me suportaria por muito tempo, imaginava eu. Aí eu pensava: "Quando eu sair da casa dessa mulher vou levar o aparelho de televisão, o aparelho de som, as jóias". O tempo passou, e eu, que havia percebido o quanto ela era boa para comigo, desisti de roubar e passei a pensar de maneira um pouco diferente: "Ah! vou levar somente o televisor e o aparelho de som!" No dia seguinte, já havia desistido de roubar mais algum objeto, e pensei: "Vou roubar apenas o televisor da coitada". A medida que o tempo passava, eu desistia aos poucos de roubar as coisas dela. Chegou, finalmente, um momento em que desisti de roubar qualquer coisa de lá, porque ela havia sido muito boa comigo. Por fim, comecei a temer que alguém entrasse naquela casa e roubasse alguma coisa, pois eu poderia ser recriminado por isso, tamanho era meu sentimento de culpa. Então passei a vigiar todos os que iam lá. Até da faxineira eu ficava desconfiado, e não tirava o olho dela, era uma senhora que fazia a limpeza na casa de Margherit alguns dias da semana. Nos dias em que ela aparecia eu ficava de prontidão para segui-la, observando-a continuamente. Até que ela resolveu me perguntar:

-Menino, o que você está olhando tanto? Tá achando que eu quero roubar alguma coisa? Pelo que eu saiba quem vem da rua é você.

No terceiro mês, Margherit me proporcionou a afirmação do que poderia ser um ser civilizado. Eu já não usava mais aqueles trapos com os quais estava acostumado quando vivia na rua, embora ainda adorasse andar descalço. Ganhei de presente um terninho de linho azul-celeste e gravata-borboleta. Eu havia contado para ela que quando era pequeno a única vez que eu tinha visto um menino negro com um terno de linho foi na porta da Igreja da Boa Viagem, onde houve um casamento. A noiva desceu, e com ela estava um menino que tinha mais ou menos a minha idade. Era negro, usava um terno muito bonito, gravata-borboleta, e segurava as alianças. Todos exclamavam: "Que lindo!" Então, para mim, naquela época, eu achava que para ser um menino bonito teria de usar um terno de linho e gravata-borboleta, como aquele menino da igreja. Margherit, que registrou essa história, me deu um terninho de linho que eu adorava. Eu usava aquele terno constantemente, e às vezes me recusava a tirá-lo.

Aquilo teve um efeito muito grande em mim. Eu andava pelas ruas com o meu terno azul-celeste ao lado daquela bela mulher, alta e loura. As pessoas me viam e diziam:

-Mas que menino bonito! E seu filho?

Eu pensava: "O Yakult está funcionando; demorou, mas está fazendo efeito".

E ela dizia, orgulhosa:

-Ele já está aprendendo a falar francês.

Que gracinha! Tão novinho, tão pretinho, e já fala francês!

Eu, que me sentia tão orgulhoso, aproveitava a chance para demonstrar o meu talento:

-Oui, madame. je parle français, Mais je ne parle pas très bien.

-Que gracinha! — As pessoas me elogiavam e me apertavam as bochechas.

Senti que ninguém mais tinha medo ou fugia de mim. Aos poucos minha vida começou a mudar. Depois de cerca de oito meses na companhia de Margherit, me sentia tão feliz ao lado dela que comecei a pensar que não tinha direito a tanta felicidade. Tinha muito medo de que aquela felicidade pudesse ser interrompida de repente. O temor de que minha felicidade acabasse era tão grande que comecei a achar que deveria ir embora daquela casa antes que Margherit me expulsasse. Um dia, disse-lhe com muito pesar:

Não sei se a senhora sabe, mas eu gosto de ficar na rua. Aqui está muito bom, mas acho que vou embora.

Eu pensei que ela fosse ficar abalada com as minhas palavras e iria insistir que eu ficasse. Assim, teria a oportunidade de fazer um charme. Tranqüilamente, ela me disse:

-Que pena que você vai embora; nós íamos fazerr um piquenique amanhã no Parrque Municipal.

-Piquenique no Parque Municipal? — perguntei, muito interessado no assunto.

-Sim, eu estava pensando em comprarr um frango assado e refrigerantes. E uma pena que você vai embora!

Mais que depressa encontrei uma solução:

-Então, vamos combinar uma coisa: vamos fazer esse piquenique, e eu deixo para ir depois, no outro dia.

-Está ótimo! Vamos fazerr o piquenique amanhã.

No dia seguinte, durante o piquenique no Parque Municipal, passou por nós um menino que eu conhecia da rua. Eu lhe dei um pedaço de frango, e ela aceitou aquele menino sem nenhuma restrição, pedindo que ele nos acompanhasse no lanche. Voltamos para casa, e eu estava tão feliz, me sentindo como se fizesse parte de uma família, acompanhado de uma pessoa adorável, comendo e bebendo sem ter de mendigar nada a ninguém. Aquilo me animou a querer ficar por mais tempo naquela casa.

EU ACHAVA QUE FOSSEM ME COLOCAR PARA FORA DO AVIÃO PELO FATO DE EU SER UM MENINO DE RUA...

Depois de cerca de um mês comecei a pensar novamente na possibilidade de ela me mandar embora. Pensava sempre em como poderia enfrentar essa situação. A minha noção de tempo era tão abstrata que eu ficava refletindo no quanto a semana que ela queria conviver comigo demorava para passar. Não me dava conta de que já convivía com ela por quase um ano. Voltei a falar com ela sobre a minha intenção de ir embora. Quando tomei a decisão e fui procurá-la, ela me disse:

-Que pena que você vai embora, porque no próximo mês eu querria levarr você a São Paulo de avião.

Tive um novo entusiasmo, e ela me propôs que fôssemos juntos a São Paulo e quando voltássemos para Belo Horizonte eu poderia ir embora, se assim o quisesse.

Assim, fui com ela de avião para São Paulo, Eu achava que em algum momento alguém poderia me expulsar do avião porque eu era um pivete, De certa forma, eu tinha consciência de que as pessoas me respeitavam por causa de Margherit. Embora eu estivesse ao lado dela, bem-vestido, com o meu terno de linho, eu ainda me sentia como se fosse um pivete. No avião, vi a aeromoça se aproximar com muita simpatia e me oferecer um sanduíche. Mas num determinado momento eu fiquei angustiado porque

Margherit disse alguma coisa no ouvido dela. Logo imaginei coisas. Certamente ela devia ter contado que eu era um pivete, e logo, logo todos os que estavam naquele avião ficariam sabendo disso e iriam rir de mim e me desprezar. Pouco depois a aeromoça se aproximou de mim e me perguntou gentilmente:

—Você gostaria de conhecer a cabine do piloto?

-Pode? — perguntei com os olhos arregalados, sem disfarçar a emoção.

-Sim, claro.

Quando cheguei à cabine e vi o piloto lá, muito solícito, me mostrando tudo, me dizendo para que serviam aqueles botões, fiquei tão entusiasmado, que já não ouvia o que o piloto me falava, apenas ouvia as batidas do meu coração. A minha alegria não tinha limite, e a minha vontade era gritar de emoção.

Quando aterrissamos, embora estivesse entusiasmado e feliz com aquela viagem emocionante, ainda tinha uma preocupação, temendo que algo pudesse me acontecer pelo fato de ser um pivete. Descemos do avião e quando caminhávamos em direção à saída vi uma porta de vidro que se abria e se fechava sozinha. Próximo a essa porta havia dois policiais. Mais que depressa parei e fiquei perto de Margherit. Ela, que era muito sensível, percebeu minha atitude e me perguntou:

-O que aconteceu, Roberto?

-Nada, não! — respondi.

-Aconteceu alguma coisa. Você estava muito alegre e de repente ficou todo sorumbático.

E que toda vez que passo em um lugar que tem um policial eles me agarram pelo braço e me colocam para fora confessei.

-Como? Quero ver se isso vai acontecer Experimente. Passe pela porta e veja o que acontece.

-Mas eles vão me prender — insisti.

-Quero ver se isso vai acontecer — disse ela com firmeza.

Então caminhei de cabeça baixa em direção à porta automática. A porta se abriu, eu passei e a porta se fechou. Fiquei parado esperando por Margherit. Os guardas nem se mexeram. Pensei que eles não tivessem me visto e resolvi voltar. A porta se abriu e eu passei por eles, que novamente nem se importaram comigo. Ela me pegou pelo braço, entrou comigo no banheiro masculino do aeroporto, me colocou em frente do espelho e me disse, quase chorando:

-Roberto, se olhe no espelho. Antigamente os policiais parravam um menino sujo, maltrapilho. Agora você já não é assim. Olhe para sua cara. Você acha que não mudou nada?

Ela me disse aquilo com muita emoção. E eu me toquei que havia mudado muito, sim. Eu já não tinha aqueles cabelos desgrenhados, o nariz escorrendo catarro. Mas ainda insisti:

-Mas eles podem me parar porque sou negro.

-Que nada! Não tem nada que ver com cor. Quem dera eu tivesse essa cor que é a coisa mais linda que Deus fez. Deus fez o mundo colorido, fez pessoas brancas, pessoas pretas, pessoas amarelas para colorir o mundo. Nenhuma raça é melhor do que outra.

-Mas você acha que é bom ser preto?

-Ah! quem dera eu tivesse um pouquinho desta sua cor! Deus não me deu esse privilégio.

Pela primeira vez ouvi uma pessoa branca dizer que queria ter a minha cor Assim, comecei a pensar que não era tão feio como me julgava até então. Minha auto-estima estava crescendo, e Margherit sempre me dizia:

-Como você é lindo!

Quando saímos do banheiro — e as pessoas nos olhavam achando estranho aquela mulher sair de um banheiro masculino - eu já tinha perdido aquela sensação de que era um pivete. As palavras e a atitude dela me fizeram amadurecer bastante. Eu já não me sentia como sendo exclusivamente protegido dela. Sentia-me como o professor de língua de meninos de rua, E ela às vezes se apresentava como minha professora de francês.

A viagem para São Paulo foi uma maravilha. Quando voltamos para Belo Horizonte, já me sentia como se fosse um francês. Eu ficava imaginando coisas. Imaginava que era um francês que havia sido raptado na França e trazido para o Brasil. Sempre que eu falava com ela em francês, ela me dizia:

-Très bien.

Muito do que eu falava em português ela me corrigia. Por exemplo, eu dizia: "A gente asseste". Mais que depressa, ela me corrigia:

-Não se diz asseste, e sim assiste.

Comecei a achar que a França é que era o meu país, pois acertava mais falando o francês do que o português.

LIÇÃO N°10

NOÇÃO DE TOLERÂNCIA

Quando a gente chuta uma pedra, a gente xinga ou sorri —As duas reações fazem a grande diferença entre os seres humanos.

ENTAO INUNDEI A CASA DELA, CERTO DE QUE AO CHEGAR ELA ME COLOCARIA PARA FORA E EU TERIA A CERTEZA DE QUE NINGUÉM REALMENTE GOSTAVA DE MIM...

Quando a nossa convivência completou um ano, Margherit me soltou uma bomba: o visto de permanência no país estava vencendo e ela corria o risco de não conseguir renová-lo. Assim ela teria de retornar para a Europa e depois voltaria para continuarmos o que ela chamava de “nosso trabalho”. Aquilo me soou como uma demissão. Pensei: “Eu sabia! Ela está me colocando para fora. Só que de uma maneira muito sutil”. Na hora tentei me consolar. Pensei até em assaltar as pessoas em francês quando voltasse para as ruas:

-Lorgent s'il vou plaít (o dinheiro, por favor).

As pessoas iriam até fazer questão de ser assaltadas por mim. Iriam me perguntar se eu queria cartões de crédito, talões de cheque... Mas pensei comigo: “Antes que ela me abandone, vou facilitar as coisas dando-lhe um bom motivo para ela me expulsar daqui”. Uma noite, ela marcou um encontro com o vice-cônsul de Belo Horizonte, que era conhecido dela. Ela agendou um jantar com ele para conversar sobre a situação dela no Brasil. Sua intenção é que o vice-cônsul pudesse interceder na renovação do visto. Eu, que já estava pessimista com a situação, acreditava que quando ela voltasse iria me dizer que não havia conseguido renovar o visto e iria me mandar embora.

Para facilitar as coisas, pensei em aprontar alguma coisa que pudesse fazer que ela perdesse a paciência comigo, embora isso jamais tivesse acontecido. Nessa noite em que ela saiu, entrei no banheiro e tomei banho na banheira. Eu sabia que ela não gostava de ver o banheiro molhado e se irritava com isso. Peguei uma toalha e tapei o ralo da banheira e depois tapei também o ralo do chão. A banheira inundou e a água transbordou e escorreu para fora do banheiro até chegar aos quartos. Eu fiquei vendo televisão na sala e via a água descendo pelas escadas. Pensava no momento em que ela voltasse. Quando ela visse a casa inundada, iria me agarrar pelo pescoço, como tantas pessoas já haviam feito comigo, iria me bater no rosto e me dar safanões. Depois iria jogar na minha cara que me odiava e me mandaria sumir da casa. Eu até ensaiava o que iria dizer para ela: “A senhora não me ama nada. Na primeira oportunidade já está me colocando para fora”.

Depois iria voltar para a rua com a certeza de que ninguém gostava de mim. A única coisa que me segurava na casa dela era a certeza de que ela sentiria muito a minha falta se eu fosse embora. Eu me sentia muito ligado a ela, embora não soubesse confessar isso com palavras. Falar de amor era para mim uma coisa muito difícil, muito abstrata, e na minha cabeça amor se relacionava a sexo. O máximo que eu sabia fazer para demonstrar meu afeto por ela era desenhar flores e espalhá-las pela casa afora — isso sempre a fazia chorar. Mas aquele dia ela não merecia desenhos, e o melhor era esquecer tudo o que eu tinha vivido ali — tudo era um sonho, e o sonho tinha acabado. Fui para o quarto, botei minhas roupas na mochila e fiquei deitado na cama, esperando-a chegar. Ficava pensando que ela iria perceber que eu tinha saído sem roubar nada, e aquilo lhe provocaria um peso na consciência, pois ela havia colocado um menino honesto para fora da casa. Deitado na cama, me veio uma vontade de chorar. Fiquei com um nó na garganta, mas o choro não saía. Ao mesmo tempo eu lembrava que quando estava na rua e se, por qualquer motivo, eu chorasse, meus colegas cairiam na minha pele e me chamariam de fraco. Chorar era sinônimo de fragilidade. Eu já não conseguia chorar. Estava deitado, mordendo a franha do travesseiro por causa da dor que sentia e me sufocava. Margherit voltou de madrugada, e, ao ouvir os passos dela, eu já imaginava como seria a minha morte, como ela me mataria por causa daquela inundação. Mas ao mesmo tempo me deu uma vontade muito grande de correr para ela e pedir-lhe desculpas. Pensei nas situações mais melodramáticas possíveis, como cortar os pulsos, me atirar aos seus pés e dizer que a amava e

estava arrependido de tudo. Só que meu orgulho foi mais forte e resolvi resistir. Tudo o que me segurava naquela casa era o afeto que tínhamos um pelo outro.

Quando ela abriu a porta e pisou no carpete molhado eu a ouvi perguntar assustada:

-Mon Dieu, quest-ce que ce possé?

Agora não tinha mais volta, ela iria me colocar para fora, iria me espancar. Margherit subiu a escada, foi seguindo o percurso da água, e entrou direto em seu quarto. Destapou o ralo da banheira, fechou a torneira. Creio que deve ter respirado um pouco e contado até mil. Fiquei nesse instante imaginando que ela deveria estar afiando a faca e iria entrar a qualquer momento no meu quarto e me esfaquear. Ela parou na porta do meu quarto e bateu. Levantei, abri a porta, fiz uma cara de anjo, e disse:

-Oh! madame! vous ovez arrivé!

Ela estava com os braços para trás, e eu imaginava que segurava uma faca. Eu me afastei, sentei na cama e voltei àquela mesma postura da Febem, que é olhar para o chão. Eu pensava: "Quem sabe se olhar para o chão ela fica com pena de mim". Ela me disse enfaticamente:

-Roberto, olhe nos meus olhos.

-Não estou a fim de olhar não.

Roberto, você ficou quase um ano inteiro com um livro na cabeça para aprender a olhar as pessoas nos olhos e já esqueceu como se faz isso?

-Não estou a fim de olhar para os olhos de ninguém, não.

-Desculpe-me se lhe peço isso, mas eu é que não consigo conversar com as pessoas sem olhar nos olhos delas.

Então resolvi olhar para ela. Quando olhei, seus olhos cheios d'água, assim como os meus. Ela carregava aquele olhar sufocado, como o meu. Senti que ela estava sendo cúmplice dos meus sentimentos. Ela sentia a mesma coisa. Não era aquela coisa sarcástica da Febem. Ela estava tão desesperada quanto eu. Ela me perguntou:

-Você esqueceu a torneira da banheira aberta? Meu quarto ficou todo inundado, minha casa ficou toda inundada. Você esqueceu?

A minha resposta foi curta e seca, mais com a intenção de feri-la.

-Não, senhora, não esqueci, não. Eu fiz foi de propósito.

E olhei para o chão, esperando pelo tapa que ela deveria me dar. Só que ela não me deu nenhum tapa no rosto. Ela tirou as mãos de trás das costas, me deu um abraço forte, afagou meus cabelos e me disse, chorando:

-Oh! menino danado! O que é que eu ainda preciso fazer para provar que te amo. Me diga o que eu preciso fazer para convencê-lo de que eu gosto de você?

Eu, que pensei que ia apanhar ser expulso, esperava tudo, menos por aquele gesto. Quando ela me disse aquilo, senti um nó rompendo na minha garganta, e eu, que não chorava fazia muitos anos, comecei a chorar primeiro, mordendo os lábios, depois, copiosamente. Quando ela viu as lágrimas correndo no meu rosto, me disse:

-Roberto está chorando? Nós só choramos quando percebemos que somos capazes de amar alguém e fazer que as pessoas gostem da gente também.

-Eu gosto da senhora, mas a senhora vai embora.

-Non, eu não vou embora porque consegui renovar o visto. Vou ficar mais um tempo no Brasil.

Aí eu desabei em prantos, mais do que nunca.

-Mas eu molhei a casa toda!

-Não ligue, não. Amanhã você limpa.

Aquela noite ela me ensinou o que vem a ser a Pedagogia do Amor.

Segundo os ensinamentos de Margherit, a Pedagogia do Amor deve ser aplicada a todas as pessoas, sobretudo àquelas que são consideradas as que mais tumultuam, as mais complicadas. As situações mais problemáticas é que devem ser confrontadas com a Pedagogia do Amor pois a proposta dessa forma de ensinamento é ter sempre um pouco mais de perseverança, ter sempre um pouco mais de insistência para resolvermos aquilo que denominamos “situações problemas”.

Para que a Pedagogia do Amor possa ser colocada em prática, é fundamental que se tenha um pouco mais de força, um pouco mais de fôlego, um pouco mais de flexibilidade. Assim será possível constatar que aquelas situações que nos parecem mais complicadas e difíceis de ser solucionadas com certeza nos trarão resultados positivos, na nossa tentativa de modificá-las. Margherit me disse algo interessante: "Quando Piaget falhar; quando Vigotsky não der certo, abraçe seu aluno como ser humano, e tudo vai dar certo". Ela me disse que depois de ter tentado comigo todas as teses, todas as teorias que ela tinha assimilado em sua vida acadêmica; depois de ter buscado aplicar tudo isso, e nada do que ela havia tentado tivesse surtido efeito, percebeu que deveria abrir mão das teorias para me tratar realmente como ser humano, como alguém que estivesse precisando, sobretudo, de amor. Foi nesse instante que ela me abraçou e realmente me conquistou. E aquele velho motivo do nosso primeiro encontro — fazer uma denúncia internacional de maus-tratos às crianças do Brasil — tinha dado lugar a uma outra coisa: salvar uma criança do Brasil, em particular uma pela qual ela havia maternamente se apaixonado, um tal de Roberto.

LIÇÃO Nº11

NOÇÃO DE SENSIBILIDADE

As uvas são sempre iguais, mas as mãos que as colhem e as pessoas que as chupam fazem o sabor diferente.

SEGUNDO MARGHERIT; AGORA QUE EU HAVIA TERMINADO MEUS ESTUDOS NO BRASIL IRIA COM ELA PARA A FRANÇA, PARA CHUPAR AS UVAS DA REGIÃO DE CHAMPAGNE, QUE ERAM AS MAIS SABOROSAS DO MUNDO...

Graças a essa mulher aprendi a ler e a escrever num curto período. Em seis meses fui alfabetizado, primeiro em francês, sua língua, e depois em português. Uma fato interessante ocorreu no dia seguinte, após eu ter inundado a casa de Margherit. Ela me deu um grande presente. Eu estava enxugando a casa, e enquanto fazia o meu trabalho chorava, sentindo um pesar muito grande por minha atitude, quando Margherit passou por mim e me perguntou:

-Está muito difícil?

-Não. Está muito bom. É o melhor castigo que estou recebendo na vida — respondi.

De tantos castigos que havia recebido na vida, seja na Febem, seja na rua, aquele era o melhor que havia recebido porque, na verdade, me senti amado, querido, e não teria motivo nenhum para voltar para a rua. Agora sabia que ela gostava realmente de mim. A tarde ela me fez uma surpresa. Chegou com quatro pessoas que, segundo ela, seriam os meus professores. Meus cabelos se arrepiaram porque eu tinha uma aversão muito grande a professores e assistentes sociais. Mas ela me assegurou de que aqueles eram diferentes, eram grandes profissionais que trabalhariam de acordo com as minhas necessidades e com as minhas potencialidades. E graças àqueles professores, com a sistemática coordenação de Margherit, aprendi a ler e escrever num período de seis meses.

Ela percebeu aquilo que deveria ter sido notado fazia muito tempo pelos profissionais da Febem, Eu era uma criança imperativa: assim, precisava de um atendimento diferenciado. Com sua sensibilidade aguçada, Margherit percebeu isso, o que tornou fácil trabalhar comigo. Além do mais, ela jamais acreditou na existência de situações sem solução na vida. Foi por não acreditar que eu era uma criança irrecuperável e por sua coragem de enfrentar o desafio de me educar, dando-me amor; carinho, me tratando com respeito, que pude deixar uma vida marginal à qual estaria fadado.

Um ano depois, num processo de aceleração de aprendizado, já terminava o primário. No ano seguinte, concluí o equivalente ao primeiro grau. Foi muito interessante a forma como terminei o primeiro grau. Fiz uma prova de avaliação em uma escola e foi diagnosticado que eu tinha condições de prosseguir os estudos no segundo grau. Porém, a legislação vigente não permitia que um menino de dezesseis anos, que não tinha freqüentado a escola convencional, iniciasse os estudos de segundo grau. Dessa maneira, eu teria de entrar na primeira série de uma escola e seguir todo o processo convencional de estudos. Por mais que tivesse condições de acompanhar o primeiro ano do segundo grau, juntamente com outros alunos em situação dita normal, a legislação não permitia. Margherit, então, conseguiu autorização do Juizado de Menores para que eu fosse para a França e lá pudesse prosseguir os estudos. Eu teria um prazo de três anos para fazer o curso correspondente ao segundo grau no Brasil. Se eu não fosse devolvido nesse prazo, ela seria acusada de seqüestro. Eu achava tudo isso uma coisa muito engraçada, pois por que alguém iria querer raptar um menino de rua? No dia que me avisou que nós iríamos para a França ela aproximou-se de mim e me disse com um ar de quem estava se sentindo muito feliz:

-Agora que você terminou os seus estudos aqui no Brasil vou levá-lo para a França para você chupar as uvas da região de Champagne.

Segundo ela, as uvas dessa região eram as mais gostosas do mundo. Fiquei muito excitado com a notícia de que iria acompanhá-la à França.

-Que horas que nós vamos? — perguntei, ansioso.

-Calma! Daqui a dois meses. Nós temos de fazer o nosso projeto de viagem. Você tem de fazer o seu projeto de vida — respondeu-me com sua calma característica.

Durante dois meses fizemos o projeto de viagem. Ela disse que valia a pena elaborarmos um bom plano para que a viagem fosse mais prazerosa. Se nós não planejássemos corretamente poderíamos correr o risco de fazer uma viagem fracassada. Mediante as informações que ela me passava sobre o país dela, eu ia preparando a minha mala. Colocava, retirava, depois colocava novamente as coisas que pretendia levar para a tal Europa. Fiz e refiz a mala inúmeras vezes. Fui aprendendo a planejar corretamente a viagem, e ela me auxiliava sempre, descrevendo os locais por onde iríamos passar contando histórias da França, dos seus castelos, das regiões ensolaradas e das montanhas nevadas, Até que cheguei à conclusão de que o grande lance de qualquer viagem é ir com a mala vazia, para que você possa ter espaço para colocar as coisas boas que encontrar pelo caminho. Cada dia que ela falava das uvas da Champagne, ressaltando sempre que iríamos chupar as uvas mais saborosas do mundo, ficava imaginando que as tais uvas da França fossem do tamanho de uma laranja. No dia seguinte, quando ela falava um pouco mais sobre o sabor das uvas, eu imaginava que cada bago de uva fosse do tamanho de um melão.

Enfim, quando embarcamos para a França, dois meses depois que ela havia me dado a notícia da viagem, eu já imaginava que a uva francesa fosse do tamanho de uma melancia. Porém, não fomos diretamente para a França. Primeiro, passamos por Portugal, onde ela teria de se encontrar com uma velha amiga. Para mim foi uma experiência fantástica ter a oportunidade de pisar pela primeira vez na Europa. Lá eu fiz muitas amizades. Dessas amizades, me lembro de um menino chamado Hernandez, a quem ensinei a sambar. Ele falava com um sotaque muito diferente, parecia que não era português, mas era, na verdade, um português autêntico.

Depois fomos para a Espanha. Foi nesse país que conheci uma senhora que era uma fantástica contadora de histórias, que me vendeu um belo potinho, que, segundo ela, havia pertencido a Napoleão Bonaparte. Ela me contou das bravuras de Napoleão e de como havia conseguido adquirir aquele pote. Fiquei tão impressionado com a história do pote, que perguntei se ela poderia me vendê-lo. Ela perguntou quanto eu tinha na carteira. Quando lhe falei a cifra que tinha, ela reclamou, mas disse que apesar de ser pouco o dinheiro que eu carregava ela iria aceitar pois havia se simpatizado comigo. Entreguei-lhe todo o dinheiro, e quando ela abriu o armário para pegar o famoso pote vi que lá dentro havia muitos outros potes iguais ao que ela estava me vendendo, Muito desconfiado, perguntei:

-Espera aí! Por que tantos potes iguais?

-Eu tenho culpa se Napoleão era louco? Eu tenho culpa se aquele homem adorava colecionar potes? Isto tudo aqui pertencia a ele, e, além de tudo, ainda queria dominar o mundo! — disse ela sem nenhum constrangimento.

Percebi que, na verdade, era uma história que ela estava me contando. Revoltado, pedi o meu dinheiro de volta, A resposta dela foi interessante:

-O dinheiro não é possível lhe dar de volta. Estou lhe dando o pote de graça porque você me pagou pela história que lhe contei, e por uma história contada não é possível devolver o dinheiro.

Quando ela me disse aquilo me dei por vencido e me conformei com a perda do dinheiro porque ela me ensinou uma grande lição. A força de convencimento das palavras. Além do mais, encontrei naquela senhora, que era uma pessoa fantástica, um estímulo muito grande para me tornar um contador de histórias.

Enfim, um mês depois que estávamos viajando pela Europa chegamos aos famosos vinhedos localizados no sul da França, tão propagados por Margherit. Reparei que as videiras de lá eram até mais

baixinhas que as do Brasil. E eu, que havia imaginado que fosse encontrar videiras do tamanho de uma árvore, me senti um pouco sem graça. Ao aproximarmos, percebi que os cachos de uva eram do mesmo tamanho das uvas do Brasil, nada muito diferente. Margherit então pegou o bago de uma uva e o colocou na palma da minha mão e me disse, muito emocionada:

-Roberto, experimenta! Antes de chuparr a uva ficamos dois meses planejando essa viagem, depois ficamos um mês viajando pela Europa parra você chuparr as uvas da região de Champagne. Experimenta parra verr se valeu a pena.

Pensei que ao estourar aquela uva na boca iria ouvir talvez a Quinta sinfonia de Beethoven, talvez os meus cabelos ficassem louros, talvez eu aprendesse a falar alemão... alguma coisa iria acontecer porque aquelas uvas deveriam ser realmente extraordinárias. Peguei a uva e a estourei na boca. Não consegui conter a cara de decepção. Lamento informar senhores, mas as uvas francesas têm praticamente o mesmo gosto das uvas brasileiras. Não consegui disfarçar e fiz uma cara de decepção. Ao perceber a minha desilusão, ela perguntou:

-O que foi? Não gostou?

-E... é muito bom, mas eu não vou enganar a senhora, madame. Como a senhora mesmo disse, nós ficamos dois meses planejando essa viagem e um mês viajando pela Europa para eu vir fazer isto aqui: chupar as uvas da região de Champagne. Sinceramente, as uvas daqui têm o mesmo gosto das do Brasil. A viagem foi muito mais agradável do que o nosso objetivo, que foi o de chupar uvas.

Quando disse isso, ela começou a chorar me abraçou e me disse:

-Aaaah! Agora, Roberto, mon petit, você entendeu a essência da vida. A essência da vida de qualquer pessoa não está no amanhã, no futuro ou em qualquer objetivo que ela tiver. A essência da vida de qualquer pessoa está na viagem, no percurso, na caminhada. Se você for triste, deprimido, rancoroso na sua viagem, vai ser triste, deprimido, rancoroso na chegada. Mas, se você for alegre, contente e procurar sempre construir verdadeiras amizades na sua caminhada, vai ser alegre, feliz, contente, na chegada. Lembre-se sempre disto: a melhor parte de qualquer viagem é a própria viagem.

Aquela mulher extraordinária me levou para a França para me ensinar aquela lição que jamais esquecerei: que não vale a pena ficar esperando o amanhã. O que tivermos de fazer de bom deve ser feito no nosso caminho, no nosso percurso, e não no nosso amanhã, porque talvez nem cheguemos a ele. Naquele dia me senti maravilhado com o mundo, com o verde das videiras, com o roxo das uvas, com o sol sobre nossa cabeça, com o louro dos cabelos de Margherit, com a luz doce dos olhos dela. Graças àquela mulher fiz lá o meu segundo grau, Vivi três anos na França, particularmente em Marselha, sempre com o apoio sistemático dela. E aquela cidade me recebeu muito bem, com todo o seu mar fantástico, o porto maravilhoso e com sua gente de todo mundo. Consegui me adaptar muito bem àquele país, completamente diferente do meu, porque ela jamais deixou de me dar apoio e assistência, e foi lá que pude frequentar uma escola normal, com amigos normais, africanos, árabes, judeus, e também com histórias tão interessantes e fantásticas como a minha. Lá não éramos excluídos ou estrangeiros, éramos estudantes. Cidadãos do mundo! E pelo fato de contar sempre, com muita paixão, as maravilhosas histórias do folclore brasileiro e todos se divertirem muito, ganhei o título de "Embaixador das Maravilhas", que era uma homenagem aos andarilhos da Idade Média que se atreviam a sair pelo mundo levando as notícias e as informações, numa

época em que a Europa era dividida em feudos, os caminhos, perigosos, e as histórias e notícias, passadas oralmente.

Terminei o segundo grau, e, como havia prometido, ela me trouxe de volta ao Brasil.

LIÇÃO N°12

NOÇÃO DE FAMÍLIA

Ninguém nasce do ovo ou do repolho, nem da cegonha. Sempre existiu uma história.

QUANDO MINHA MÃE SE VIROU,
OS OLHOS DELA ESTAVAM MAREJADOS; ELA ME RECONHECEU, TREZE ANOS DEPOIS..

Quando chegamos aqui, tive uma grande surpresa, porque ela havia me comunicado que tinha reencontrado a minha família. Eu já imaginava que não tinha família porque havia perdido todas as referências. Nunca mais havia visto meus pais e irmãos, mas Margherit me disse que eu tinha uma família e ela havia localizado o endereço dela. Se eu quisesse, era só falar com ela.

Fiquei mais de um mês trabalhando com a idéia de ter uma família, de resgatar a minha história, de retomar o contato com meus pais e irmãos, cujos laços haviam sido desatados fazia muito tempo. Confesso que o medo do reencontro me doeu muito. Sentia uma grande angústia por isso. Será que se lembrariam de mim? Será que ficariam felizes em me ver ou me atirariam pedras? De qualquer forma, Margherit, que eu considerava como uma mãe, teria de retornar para a França. Lá era o país dela, e eu deveria me afastar dela também. Tomei uma decisão e, ao fim de um mês de angústia e ansiedade, procurei-a e disse:

-Madame, eu quero o endereço da minha família.

-Que bom! — exclamou ela e me passou o endereço.

-Serrá melhorr parra você... Pelo menos você terá algumas respostas que, eu acredito, vão ajudá-lo a fecharr algumas lacunas incompreendidas da sua vida.

Na verdade, eu havia me armado de pedras para o reencontro com meu pai e minha mãe. Eram pedras simbólicas, porque eu queria agredir a minha família. Queria dizer que não precisava deles, que eles haviam me abandonado no momento em que eu mais precisava, e agora que eu estava bem talvez eles quisessem que eu voltasse para casa, mas eu não iria voltar

Eu me armei de pedras e fui procurar minha família. A viagem de ônibus até o meu bairro me pareceu uma eternidade. Ao saltar do ônibus, pensei em voltar e desistir; mas tinha de esclarecer algumas coisas. Respirei fundo e resolvi ir até o fim. A medida que eu subia as vielas daquela favela, fui identificando as pessoas, aqueles lugares, e as pedras que eu tinha levado foram aos poucos caindo pelo caminho. Mas tinha uma última pedra, que era para o meu pai e para a minha mãe porque eu tinha ainda uma última pergunta: "Por que um pai e uma mãe abandonaram um filho tão bonito, tão inteligente, tão interessante como eu numa escola como aquela chamada Febem?"

Quando me aproximei daquele barraco que reconheci de imediato, fui tomado por um sentimento muito forte de emoção. Para mim foi uma surpresa muito grande ver uma mulher no tanque, lavando roupa. E sabia muito bem quem era aquela mulher. Costumo dizer que coração de mãe é a coisa mais fantástica do mundo, porque aquela mulher que estava lavando roupa no tanque parou imediatamente de esfregar a roupa. Eu me lembro disso muito bem, como se fosse hoje. Ela levantou os olhos lentamente para a parede e começou a se virar como se sentisse que alguém a observava. Quando ela se virou e me viu, os olhos dela já estavam marejados e por incrível que pareça minha mãe me reconheceu, treze anos depois. Meu coração quase saltou pela boca, senti falta de ar, meus olhos encheram-se de lágrimas, minhas pernas tremeram. Eu tinha seis anos quando saí daquela casa. Agora tinha dezenove anos, e quando cheguei ali ela ainda me reconhecia. Minha vontade foi de sair correndo, de xingar de falar alguma coisa, mas ela veio caminhando em minha direção com as mãos cheias de espuma. Foi muito emocionante vê-la parar na minha. Eu sempre a via nos meus pensamentos muito grande, bem maior que eu, mas agora estava com o dobro da altura dela. Antes de me abraçar aquela mulher maravilhosa colocou o dedo em riste no meu nariz e disse:

-Olha, a assistente social da Febem me disse que os meninos (imaginem, ela ainda me chamava de menino) só saem de lá quando se tornam médicos, advogados ou dentistas. O que foi que você virou para estar aqui agora?

-Mãe, eu estou estudando para ser professor— respondi com a voz meio embargada por causa do nó na garganta, lutando para conter a imensa vontade de chorar

-Ela me abraçou e me disse, como se sentisse aliviada de um tormento que lhe perseguia:

-Graças a Deus, ainda bem que deu tudo certo. Não falei, meu filho, que ia ser melhor para você, não falei que ia valer a pena? Todo mundo me dizia que eu não deveria ter feito isso, mas eu tinha uma coisa dentro de mim que dizia que você ia ser alguém na vida! Você tinha uma luz que sempre me dizia: “Esse vai ser alguém na vida!”

Então a última pedra que tinha na mão caiu no chão, e naquele instante consegui abraçá-la novamente, e, sem que ela me falasse mais nada, a minha mágoa, a minha dúvida sumiram como num passe balsâmico de mágica e afeto, e ficou parecendo simplesmente que eu estava voltando para casa depois de um dia de aula. Descobri que um pai ou uma mãe só abrem mão de um filho por amor a ele. Meus pais abriram mão de mim por acreditar naquela instituição que, para eles, era uma grande referência no âmbito da educação, por acreditar nos profissionais que trabalham com aquelas crianças, por acreditar que aquelas pessoas são capazes de fazer muito mais do que eles poderiam fazer por mim dentro de casa, e, se eu os matei centenas de vezes por terem me colocado na Febem, eles morreram antes, milhares de vezes, por terem feito isso.

Consegui trabalhar de maneira muito interessante com a minha família. Reencontrei meus irmãos, que são pessoas fantásticas, simples, mas corretas e éticas, como meus pais, pessoas que trabalham, batalham cotidianamente. Reencontrei meu pai com a mesma emoção com a qual havia reencontrado a minha mãe. Meu contentamento e emoção eram muito fortes. Eu já tinha vários sobrinhos, e percebi que eu tinha realmente uma família, que eu tinha uma história, que eu tinha raízes.

Apesar do reencontro, continuei morando com Margherit, e nos encontrávamos sempre — eu, ela e minha velha-nova família. Pouco tempo depois ela teve de retornar para a Europa. Comecei a freqüentar a faculdade e estava certo de que quando completasse vinte e um anos eu voltaria para a França de uma maneira definitiva. Lá terminaria meus estudos e lá ficaria, no afa de construir uma carreira.

LIÇÃO N° 13

NOÇÃO DE CONTINUIDADE

Sozinhos não existimos. Meu pai contou para mim, eu vou contar para os meus filhos e para os meus netos.
Só assim a gente não esquece.

O APOCALIPSE...
MAS O MUNDO DÁ CERTAS VOLTAS QUE A GENTE NÃO IMAGINA.

Quando tinha vinte anos, aquela mulher fantástica sofreu, em Marselha, um aneurisma cerebral e faleceu. Eu estava iniciando o meu estágio de pedagogia na mesma escola em que fui interno, na própria Febem, quando recebi a notícia da morte dela. Na verdade, senti que o mundo havia desmoronado debaixo dos meus pés. Naquele dia havia recebido a notícia de que morrera a pessoa mais iluminada que eu havia conhecido.

Senti que não valia a pena continuar a viver. Fui tomado por um sentimento de revolta e achava que Deus havia sido muito injusto para comigo. Depois de me dar tantas coisas boas, me tirava o que era o meu maior tesouro. Lembro bem que era agosto, fazia um pouco de frio em Belo Horizonte, e eu estava saindo do meu trabalho agasalhado, muito triste, com uma vontade muito forte de chorar; espernear; chutar alguma coisa. Estava parado no ponto do ônibus quando se aproximou de mim um menino de mais ou menos nove anos. Era um daqueles pivetes, malandros, cheiradores de cola, daqueles que as pessoas falam que são casos irrecuperáveis. Aquele menino se aproximou de mim e me pediu um trocado. Eu disse que não tinha. Nem mesmo havia olhado para a cara dele para responder. Ele me pediu um cigarro, e eu respondi que não fumava. Ele me pediu a caneta emprestada, eu enfiei a mão no bolso da camisa, peguei a caneta e a entreguei para ele. Ele desenhou alguma coisa na mão e me mostrou. Eu disse, sem nenhum interesse ou qualquer emoção:

-Que bonito!

Mas ele protestou:

-Você nem olhou.

Eu voltei a observar o desenho e vi que ele havia feito um gatinho na palma da mão, e ele me disse:

-Você sabia que o gato é bonito, mas a pior coisa que tem é quando a gente anda na rua e as pessoas nem olham para a cara da gente. Até parece que a gente não existe!

Então olhei calmamente o rosto daquele menino e vi um brilho diferente nos olhos dele. Naquele dia em que recebera a notícia da morte da francesa tive coragem de convidar aquele menino para fazer um lanche na minha casa. Levei-o com a intenção de que aquela atitude me aliviasse de um peso na consciência, Eu o levei para casa certo de que ele comeria o lanche e iria embora; na verdade, eu estava com medo de ficar só. Naquele dia ele tomou o lanche, me pediu que o deixasse tomar um banho e eu permiti, Depois, ele pediu que o deixasse dormir. Eu disse:

—Tudo bem, mas amanhã você tem de ir embora.

Na manhã seguinte ao sair para o trabalho, deixei a porta aberta e pensei: “Ele vai embora, pode ser até que ele me roube alguma coisa, e eu terei uma boa desculpa para não ajudar mais as crianças. Se ele me levar alguma coisa, talvez até me sinta mais aliviado, e pelo menos ninguém poderia dizer que nunca fiz nada pelo meu próximo, como Margherit fez por mim”, Mas tive uma surpresa maior quando voltei do trabalho e vi que aquele menino ainda estava em casa. E foi ele quem me censurou:

—Você é louco? Como você deixa a porta da casa aberta? Alguém pode tentar entrar aqui e roubar. Eu queria ir embora, mas tive de ficar porque você deixou a porta aberta. Ainda bem que eu fiquei para tomar conta da casa.

Como já era tarde da noite, permiti que ele ficasse para tomar conta da minha casa, com a certeza de que no dia seguinte ele iria embora. E aquele que seria o dia seguinte se estendeu por uma semana, duas semanas, três semanas...

Nunca me havia passado pela cabeça a idéia de adotar uma criança. Então, pensei: “Quem sabe se eu me tornar uma pessoa chata ele vai embora por conta própria”. Planejei algumas situações, Poderia chegar do trabalho e dar ordens para ele lavar o chão e limpar o banheiro. Quando voltasse para casa, poderia acusá-lo de ter feito alguma coisa errada e poderia aproveitar a oportunidade para mandá-lo embora.

Porém, quando voltava para casa ele havia limpado o banheiro, lavado o chão e até as cortinas. Aquele garoto me dava sempre um pouco mais do que eu havia pedido. Por incrível que pareça, eu, que queria ajudar aquele menino, é que fui ajudado no período mais difícil da minha vida, aquele após a morte de Margherit. Ele acabou ocupando o meu tempo com perguntas idiotas, mas tão sinceras, que chegava a ser divertido responder a elas.

-Por que você não rasga a conta de luz? — perguntou- me certa vez.

-Rasgar a conta de luz?

-É, seu trouxa. Se você rasgar a conta de luz, quem vai provar que você gastou o que eles estão cobrando!?

E eu como sempre, tinha vontade de rir mas não o fazia, porque alguns anos atrás eu também achava que se a gente destruísse a prova de um crime ninguém poderia cobrar por ele. E ao mesmo tempo tentava ensinar-lhe sobretudo o ato fundamental, que difere um ser humano do outro: a possibilidade da escolha.

-Qual a marca do sabonete você quer que eu compre? -perguntava ele quando íamos ao supermercado.

-Para mim pode ser este aqui, que é mais caro um pouquinho, mas é delicioso! O seu pode ser unzinho aí qualquer! — provocava eu.

-Por que o seu tem de ser o mais cheiroso e o meu, um qualquer? — indignava-se ele.

-Porque eu sei escolher; e você insiste em dizer que não sabe. Pois, enquanto você não souber escolher; sempre vão escolher para você e com certeza vão sempre escolher o pior!

-Então, a partir de hoje eu escolho o meu sabonete — decretou ele.

-Tudo bem, e isso se aplica também para o xampu, pasta de dente, votação para prefeito etc.

Três meses se passaram, e aquele menino continuava em casa. Então fui comunicar ao juiz de menores que um ex-interno da Febem, naquele momento, em situação social de abandono, estava na minha casa, e quis saber qual seria a providência que eu deveria tomar Foi uma surpresa maior quando o juiz me deu a guarda do menino. O juiz alegou que aquele menino tinha um histórico de muitas fugas da Febem e não havia fugido da minha casa em três meses; então propôs que eu o adotasse. Foi uma surpresa, porque sempre me disseram que os processos de adoção eram demorados e estressantes, mas o juiz justificou que infelizmente no Brasil as pessoas só queriam adotar crianças recém-nascidas, e por causa desse fato as instituições estavam repletas de crianças acima de quatro anos e já consideradas inadotáveis. E, acima de tudo, as recém-nascidas brancas eram as preferidas, em detrimento das negras.

-Isso lhe lembra alguma coisa? — perguntou-me o magistrado sarcasticamente.

-Me lembra toda a minha infância, meritíssimo!

Resolvi acatar a sugestão do juiz, e, naquele mesmo dia, comprei o nosso primeiro fogão. Eu comia no bandeirão da faculdade. Ele fazia o lanche em casa, que eu comprava na padaria. Uma tarde, ele ligou muito feliz para o meu trabalho, dizendo:

—Tio, o fogão que você comprou já chegou. Tem seis bocas, a gente roda o botão e ele acende sozinho. Olha, eu até comprei uma galinha para fazer o nosso primeiro almoço. Você não quer almoçar em casa?

Fiquei muito feliz e pensei: “Olha só, o Alexandre só tem nove anos e sabe cozinhar. Pelo menos, é uma coisa boa”.

-Tudo bem, Alexandre, na hora do almoço vou para casa comer a galinha.

Quinze minutos depois ele ligou novamente e disse:

-Tio, já liguei o fogão e botei a panela no fogo. A água está fervendo e a galinha está viva. Só que tem o seguinte: eu afogo a galinha viva na água quente ou tiro as penas dela primeiro?

Não sabia se ria ou se chorava, e perguntei:

-Alexandre, você não sabe fazer galinha, não?

-Não, o senhor nunca me ensinou — respondeu ele.

Aquela resposta foi como se ele tivesse me dado um tapa no rosto. Como eu poderia exigir coisas que eu nunca havia ensinado àquele menino? Então, disse calmamente:

-Faça o seguinte: amarre a galinha no pé da mesa e vá comer na padaria. Quando eu chegar à noite eu lhe ensinarei a fazer a galinha. Preste atenção — repeti —, amarre a galinha no pé da mesa e vá comer na padaria.

Com aquele menino, se eu falasse uma vez só, ele seria capaz de carregar a mesa com a galinha amarrada para a padaria e depois comer a galinha em algum outro lugar. O processo de educação consistia em repetir aquilo em que eu acredito, insistentemente, diariamente, até convencê-lo de que aquela era a melhor forma.

Naquela noite ensinei Alexandre a fazer o nosso primeiro “jantar francês”: um arroz salgado, um feijão queimado e comemos à luz de velas. Eu, ele e a galinha. Foi um jantar fantástico, com direito a guardanapo no colo e vela acesa em cima da mesa. A galinha, não tivemos coragem de matar, e ela foi o nosso primeiro bicho de estimação. Nesse processo de ensinar ao meu filho Alexandre alguma coisa, consegui obter muito sucesso. Hoje ele tem vinte e sete anos, é uma pessoa fantástica, um filho fabuloso, um excelente jardineiro, e, se Deus quiser uma pessoa que vai ter muitas conquistas na vida.

LIÇÃO Nº14

NOÇÃO DE “EXTRAORDINARIEDADE”

A diferença do comum ou ordinário para o extraordinário está no algo mais denominado “extra”.

A IDEIA ERA CONSTRUIR UM CASTELO,
MAS COMO NO BRASIL É CONSIDERADO MEIO BREGA, CONSTRUÍMOS UMA CASA DE TRÊS
ANDARES, ESTILO COLONIAL, COM PISCINA...

Depois do Alexandre veio o Moisés, um menino que tinha dez anos quando o conheci. Eu trabalhava na Febem, e me contaram sobre um menino que falava com a língua presa. Pedi a uma colega fonoaudióloga que fizesse uma avaliação daquela criança, e a resposta foi bombástica: ele, na verdade, tinha a língua presa porque ouvia mal. Tinha um problema de audição. Conseguimos um tratamento para ele, e por incrível que pareça ele foi fazer a convalescença na minha casa. E o que seria apenas uma semana de convivência se estendeu por dez anos.

Depois do Moisés veio o irmão dele, chamado Abraão. Já que eram irmãos, o juiz me perguntou se eu poderia ficar com ambos, e eles ficaram juntos, morando comigo. Em seguida, veio o Cléber que foi um caso muito interessante. Na época ele tinha doze anos, usava drogas e já não era meu aluno da Febem. Ele pertencia a uma outra escola da qual fui diretor. Era um caso que batizamos de “sebinho”, porque ele era uma cola, um sebo que ficava grudado em todo mundo. Possuía uma carência à flor da pele. Tinha uma deficiência muito grande na leitura, mas insistia que queria ler corretamente. Então o Cléber ficava o dia inteiro andando com um livro nas mãos. Quando a escola fechou, ele foi parar novamente na rua. Quando voltei para casa, confesso que não conseguia dormir; pois ficava imaginando que aquele menino, que havia sido meu aluno, estava dormindo na rua e poderia estar enfrentando muitos problemas, correndo muitos riscos.

Muito angustiado, vivia pensando: “Como posso colocara cabeça no travesseiro e dormir tranqüilamente fingindo que não sei da história daquele menino”. Levantei-me de madrugada e fui à sua procura pelas ruas de Belo Horizonte.

Encontrei-o umas três ou quatro horas depois, drogado, muito sujo, com os cabelos desgrehados. Aproximei-me dele e o convidei a ir para minha casa. Ele me disse que não iria, pois se sentia bem na rua. Voltei para casa bastante preocupado com a situação daquele garoto, mas não me dei por vencido. No dia seguinte voltei a procurá-lo e consegui convencê-lo a ir para minha casa. Mas como ele tinha o problema do uso de drogas eu não me sentia suficientemente preparado para trabalhar com aquela situação. Ele ficou uns três ou quatro dias comigo e depois voltou para a rua. Só consegui conquistá-lo um dia em que ele estava totalmente drogado, sentado na linha de trem, e eu me sentei ao seu lado. Ele me disse:

-Me deixa, para mim não tem jeito. E melhor eu morrer

-Tudo bem, se você não se importar eu vou morrer com você, pois se eu souber que você vai ficar aqui a minha vida não terá mais graça e eu quero morrer junto com você - respondi chorando.

Ele olhou para mim e começou a chorar e rir ao mesmo tempo. Acho que ele percebeu que eu realmente gostava dele. E acabei levando-o para casa. Hoje o Cléber tem vinte e quatro anos, é uma pessoa fundamental na minha casa, na propagação das minhas idéias e conseqüentemente na minha vida. Entende muito bem de etiqueta francesa e se tornou um garçom muito competente.

Depois do Cléber veio o Nilton, que conheci quando fazia visitas às escolas da Febem pelo interior de Minas. Ele tinha um problema na fala, ele conversava gaguejando. Era um garoto que possuía um olhar muito vivo, muito atento. Depois que nós nos conhecemos, ele começou a freqüentar a nossa casa cotidianamente e era muito comum ele ficar hospedado lá nos finais de semana. Quando completou catorze anos, Nilton foi desligado de uma unidade da Febem. Assim, foi morar em uma república com outros ex-alunos da instituição, justamente no bairro onde eu morava com os meus filhos. As visitas dele, que eram mais constantes nos finais de semana, passaram a ser diárias. Por algum motivo, do qual não tenho lembrança, a república onde Nilton morava teve de ser fechada, e a solução, para o garoto, era o retorno

para a Febem. Ele me procurou e perguntou-me se poderia ficar na minha casa por um período, até resolver a sua situação. Eu concordei e providenciei, naquela pequena quitinete onde morávamos, três beliches para comportar toda a turma, que a essa altura estava muito grande para tão pouco espaço.

O nosso apartamento era tão pequeno que cada um de nós tinha direito a exatamente dois metros quadrados, nada mais que isso. Mas éramos bastante organizados e o mantínhamos sempre muito bem limpo e conservado. Porém, sentíamos a necessidade de mudar para um local mais amplo. Surgiu então o projeto de construirmos a nossa própria casa. Assim nos veríamos livres do aluguel, e moraríamos num local maior e mais aconchegante. Planejei, desde o início, construir uma casa muito bonita, bem grande, mas não tinha certeza se aqueles meninos conseguiriam me acompanhar nesse projeto, já que todos ganhavam muito pouco e viviam em situação precária de trabalho. Fizemos uma reunião para discutir o projeto, começamos a poupar e juntar todas as nossas economias. Comecei então a desenhar a casa, e um dos meninos me fez a seguinte proposta:

-Você nos disse que, se tivermos força de vontade e projeto, nós podemos sempre conseguir o que quisermos. Por que a gente não constrói então um castelo?

-Acho que castelo está fora de moda. Não se usa construir castelo no Brasil — respondi, achando graça da proposta do garoto, mas ao mesmo tempo eu me sentia feliz pelo interesse dele.

-Mas tem jeito de construir uma casa de três andares, estilo colonial, com piscina? — insistiu ele.

-Tem, desde que a gente tenha um projeto... e sonho. Nunca se esqueça do sonho.

Essa foi a minha resposta, pois sempre acreditei nisso. Não avançamos na vida sem projeto, sem criar uma perspectiva.

E foi com essa resposta que eu vi um brilho fantástico naqueles olhos, como se dentro de cada um estivesse sendo instalado um vulcão de possibilidades, que até então ninguém se atrevera a despertar

Enfim, fizemos o projeto de construção daquele que seria o nosso castelo: uma casa de três andares, estilo colonial, com piscina. Escolhemos levantá-la em uma cidade vizinha, pertencente à região metropolitana de Belo Horizonte, chamada Ibitité, que em tupi-guarani significa “terra firme”. Ao iniciarmos a construção outros meninos começaram a se aproximar porque todos tinham interesse em possuir uma casa de três andares, com piscina. Assim, apareceu o Vanderlei, depois o Flávio, que foram meus alunos num outro abrigo que havia sido desativado e por isso também estavam na rua e sem destino, e confesso que tive medo nessa época, pois os dois eram bem maiores que os demais e já adolescentes

Acostumados com a rua, o Flávio, especialmente, apelidado de “Olhos de Gato”, vivia procurando briga por qualquer motivo, por mais banal que fosse. Já se achava independente, não gostava de obedecer às ordens, mas um dia, depois de sofrer um acidente, levou vinte pontos na mão e, como não tinha para onde ir veio morar conosco, sendo, é claro, escoltado pelo seu fiel parceiro Vanderlei, e por incrível que pareça acreditaram na idéia de ter uma casa onde eles teriam um quarto e fariam parte de uma família. Depois apareceu um outro garoto também chamado Flávio, encaminhado pelo Juizado de Menores. Este havia perdido os pais e estava morando em um barraco abandonado juntamente com o irmão, o Leandro. Foi uma surpresa quando vi os dois chegando à nossa casa, porque a assistente social me havia falado somente do Flávio, muito desconfiados e com sérios problemas de uso de drogas e alcoolismo.

Depois dos dois irmãos, vieram Marco Túlio, o inquieto, Washington e Josafá (irmãos), Advaldo, Fernando e Gilson (irmãos) e Florisvaldo, que foi um filho muito querido, mas complicado, dono de um sorriso muito bonito e com sérios problemas de aprendizado. Ele não chegou a ficar muito tempo conosco.

Acabou voltando para as ruas inúmeras vezes, sempre à procura de alguma coisa que nem ele mesmo sabia o que era, até que finalmente, de uma maneira estúpida, encontrou um daqueles seres humanos da idade das trevas que deu cabo da sua curta, mas intensa vida.

Todos ajudaram a construir a casa. Com muita luta e esforço, a casa ficou pronta após três anos. Como nós não tínhamos dinheiro suficiente, por um momento chegamos a catar pape! nas ruas e nas empresas para vender Fizemos uma campanha organizada, e chegamos a juntar trinta e oito toneladas de jornais e revistas. Depois fizemos reciclagem de latinhas de cerveja e refrigerante. Por incrível que pareça, com todo esse esforço conseguimos construir a nossa tão almejada casa. E daquele minúsculo espaço que ocupávamos anteriormente, onde cada um tinha direito a exatamente dois metros quadrados, tornamo-nos proprietários de uma mansão: a casa que nós construímos, que nós projetamos desde o início. E ainda me lembro do dia em que nos reunimos para desenhá-la e um dos meninos me propôs a construção de um castelo.

A nossa casa é muito grande, como já disse. Tem três andares, estilo colonial, e piscina. Temos até um cachorro que nos espera abanando o rabinho. Tudo foi feito com muito sofrimento, mas com muito amor. Havia muita dignidade nas mãos cheias de calos, os olhos dos meninos brilhavam. A luta foi intensa, mas nunca pensamos em desistir As vezes nosso lanche não era muito bom e comíamos apenas pão com manteiga. Outras vezes comíamos pão puro e uma banana. Tomávamos água quente porque não tínhamos geladeira. Mas quando a casa ficou pronta e entramos nela tivemos uma sensação maravilhosa, porque estava ali a realização de um grande sonho, onde cada um dos meninos tinha um quarto. Foi nesse momento que sentimos o quanto nosso esforço tinha valido a pena.

Um dos garotos, o Cléber me disse ao pisar na casa:

-Olha, essa casa é tão grande que eu tenho até medo de ficar sozinho no quarto. Vamos fazer uma coisa para que a gente não fique só na vida? Cada um de nós deve ter o direito de convidar mais um menino para morar aqui conosco.

Espantado com tal proposta, reagi de imediato:

-Epa! Calma lá! Que negócio é esse?

-Deixa-me explicar Cada um de nós tem o direito de convidar um menino para morar aqui. Só que esse menino não vai poder ficar o resto da vida aqui, não, porque esta casa nós construímos com muito sacrifício e só nós é que temos noção das dificuldades que enfrentamos. Só nós é que pegamos na massa. Então os outros meninos que virão morar conosco ficarão um tempo aqui e vamos ensiná-los a ser gente de bem. Quando eles se tornarem gente de bem, vamos colocar na cabeça deles a idéia de que eles também têm o direito de construir uma casa própria. Pode ser no alto de uma favela ou no alto de uma colina, como a nossa. Quando a casa deles estiver pronta esses meninos poderão se mudar Mas a casa será deles somente se um dia eles também adotarem outros meninos e fizerem a mesma coisa que a Margherit fez com o senhor, o senhor fez com a gente e nós fizemos com eles.

Naquele dia meus olhos se encheram de lágrimas e eu chorei que nem gente grande, porque me lembrei da Margherit. Tive vontade de falar para o Cléber: "Ah! meu pequeno! Agora você entendeu a essência da vida!" Porque a essência da vida não está simplesmente no conquistar mas no partilhar o que se tem. Graças ao Cléber fundamos o que seria, na nossa casa, uma irmandade. Nós acreditamos nas mesmas coisas. Acreditamos em Deus, sobre todas as coisas. Acreditamos na capacidade que todo ser humano tem de transformar a própria história porque não existem pessoas irrecuperáveis ou que são

eternamente problemas. Existem, sim, pessoas que não tenham sido amadas, compreendidas ou recebido oportunidades adequadas na vida. Se nós amarmos adequadamente as pessoas, se compreendermos mais as pessoas e lhes garantirmos melhores oportunidades de vida, elas poderão nos surpreender de uma maneira muito positiva.

Outra coisa que aprendi e passei para os meus filhos é que cada um de nós traz a rédea de seu próprio destino. Nós não podemos culpar ninguém por nossa tristeza, por nossas mágoas e angústias, porque o destino de nossa vida está realmente em nossas mãos. Nós é que conduzimos nosso destino. Se não estivermos nos sentindo bem em algum lugar; temos direito de fugir cento e trinta e duas vezes, se necessário. Nós temos de procurar a nossa felicidade. Então, a rédea do destino está em nossas mãos. Nós somos os únicos responsáveis pelos nossos atos. E acreditamos sobretudo que a oportunidade de crescimento de cada ser humano deve ser regrada abundantemente com essas poções mágicas que, acreditem vocês, realmente funcionam, porque elas extrapolam o simples, o convencional, o ordinário. E transformam tudo o que tocam em extraordinário, bastando simplesmente um extra de solidariedade e afeto, que hoje chamamos de amor.

LIÇÃO Nº- 15

NOÇÃO DE MAGNANIMIDADE

Cada um dá o que tem de melhor.

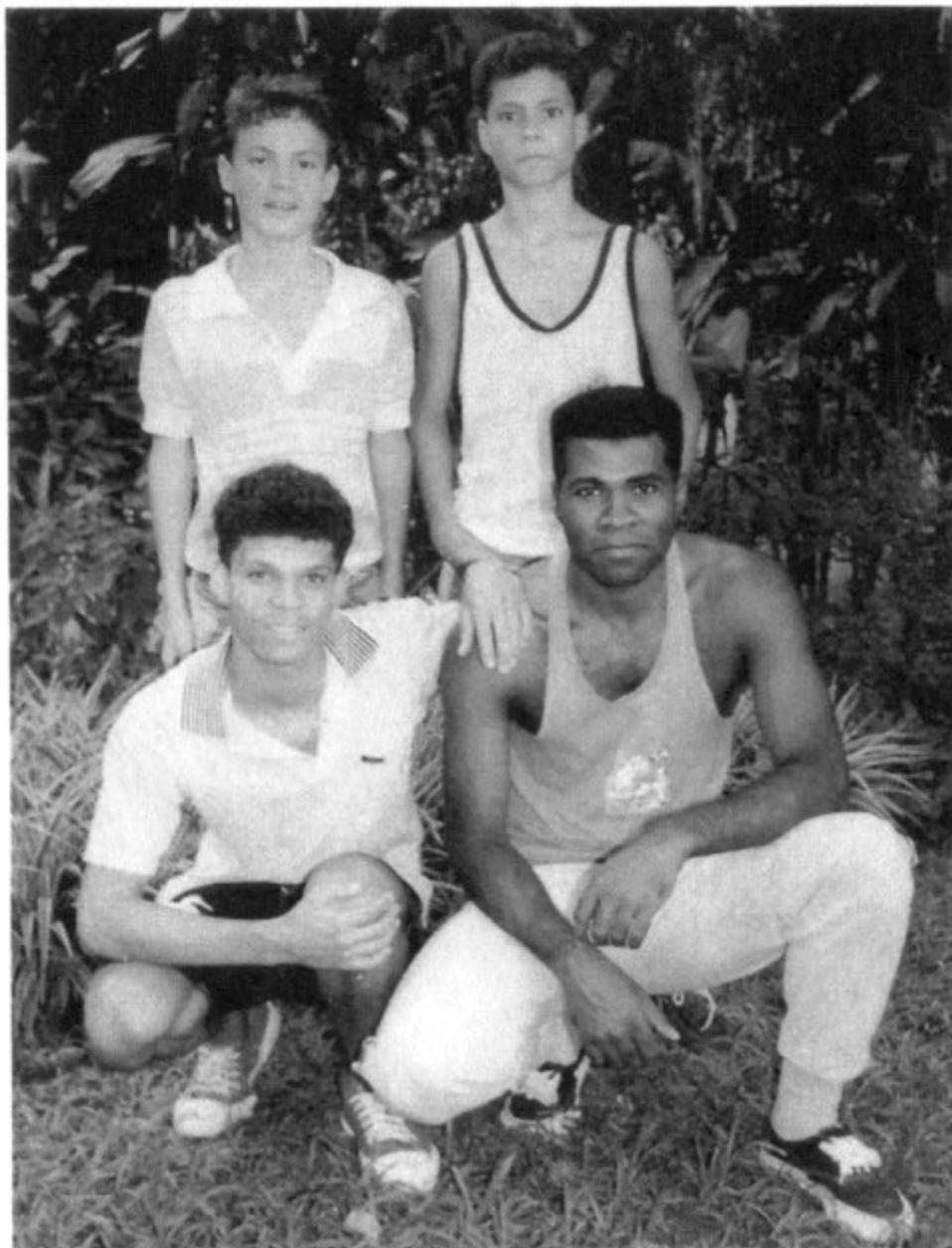
E MANDARAM PARA ELA UMA BANDEJA CHEIA DE FEZES...

E como contador de histórias não poderia terminar este livro sem uma das minhas preferidas, que, acredito, sintetize bem tudo o que disse:

Certa vez, numa biblioteca, li a biografia de uma mulher brasileira extraordinária, chamada Dona Beja. Para quem não sabe, Dona Beja foi uma cortesã de Araxá. Ela recebia os homens na sua chácara e percebeu que lá não existia um movimento muito grande. Então ela começou a pensar no que poderia fazer para atrair mais homens para a chácara. Ela se reuniu com as moças que lá trabalhavam e lhes disse: "Quando chegar um homem aqui, vocês não podem ficar fazendo hora. Vocês têm de fazer o que sabem de melhor no primeiro instante. Se vocês fizerem bem feito, os homens vão ficar tão impressionados que vão querer voltar sempre".

Eu não sei o que as moças que trabalhavam no bordel faziam com os rapazes, mas, seja lá o que for elas faziam bem feito, porque aqueles homens ficavam impressionados e voltavam sempre. Havia damas que valiam ouro, simplesmente para dar prazer por uma noite apenas. Essa prática da Dona Beja começou a causar mágoa, despeito, muita inveja, e até provocar brigas entre as pessoas da cidade. Mas a maior briga foi provocada pelas virgens de Araxá. Contam que as virgens, com o intuito de humilhar Dona Beja, pegaram uma bandeja de prata, defecaram nela e a enviaram como se fosse um presente para a cortesã. Quando Dona Beja recebeu o humilhante presente, não se abalou. A atitude dela foi sensata e inteligente: ela simplesmente jogou as fezes, lavou a bandeja, foi até o jardim, colheu as rosas mais belas que encontrou e colocou-as na mesma bandeja e mandou devolver para as virgens, com um bilhete:

"Cada um dá o que tem de melhor"



Abraão, Moisés, Alexandre e Roberto Carlos.



Flávio Henrique, Roberto Carlos, Florisvaldo, Marco Túlio, Gilson, Josafá e Washington.



Fernando, Cleber, Roberto Carlos, Gilson, Washington, Josafá.



Flávio, Nilton e Vanderlei.